



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Victor Orlando Milezzi

Companheira Patricia: a crise da Nova República vista por uma liderança da Ocupação
Contestado

Florianópolis

2024

Victor Orlando Milezzi

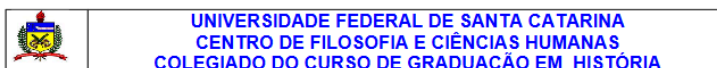
Companheira Patricia: a crise da Nova República vista por uma liderança da Ocupação
Contestado

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientadora: Profa., Dra. Glaucia Cristina Fraccaro

Florianópolis

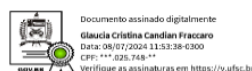
2024



ATA DE DEFESA DE TCC

Ao primeiro dia do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro, às dezoito horas e trinta minutos, na sala trezentos e vinte e quatro do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Gláucia Cristina Candian Fraccaro, Orientadora e Presidente, pelo Professor Lucas Porto Marchesini Torres, Titular da Banca, e pelo Professor Jefferson Adriano Maier, Suplente, designados pela Portaria nº 11/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Victor Orlando Milezzi**, subordinado ao título: **”Companheira Patrícia: a crise da Nova República vista por uma liderança da Ocupação Contestado”**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Gláucia Cristina Candian Fraccaro a nota final 10, do Professor Lucas Porto Marchesini Torres a nota final 10 e do Professor Jefferson Adriano Maier a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia oito de julho de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

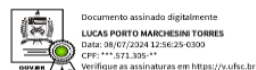
Florianópolis, 1 de julho de 2024.



Banca Examinadora:

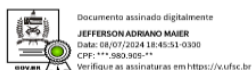
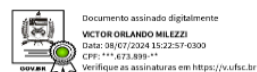
Prof.a Gláucia Cristina Candian Fraccaro

Prof. Lucas Porto Marchesini Torres



Prof. Jefferson Adriano Maier

Candidato Victor Orlando Milezzi





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Victor Orlando Milezzi ,matricula n.º 18101275, entregou a versão final de seu TCC cujo título é “Companheira Patricia: a crise da Nova República vista por uma liderança da Ocupação Contestado”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 8 de julho de 2024.



Documento assinado digitalmente

Glaucia Cristina Candian Fraccaro

Data: 08/07/2024 18:59:48-0300

CPF: ***.025.748-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientadora

AGRADECIMENTOS

Sou grato à companheira Patricia e ao companheiro Dagoberto, que não apenas aceitaram essa jornada de pesquisa como me receberam com toda hospitalidade em sua casa e estiveram presentes na minha defesa. Minha mãe, Regiane, minha irmã Giulia e minha companheira de vida, Laura, me apoiaram de diversas formas que tornaram esse trabalho possível, para que eu não quebrasse, para que as coisas fossem mais fáceis. Minha orientadora, professora Gláucia, que escolhi por compartilhar os mesmos valores ético-políticos de uma historiografia militante. As leituras indicadas, os retornos, todo o processo de fazer esse trabalho mudou minha forma de ver a história. Aos membros da banca, Jefferson e Lucas, obrigado por indicarem novas possibilidades de aprofundar a pesquisa. Por fim, às Brigadas Populares e à Ocupação Contestado, por serem os espaços que me permitiram participar na luta pela libertação do povo brasileiro.

Cada geração, numa relativa opacidade, deve descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la.

(Frantz Fanon, 2022, p, 207)

RESUMO

Este trabalho aborda a trajetória de Patricia de Oliveira, uma liderança da Ocupação Contestado e militante das Brigadas Populares, com foco no período entre 2012 ao presente, o período da Crise da Nova República. Os objetivos são explorar suas concepções de direito, cidadania, visão sobre atores políticos e estratégias utilizadas, no nível da comunidade e nacionalmente nesse intervalo de tempo. Por fim, vamos analisar a hipótese da incapacidade de criar a “democracia como forma de vida” como explicação para a Crise da Nova República. Nossas fontes são três entrevistas, uma acompanhada de seu companheiro, Dagoberto Rita, e duas sozinha. Temos como referência outros trabalhos de história oral, estudos raciais e de gênero.

Palavras-chave: Nova República, História Oral, História das Mulheres, Ocupações Urbanas, Ocupação Contestado

ABSTRACT

This work addresses the trajectory of Patricia de Oliveira, a leader of the Ocupação Contestado and militant of the Brigadas Populares, focusing on the period between 2012 and the present, the period of the Crisis of the New Republic. The objectives are to explore their conceptions of law, citizenship, vision of political actors and strategies used, at the community level and nationally in this period of time. Finally, we will analyze the hypothesis of the inability to create “democracy as a way of life” as an explanation for the Crisis of the New Republic. Our sources are three interviews, one accompanied by his partner, Dagoberto Rita, and two alone. We have as reference other works of oral history, racial and gender studies.

Key-words: Nova República, Oral History, Women History, Urban Occupations, Ocupação Contestado

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Antes	24
3 Patricia na ocupação: construindo uma família em um país hostil	32
4 As ideias da companheira Patricia: utopia e território	56
5 Considerações finais	72
Referências	75
Apêndice 1	82
Apêndice 2	133

1 Introdução

Na campanha eleitoral para a prefeitura de São José (SC)¹ (Magalhães e Tonin, 2015) em 2012, Dário Berger, irmão do candidato ao executivo Djalma Berger, prometeu a suspensão de um processo de despejo contra famílias que estavam morando em um terreno da imobiliária Suvec. A propriedade ficava no Bairro José Nitro, na periferia da cidade, próximo a Biguaçu e à Avenida das Torres. A promessa, feita em um comício, era de que todo o terreno seria destinado à moradia para as famílias que estavam lá. Isso fez com que muitos que viviam de aluguel, ou moravam de favor e até algumas pessoas em situação de rua, migrassem para o imóvel. O discurso foi capturado pelo Centro de Mídia Independente (CMI), mas atualmente não se encontra mais online. No entanto, no artigo de Magalhães e Tonin (2015), é citado seu teor:

Hoje os companheiros estão com uma ordem de despejo. Então a partir já de setembro, como foi assinado o decreto, essa possibilidade de despejo, ela não existe mais (pausa para aplausos e comemoração dos presentes ao comício). Portanto, a prefeitura vai indenizar o terreno, vai legalizar o terreno e vai dar o terreno para os proprietários que estão em cima do terreno ali da Imobiliária Suvec (mais aplausos e comemoração dos presentes) (CMI, 2012, apud Magalhães e Tonin, 2015).

Entre as pessoas que souberam do discurso e ocuparam o terreno, estava Patricia de Oliveira. Na época, Patricia era cozinheira, morava de aluguel e era casada com o músico Dagoberto Rita. Para a então mãe de quatro filhos, um recém-nascido, o terreno surgia como uma promessa de melhor conforto financeiro. Patricia juntou uns pedaços de madeira e uma lona para ocupar a terra prometida. Neste trabalho, vamos abordar a história de como essa mulher negra que trabalhava de se transformou numa liderança política, atravessando o período entre 2013 e 2023, marcado pelas crises econômicas e políticas em escala nacional².

Com a derrota de Berger para a candidata Adeliana dal Pont, por 61,19% a 33,03%³, a ordem de despejo foi executada em uma operação envolvendo 200 efetivos da Polícia Militar. As famílias desabrigadas tiveram de se mudar para o ginásio Municipal no Jardim Zanellato, em condições sanitárias degradantes, sem direito à privacidade. O ginásio sequer parou suas atividades, com jogos e eventos acontecendo na presença dos relutantes hóspedes. O despejo

¹ MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; TONIN, Vitor Hugo. Segregação socioespacial e luta por moradia na grande Florianópolis: raízes e características da ocupação contestado. Revista de Ciências Humanas, [S.L.], v. 49, n. 2, p. 224, 15 nov. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n2p224>>. Acesso em: 22 de jun. 2024.

² Exploramos a caracterização desta crise na literatura nas seções de discussão teórica e justificativa.

³ Apuração das eleições 2012 em São José. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/apuracao/sao-jose.html>>(G1 SC, 2012)

truculento logo acionou um conjunto de atores políticos, movimentos e organizações, que criaram uma rede de apoio para dar suporte às famílias. O que se passou naquele mês é descrito desta forma por pelos pesquisadores Luís Ayres Magalhães e Vitor Hugo Tonin (2015):

Ao longo daqueles 26 dias, o acúmulo das tensões entre os moradores, ocasionadas pelas péssimas condições de abrigo, mostrava que o instrumento da luta pela moradia não poderia se restringir apenas às reivindicações mais pontuais e à pressão institucional, mas que deveria, também, apontar para ações diretas, dentro ainda do marco da legalidade; porém, com maior capacidade de intervenção direta na apropriação do espaço. Este instrumento é a ocupação urbana. Assim, na madrugada do dia 06 ao 07 de novembro de 2012, cerca de 80 famílias deslocam-se do Ginásio do bairro Jardim Zanellato, localizado na rua Nossa Senhora dos Navegantes, até terreno próximo à rua Afrísio de Senna Vaz, no loteamento paralelo ao Jardim Zanellato, o Jardim Araucária. Do Ginásio, após 26 duros dias, à nova terra prometida, foi realizada uma caminhada de 900 metros de muito significado no contexto da retomada das ocupações urbanas organizadas na Grande Florianópolis.

Nascia a Ocupação Contestado, cujo nome faz referência ao movimento político e religioso homônimo ocorrido entre os anos 1912 e 1916. Essa ocupação se destaca pela duração no mesmo território (são 11 anos no mesmo terreno do bairro Araucária). Nela atuaram, por alguns anos, o Coletivo Anarquista Bandeira Negra (CABN), o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e as Brigadas Populares (BP). Destes, apenas as Brigadas Populares manteve uma militância contínua e orgânica dentro da ocupação, inclusive recrutando moradoras que passaram a contribuir ativamente com a organização⁴.

Fundadas a partir da fusão dos coletivos Autocrítica, Movimento Revolucionário Nacionalista, Coletivo 21 de Junho e das Brigadas Populares⁵ de Minas Gerais, as novas BP são uma organização socialista, nacionalista-revolucionária no espectro da esquerda radical (Sabrina Fernandes, 2019). Em Santa Catarina, ela se desenvolveu a partir de um coletivo estudantil (Coletivo 21 de Junho), que fazia investidas fora da universidade⁶. A atuação no Contestado foi, nesse sentido, um divisor de águas, pois marcou a primeira atuação em que as Brigadas Populares de Santa Catarina (BPSC) se colocaram como a principal referência política numa comunidade periférica.

⁴ MAIER, Jefferson Adriano. Lutar, criar: experiência de organização política dos moradores da Ocupação Contestado, São José - SC. PPGPLAN - Udesc. Florianópolis: 2022. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/7187/1_disserta_o_jefferson_maier_revis_o_final_2_1671659_3895256_7187.pdf> Acesso em: 22 de jun. 2024.

⁵Para mais informações: Brigadas Populares, “Manifesto e programa”. Disponível em: <<https://brigadaspopulares.org.br/manifesto-e-programa/>> Acesso em 22 de jun. 2024.

⁶ A fusão das Brigadas Populares, bem como sua história nos diferentes estados, é um assunto pouco explorado nos estudos de ciências humanas, especialmente em Santa Catarina. Por falta de documentação, podemos atestar apenas que havia um coletivo estudantil, que este coletivo se tornou as Brigadas Populares de Santa Catarina e que a partir de 2012 conseguiram fazer um trabalho político consistente na Ocupação Contestado.

As BP pretendem ser uma organização militante, popular e de massas, segundo seu manifesto. Isso significa que, para fazer parte das Brigadas Populares, é preciso realizar alguma forma de intervenção ativa na realidade (militante), que a organização pretende organizar todos os setores oprimidos e explorados do povo (popular) e que pretende unir uma grande quantidade de pessoas com níveis diversos de compromisso com o agrupamento político (de massas). Destacamos que essas três palavras são um horizonte político buscado pela organização, não um diagnóstico de sua configuração atual. Como diz o manifesto⁷:

Entendemos que a forma de organização deve sempre atender às necessidades da luta de classes. Não se confundindo com princípios, deve ser constantemente avaliada e atualizada com o intuito de melhor responder as demandas de cada contexto histórico e político. A flexibilidade da organização revolucionária em seus métodos de funcionamento está fundamentada no caráter histórico e dinâmico que assumem as formações sociais e seus desdobramentos sobre a vida cotidiana e as formas de manifestação do poder do Bloco Dominante.

Patricia foi a primeira moradora da Ocupação Contestado a efetivamente entrar para as BP e a única a se manter entre os quadros orgânicos entre 2012 e 2023. Nesse período participou de assembleias, formações, campanhas eleitorais, polêmicas envolvendo questões de raça, gênero, conjuntura política e a formação social do Brasil. Também nesse período, tornou-se uma liderança reconhecida não apenas dentro da Ocupação Contestado e das BP, mas no movimento de luta por moradia na Grande Florianópolis. Formulou posições políticas a partir do que viu na Ocupação Contestado e nas BP, mas também pela vivência anterior. Como trabalhadora, mulher negra e militante de ocupação, enfrentou em Santa Catarina um ambiente progressivamente mais hostil.

Propomos, então, um estudo da trajetória de Patricia, analisando quais questões apareceram para ela como liderança de movimento social e como sujeita histórica. O interesse surgiu em função da proximidade da Ocupação Contestado com minha casa, o que me levou, depois, a entrar nas BP e militar no Movimento Estudantil. A partir do entendimento de que a organização estava contribuindo para a luta de uma comunidade próxima, entendi essa militância como uma conexão entre dois polos da minha vida – a graduação na UFSC e meu bairro -, separados por 1h30 de ônibus. Assim, este trabalho foi uma escolha ético-política sobre meu papel como futuro historiador formado em uma universidade pública, mas também é um gesto de admiração por uma companheira de militância.

A pergunta central deste trabalho é: o que a trajetória de Patricia tem a dizer sobre a crise da Nova República? Isso exige uma caracterização tanto da Nova República quanto de

⁷ BRIGADAS POPULARES, *Manifesto e programa*. Disponível em: <<https://brigadaspopulares.org.br/manifesto-e-programa/>> Acesso em: 07 de nov. de 2023.

sua crise. A Nova República é uma periodização utilizada para se referir à história brasileira a partir da redemocratização. Esse período varia de acordo com as perspectivas, mas a promulgação da Constituição de 1988, o primeiro governo civil com Sarney e as primeiras eleições diretas para presidente parecem ser os marcos mais relevantes dentro da literatura para definir o início da NR. Sua fundação, portanto, está ligada ao estabelecimento de uma democracia liberal no Brasil, em contraposição aos anos da ditadura. Roberto Santana Santos (2019) argumenta que a Nova República é uma superestrutura política necessária para aplicar o consenso de Washington. Ao mesmo tempo, a chamada Constituição Cidadã é resultado das lutas políticas do período da redemocratização. Ela é caracterizada pela formação de um consenso em torno da democracia, embora seu significado seja interpretado de formas diferentes e contraditórias pelos atores envolvidos no processo constituinte. Essa democracia, no entanto, estaria alicerçada pelos direitos sociais, que incluiriam no sistema político a classe trabalhadora e os setores da sociedade marginalizados do processo produtivo. Desde o início, para muitos autores e autoras, é possível considerar que existe uma tensão entre a agenda de reformas progressistas colocadas no texto constitucional e a realidade da política institucional do país⁸.

Marcos Nobre (2013) descreve a dinâmica da política na Nova República através da ideia de peemedebismo, se referindo ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)⁹, que atualmente alterou seu nome e responde apenas por Movimento Democrático Brasileiro. Trata-se de uma tendência a acordos “por cima”, formação de maiorias suprapartidárias e limitações sistemáticas a partir do poder de veto das elites parlamentares. O peemedebismo é colocado sobre o plano de fundo de uma sociedade cuja marca principal seria o autoritarismo herdado do estado nacional-desenvolvimentista - bloco no qual ele inclui esquerda e direita pré-neoliberalismo.

Para Nobre, o projeto petista foi a ocupação do peemedebismo pela esquerda, enquanto o neoliberalismo de Fernando Henrique Cardoso cumpriu uma função parecida, mas em sentido inverso. O peemedebismo não teria, assim, uma agenda própria e operaria de forma negativa - isto é, vetando as escolhas dos presidentes que não lhe agradassem. Age como um freio para que a oligarquia política amacie os impactos resultantes da dinâmica de uma democracia, mesmo que ela, como chama Marcos Nobre, seja de baixa intensidade. O

⁸ PRADO, Luiz Carlos Delorme e LEOPOLDI, Maria Antonieta de. O fim do desenvolvimentismo: o governo Sarney e a transição do modelo econômico brasileiro. In: Lucília Delgado e Jorge Ferreira (orgs.). O Brasil Republicano, v. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

⁹ O partido se tornou uma espécie de símbolo do “fisiologismo” por estar sempre na base dos governos. Para saber mais ver Nobre (2013).

petismo articulária uma forma de sociedade que teria no peemedebismo seu freio.

O autor analisa a democracia brasileira a partir do viés da democracia como forma de vida. Embora tenha incluído os mais pobres dentro do círculo de consumo, o Partido dos Trabalhadores (PT) teria falhado em construir uma forma de vida verdadeiramente democrática. O patrimonialismo, o autoritarismo estatal brasileiro e a herança da ditadura militar teriam sobrevivido no Estado brasileiro. Ao tentar pilotar essa máquina que seria o autoritarismo estatal brasileiro, o PT teria falhado em sanar seus vícios e ficado refém do peemedebismo.

Caracterizamos “crise da Nova República” o período em que, a partir de 2013, o Estado brasileiro progressivamente perde legitimidade frente ao conjunto da população, pois não consegue conciliar o projeto de reformas neoliberais defendido pelas classes dominantes com as regras do processo democrático¹⁰. É um cenário complexo na medida em que as expectativas de serviços públicos e programas sociais, foram alavancadas pelo período em que um projeto alternativo ao receituário neoliberal ficou no poder. Houve um aumento do número de greves, por exemplo, reforça a mudança de expectativas, num cenário onde o pleno emprego sinalizava uma maior segurança econômica para a classe trabalhadora¹¹.

Vários outros sinais indicam o diagnóstico de que o próprio regime democrático, e não apenas os governos, estiveram em crise: a rejeição, por parte de Aécio Neves, do resultado das urnas em 2014, judicializando a contestação ao sistema eleitoral¹², o golpe parlamentar em 2016 e as diversas tentativas de iniciar uma ditadura pessoal pelo governo Jair Bolsonaro.

No campo dos movimentos sociais, junho de 2013 pode ser considerado um marco no sentido de demonstrar a insatisfação popular, seja com a economia, o governo ou mesmo o Estado. Como um movimento de alcance nacional e aparentemente sem lideranças, esse movimento já foi interpretado de diversas formas. André Singer (2018) diz que haviam dois junhos: um de jovens trabalhadores pauperizados e outro protagonizado pela classe média de direita. Este segundo grupo seria o que protagonizaria as maiores mobilizações de rua, com a pauta anti-corrupção pelo menos até o golpe de 2016. Parte do nosso problema histórico é

¹⁰ Roberto Santos (2019) vai um passo além e caracteriza como fim da Nova República. Optamos por relativizar essa análise, na medida em que o sistema político (aparentemente) encontrou formas de sobreviver às ofensivas da extrema-direita.

¹¹ Entre 2010 e 2016 houve uma tendência geral ao aumento do número de greves, indo de 445 em 2010 para 2114 em 2016. Douglas Rodrigues. 2019. Brasil teve 1.074 greves até novembro; ano deve fechar com redução de 20%. Poder 360. 2019. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/brasil-registra-1-074-greves-ate-novembro-de-2019-revela-dieese/>> Acesso em 22 de jun. 2024.

¹² Plenário do TSE: PSDB não encontra fraude nas Eleições 2014. TSE. 05/11/2015. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2015/Novembro/plenario-do-tse-psdb-nao-encontra-fraude-nas-eleicoes-2014>> Acesso em 22 de jun. 2024..

situar Patricia, e a ocupação, dentro dessa disputa, ou ainda, como a atuação de pessoas como ela, e seus movimentos, compuseram um quadro de transformação no Brasil.

Entre 2018 e 2023 tanto os direitos sociais, como as noções de democracia e cidadania propostas pela Constituição Cidadã foram desafiadas de forma inédita. Durante a pandemia, houve o ataque às instituições de saúde, a promoção da desinformação sobre as vacinas e o favorecimento de uma política sanitária que priorizava a manutenção “da economia” sobre a vida das pessoas. Também foi nesse período em que as ameaças mais diretas e graves ao Estado Democrático de Direito foram realizadas: no dia 7 de setembro de 2021, o então presidente Jair Bolsonaro declarou que não seguiria ordens judiciais do STF¹³; nas eleições de 2022, houve o constante questionamento da confiabilidade das urnas¹⁴; no dia seguinte à vitória de Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno, os apoiadores do ex-presidente já estavam organizados em piquetes bloqueando estradas e outros espaços públicos¹⁵. Depois, houve uma tentativa de explodir um aeroporto¹⁶, ataques terroristas no dia da diplomação do presidente eleito¹⁷ e, em 8 de janeiro de 2023, a invasão à sede dos Três Poderes¹⁸. No momento de escrita deste trabalho, o ex-Presidente da República Jair Bolsonaro está sendo investigado por conspirar contra o Estado Democrático de Direito¹⁹.

Essas são questões nacionais que devem ser exploradas na escala adequada. Porém, elas têm implicações locais e certamente condicionam a experiência histórica das pessoas que viveram o período. No caso de uma liderança da Ocupação Contestado, isso significa

¹³ Bolsonaro ataca Alexandre de Moraes e diz que não cumprirá mais decisões do ministro do STF. G1. 07/09/2021. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/07/bolsonaro-ataca-alexandre-de-moraes-e-diz-que-ministro-t-em-tempo-para-se-redimir-ou-se-enquadra-ou-pede-para-sair.ghtml>> Acesso em 22 de jun. 2024.

¹⁴ Relembre vezes em que Jair Bolsonaro questionou o sistema eleitoral. CNN. 26/04/2023. Disponível em: <
<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/relembre-vezes-em-que-jair-bolsonaro-questionou-o-sistema-eleitoral/>> Acesso em 17/05/2023.

¹⁵ Jornal Nacional. Manifestantes bloqueiam trechos de estradas em 22 estados após vitória de Lula. G1. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/10/31/manifestantes-bloqueiam-trechos-de-estradas-em-22-estados-apos-vitoria-de-lula.ghtml>> Acesso em 17/05/2023.

¹⁶ ALCANTARA, Manoela. Há um ano, golpistas tentavam explodir bomba no Aeroporto de Brasília. Metrôpoles. 24/12/2023. Disponível em: <
<https://www.metropoles.com/brasil/ha-um-ano-golpistas-tentavam-explodir-bomba-no-aeroporto-de-brasilia>> Acesso em 17/05/2024.

¹⁷ NEIVA, Lucas. Em reação à diplomação de Lula, baderneiros golpistas tentam invadir sede da PF em Brasília. Congresso em Foco. 12/12/2022. Disponível em: <
<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/em-reacao-a-diplomacao-de-lula-manifestantes-bolsonaristas-tenta-m-invadir-sede-da-pf-em-brasilia/>> Acesso em 17/05/2023.

¹⁸ Invasão aos Três Poderes completa uma semana; relembre. Poder360. 15/01/2023. Disponível em: <
<https://www.poder360.com.br/governo/invasao-aos-tres-poderes-completa-uma-semana-relembre/>> Acesso em 17/05/2024.

¹⁹ URIBE, Gustavo. PF investiga se “minuta do golpe” chegou ao Planalto e foi discutida por Bolsonaro. CNN Brasil. 21 set. 2023. Disponível em: <
<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pf-investiga-se-minuta-do-golpe-chegou-a-bolsonaro/>> Acesso em 02/10/2023.

começar, em 2012, no final do “ensaio desenvolvimentista”, onde Singer (2015)²⁰ situa o início da crise entre o lulismo e as classes dominantes. É o período em que, progressivamente, vai diminuindo a margem de manobra para manter satisfeitos, ao mesmo tempo, a base popular e o empresariado.

O Minha Casa Minha Vida fazia 3 anos e, no primeiro trimestre de 2012, teve 5 bilhões investidos, o que representava um recorde²¹. O programa, na época, era criticado pelos movimentos por moradia por atender mais as faixas de renda acima de três salários mínimos, deixando o problema da escassez de moradia em larga parte intocado. Em São José, especificamente, não havia projetos para essa faixa de renda²².

Nos anos que se seguiram, com a austeridade fiscal, o golpe parlamentar e a eleição de Jair Bolsonaro, a realidade certamente mudou para pior, do ponto de vista dos movimentos sociais. Mas mudou como? Quais as estratégias para lidar com o problema que as ocupações urbanas organizadas utilizaram para sobreviver ao autoritarismo, crescimento da miséria e à pandemia?

Localmente, a Ocupação Contestado é considerada um marco na luta por moradia na Área Conurbada de Florianópolis (ACF). Ela representa um segundo ciclo, seguido por diversas outras ocupações que ocorreriam na mesma região, sendo o primeiro nas décadas de 1980 e 1990²³. Dessa forma, temos um ciclo de lutas à esquerda que se inicia e desenvolve durante um período de crescimento e radicalização das direitas. Nos referimos ao movimento de massas²⁴ criado em torno das pautas anti-corrupção, que pedia a prisão de Lula e, depois, a retirada do poder de Dilma Rousseff. É difícil dissociar esse movimento da eleição do Congresso que realizaria o golpe parlamentar contra a presidenta. Foi o Congresso Nacional que, durante o impopular governo Temer, conseguiu aprovar o teto de gastos e a Reforma

²⁰ SINGER, André Vítor. Cutucando onças com varas curtas: O ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). *Novos Estudos*, n. 102, p. 43-71, 2015. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/content_1604/file_1604.pdf>. Acesso em: 09 maio 2024.

²¹ ALVES, Cida. Governo tem gasto recorde do Minha Casa, Minha Vida. *Veja*. 05/11/2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/governo-tem-gasto-recorde-do-minha-casa-minha-vida>>. Acesso em 17/05/2023.

²² MAIER, Jefferson Adriano. *Lutar, criar: experiência de organização política dos moradores da Ocupação Contestado*, São José - SC. PPGPLAN - Udesc. Florianópolis: 2022. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/7187/1_disserta_o_jefferson_maier_revis_o_final_2_1671659_3895256_7187.pdf>. Acesso em: 9/05/2024.

²³ CANELLA, Francisco. Cidade turística, cidade de migrantes: movimento dos sem-teto e representações sociais em Florianópolis (1989-2015). *Revista Libertas*, Juiz de Fora, v.15, n.2, p.215-242, ago./dez, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18457/9646>>. Acesso em: 9/05/2024.

²⁴ Nos referimos à capacidade de mobilização de atos com centenas de milhares de pessoas no início de 2016. G1. Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contra-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>>. Acesso em 03/06/2024.

Trabalhista. A ocupação Contestado ocorre num contexto de abandono da construção de moradias populares pela prefeitura.

A escassez de moradias é um problema crônico nas cidades brasileiras. Luis Felipe Ayres Magalhães e Vitor Hugo Tonin (2015) fazem uma abordagem histórica sobre como o fenômeno da segregação socioespacial está relacionada com a escassez de moradia na Grande Florianópolis. O capital imobiliário tornou-se setor dirigente do Estado, desde pelo menos a década de 1980. O projeto de cidade assumido por ele é a reserva dos balneários nas áreas valorizadas pela presença do Estado (ao redor dos campus das universidades, ao redor do Centro de Florianópolis) para os setores médios, deixando as áreas periféricas da Ilha e a região metropolitana para os setores marginalizados. Isso cria uma situação em que São José, Biguaçu e Palhoça se tornam “cidades-dormitório”, com trabalhadores que em geral gastam muito tempo no caminho para o trabalho.

A situação de irregularidade fundiária das famílias e grilagem por parte do capital imobiliário são apontadas como garantias de que, quando uma região ocupada por uma comunidade gerar interesse no capital imobiliário, ela possa ser despejada. Assim, se conformou uma situação de segregação socioespacial (marginalização da população pobre e negra) e espoliação urbana (tempo de trabalho não-pago no deslocamento, tempo de trabalho para construção da própria moradia irregular). Obviamente, isso apenas condiciona, não determina, as formas de resistência, muito menos as atitudes de militantes individualmente. Morar em uma ocupação não é um atestado de “consciência de classe” e frequentemente sequer é entendido como uma forma de ação política atrelada a um projeto de cidade ou sociedade. Em uma paráfrase de Sartre²⁵, a Ocupação Contestado é uma ocupação urbana, mas nem toda ocupação urbana é a Ocupação Contestado. Existe uma experiência histórica a partir de um conjunto de escolhas que particularizam essa comunidade. Isso vale também para a trajetória de Patricia, que não pode ser reduzida ao rótulo genérico de “liderança de movimento social”.

A demografia das pessoas da Ocupação, em 2015²⁶, era composta por moradores em geral do interior do Estado, que vieram para a ACF nas últimas duas décadas. Isso é um reflexo do próprio perfil demográfico de São José e da segregação socioespacial na ACF, conforme ela se desenvolveu desde a década de 1980²⁷. Florianópolis, tanto quanto as cidades da região metropolitana, tem muitos habitantes não-nativos, tanto por ser uma cidade turística

²⁵ “ Valéry é um intelectual pequeno-burguês, eis o que não suscita qualquer dúvida. Mas nem todo intelectual pequeno-burguês é Valéry”. Sartre, Jean Paul. *Crítica da razão dialética*. D&PA. Rio de Janeiro: 2002.

²⁶ Luis Felipe Ayres Magalhães e Vitor Hugo Tonin (2015)

²⁷ Idem.

quanto por concentrar importantes estruturas do Estado, como o governo estadual e a universidade²⁸. Igualmente, há florianopolitanos que moram em São José como reflexo do aumento de custo de vida na capital²⁹. Porém, a capital possui imigrantes de outros estados, principalmente os outros dois do Sul, mas também muitos paulistas³⁰. A população da Ocupação Contestado não passou pela transição demográfica, possuindo um alto número de crianças em relação a adultos³¹. Em 2015, havia uma maioria de trabalhadores de carteira assinada, o que mostra que o problema da escassez de moradia não se resume à população alijada do mercado de trabalho, estruturalmente grande no Brasil³². O número de trabalhadores com carteira assinada naquele ano era de 100 milhões, o mesmo que em 2023. Porém, duas considerações devem ser feitas: o período foi atravessado por diversas crises no emprego formal, o que certamente deve ter afetado a ocupação; em 2017, foi aprovada a reforma trabalhista, que diminuiu consideravelmente a diferença entre o emprego formal e o informal, em termos de garantias.

No caso da Ocupação Contestado, a bibliografia estabelecida tende a entendê-la como expressão dessas contradições. De fato, é impossível compreender esse processo sem fazer referência às condições em que ele se deu. No entanto, as relações não são simples causa e consequência e mais de um trabalho se debruçou sobre a experiência dos moradores. Particularmente, o trabalho geográfico de Jefferson Adriano Maier (2022) é valioso pelas entrevistas com os moradores, focando nos métodos organizativos. Além disso, o autor documenta a forma como a ocupação se tornou uma referência para outras comunidades, o vocabulário êmico dos moradores em 2021, em especial as palavras “luta” e “união” que conferem uma unidade linguística. Embora não seja um trabalho historiográfico, ele fornece evidências para compreender as estratégias da ocupação em relação à pandemia.

Ainda sobre as formas de organização, há um forte componente de gênero, capturado por diferentes pesquisas. As lideranças das ocupações tendem a ser mulheres cis, mães e mesmo avós. O caso da sujeita analisada é, portanto, típico, não apenas no Contestado, mas nos movimentos por moradia em geral. Essa é uma questão importante: por que as mulheres são tão centrais na vida da comunidade? Se essa é uma realidade típica das ocupações urbanas, existiria alguma peculiaridade nas relações de gênero dentro da Contestado? Qual seria ela?

²⁸ Ibidem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.

Veja: o texto fica com um degrau! Você ainda não contou detalhes sobre a ocupação, seus líderes, a protagonista do trabalho, mas já tá entrando no sentido dos termos que eles usam. Em termos organizativos, pensando no prolongamento da pesquisa, você tem de respeitar uma ordem mais didática para o leitor.

No trabalho de Livia Espíndola Monte (2016), contudo, os termos êmicos de “luta” e “união” aparecem de forma menos frequente. Além disso, Tonin e Magalhães (2015) relatam um estranhamento em relação ao aspecto coletivo e anticapitalista que as organizações apoiando a ocupação, em especial as Brigadas Populares, tentam imprimir na luta. Afinal, a luta pela casa própria é a luta por uma propriedade privada, justamente a instituição a ser abolida na construção de uma sociedade socialista. Essa contradição é mais relatada nos trabalhos próximos ao início da Ocupação, enquanto os trabalhos mais recentes mostram uma maior organicidade. Ainda assim, o processo do início da luta, de formação dos núcleos e da organização de reuniões de quadra e assembleias aparece no trabalho de Maier (2021) como um tempo mítico, lembrado com nostalgia pelas lideranças da ocupação, pois havia mais “luta” e “união”. Tudo isso sugere que, enquanto os trabalhos existentes possuem um grande valor analítico, uma abordagem historiográfica, da ocupação no tempo, poderia ligar os pontos dessas diferentes obras.

A Ocupação Contestado, como sujeito coletivo, já foi estudada de diversas formas. Assim, não avançamos sobre um terreno inexplorado, temos um arcabouço de informações que permitem fazer um estudo com o nosso escopo, pois podem ser utilizadas para contextualizar o que encontramos na pesquisa em campo. Mais do que isso, nos fornecem pontos que podem ser conectados a partir das fontes produzidas pelas entrevistas e da posterior análise do que elas significam.

As fontes primárias analisadas neste trabalho são sete arquivos MP3, resultados de três entrevistas registradas com um gravador digital e transcritas em um documento Word com ajuda de um software de inteligência artificial, o Vosk que estão disponíveis no apêndice do presente trabalho, levemente editadas para preservar Patricia e a comunidade. As entrevistas foram realizadas na residência de Patricia de Oliveira, na Ocupação Contestado, em 11/03, 23/03 e 10/04 de 2024. O autor deste trabalho produziu as fontes com a intenção de criar informações que possam ser analisadas de acordo com as questões colocadas na seção “Objetivos”.

Sobre a natureza das fontes, elas são orais, o que tem uma série de implicações a respeito do modo como interpretá-las. A impossibilidade de editar a mensagem, por parte das pessoas entrevistadas, é um fator a ser considerado. Outra característica das fontes orais são

os sotaques, os maneirismos, as repetições mais frequentes e uma série de elementos que só muito imperfeitamente podem ser reproduzidos de forma escrita. O trabalho de transcrição não é chamado de “transcrição” à toa: ao passar o oral para o escrito, o historiador toma decisões sobre como apresentar a fala³³. Ao contar uma história de um evento passado, por exemplo, a mesma pessoa pode adotar a voz de narrador e de personagens, sejam terceiros ou a si mesmo dentro da narrativa. Essa forma de falar é facilmente inteligível na fala, mas exige muitas notas explicativas no escrito. Corrigir erros gramaticais, suprimir repetições consideradas desnecessárias, inserir explicações sobre os gestos que, numa entrevista presencial, alteram os sentidos das coisas faladas, entre outros desafios da transcrição, são escolhas do pesquisador. Neste trabalho, cientes do problema objetivo que é o preconceito linguístico e na intenção de autorizar as vozes dos entrevistados, ajustamos o máximo possível as falas à norma culta da língua portuguesa.

As entrevistas contém informações sobre a trajetória pessoal de Patricia, do seu marido, Dagoberto Rita, da sua família e da inserção na militância a partir da Ocupação Contestado. Também conversamos sobre suas ideias sobre a política brasileira, focando no período da Crise da Nova República. Isso envolve tanto sua constituição como sujeita, como a formação de uma família, relações de gênero, raça, regionalidade, ideologia e história recente do Brasil.

A primeira entrevista foi a única realizada junto ao seu marido, com o objetivo de estabelecer a formação de ambos como sujeitos e da família que eles criaram. Dagoberto é companheiro de vida e militância de Patricia, por isso o autor avaliou que sua presença em uma entrevista seria pertinente, embora o trabalho tenha a trajetória da esposa como foco.

Na segunda entrevista, aprofundamos as questões sobre a trajetória pessoal de Patricia e sua militância na ocupação Contestado. Ali estão presentes desde sua infância e escolarização em Joinville, a interrupção desta por um trabalho e, depois, um acidente automobilístico. Em seguida, Patricia relata seu envolvimento com a Ocupação Contestado e as mudanças que isso trouxe para sua vida. Conforme a entrevista avança, conversamos sobre violência policial, questões de gênero no movimento por moradia, as prefeituras de São José e questões políticas nacionais. Importante destacar que, aqui, todas as informações colhidas sobre a história política recente do Brasil surgiram a partir do prisma da luta por moradia na ocupação. Uma frase para conectar essas questões da entrevista com seu problema de pesquisa.

³³ Portelli, Alessandro. História Oral como arte da escuta. Letra e voz. São Paulo: 2016.

A última entrevista teve como objetivo entender o modo como Patricia interagiu com a política ao longo da vida, focando no cenário nacional, e nas ideias que ela desenvolveu ao longo do tempo. Nesse momento, o trabalho é tanto histórico quanto etnográfico, na medida em que o modo como Patricia analisa suas ideias no tempo concretamente é indissociável das suas ideias no presente. Neste trabalho vamos procurar os sinais de movimento, as mudanças de opinião, tendo consciência de que essa é uma fonte oral produzida no presente.

De forma geral, as informações presentes no documento são o produto da memória das pessoas entrevistadas mediada pelas perguntas do autor, formuladas segundo os objetivos deste trabalho. Elas não têm qualquer pretensão de representatividade quantitativa. Quanto à objetividade, ela é uma preocupação do autor deste trabalho em localizar os fatos relatados, na medida em que suas datas podem ser relevantes na análise. Também algumas provocações feitas durante as entrevistas são resultado da observação, memória do autor e pesquisa prévia sobre a ocupação. As pessoas entrevistadas forneceram relatos subjetivos que têm pretensão de sinceridade, não de objetividade. Isto é: são vivências contadas e, justamente por isso, pertinentes aos nossos objetivos.

Estas entrevistas foram feitas entre camaradas de organização e amigos pessoais. Assim, ao ler o material em anexo, é preciso ter em conta que entrevistador e entrevistada possuem projetos políticos em comum, admiração mútua e confiança. Tanto o autor deste trabalho quanto Patricia possuem agendas políticas muito parecidas, que não são em nenhum momento escondidas do leitor. O fortalecimento da imagem pública da Ocupação Contestado, em especial da dignidade das famílias, é uma delas. As possíveis contradições que apareçam dificilmente estarão em um nível superficial de análise. Com respeito à comunidade, vamos explorar algumas dessas contradições, pois entendemos que elas não diminuem a luta das famílias, pelo contrário, tornam mais complexas. O das entrevistas em anexo vai ficar disponível, para que outras pessoas possam acessá-lo em suas pesquisas.

O fato de ser uma biografia de uma mulher negra traz desafios específicos. Qual o papel do gênero e da raça na sua trajetória? Em que medida esses papéis foram subvertidos, reproduzidos ou utilizados? Daniel James (2004) pondera que a transgressão e a utilização estratégica dos papéis de gênero não são auto-excludentes, pois “a categoria de gênero no texto de um relato de vida está determinada em grande medida, por outros elementos culturais e significados ideologicamente modulados, e também contraditórios”. Assim, na experiência histórica de uma militante, a narrativa sobre si mesma pode ser informada pelos papéis de gênero, porém subvertidos através da práxis. No caso de Patricia, também as questões raciais vão aparecer, tanto de forma espontânea quanto provocadas. Não se pode falar de ocupação

urbana sem falar da limitação das oportunidades de emprego, segregação socioespacial, concentração dos trabalhos de cuidados, todos fatores que estão intrinsecamente relacionados com a experiência da mulher negra na sociedade brasileira. Porém, como Lélia Gonzalez (2021) salientou, existe o risco de tomar o discurso da mulher negra como “emocional”, de uma forma paternalista. Pretendemos evitar isso nas perguntas, onde podemos encontrar utopias, projeto de sociedade e busca ativa da formulação de uma cultura política à altura dos desafios encontrados pela comunidade e - por que não? - pelo povo brasileiro.

Há também uma necessidade de considerar barreiras sociais que afetam profundamente a comunicação entre entrevistador e entrevistada (Portelli, 2010) A posição de pesquisador, sendo homem, branco, intelectualizado e de classe média, coloca uma relação de poder sobre uma mulher negra, moradora de ocupação e com a escolarização incompleta. Ginzburg (1989) já comparou o inquisidor ao antropólogo, então não seria totalmente arbitrário inverter essa comparação, substituindo o último pelo historiador. Em alguns momentos, Patricia se esforçou para dar a resposta “certa”, entendendo que existe uma expectativa em relação ao que ela responderia. Isso deve ser levado em consideração na leitura, a existência dessa relação em si interessa esta pesquisa, porém é preciso respeitar o que Patricia entendeu como a “resposta certa”.

Um filtro importante é a própria memória da pessoa cuja trajetória estamos analisando. A memória humana não é mera reprodução das experiências no momento que elas aconteceram, ela apresenta muitas diferenças com, por exemplo, um arquivo³⁴. A elaboração da memória é um processo criativo contínuo, ou seja, ela está em plena atividade no presente da entrevista - e vai continuar após ela. Isso ocorre tanto negativamente, com os esquecimentos, como com as invenções e distorções do fato. Mais do que isso, há teleologias, são comuns as tentativas de criar uma identidade coerente a partir de experiências contraditórias. Nada disso torna a fonte menos pertinente, na verdade, as “imperfeições” da memória em si são elementos a serem levados em conta.

As possibilidades de contribuição dessas fontes para a historiografia do Brasil contemporâneo consistem na intersecção entre história social com história política. Elas fornecem informações sobre pessoas que vivenciaram o período da Nova República como pessoas comuns e que, ao longo deste, passaram a representar uma liderança política de uma comunidade subalterna. Também é conveniente o período dos relatos, que começam com a infância de Patricia nos anos 1970 e 1980 e vão até o presente, assim como as periodizações clássicas do que se chama Nova República. Se for possível fazer uma história da crise da

³⁴ Idem.

Nova República a partir de baixo, as fontes mobilizadas para o presente trabalho apresentam a possibilidade de contribuir para este projeto.

2 Antes

Nesta seção, vamos abordar os fatos transcorridos na vida de Patricia do seu nascimento até o envolvimento com a primeira ocupação, no terreno da Avenida das Torres. Antes disso, é relevante explicar os porquês da escolha cronológica para reconstrução dessa história de vida. Contar uma história envolve escolher um começo e um fim. Essa é uma escolha que apenas o autor pode fazer e que o faz segundo seus objetivos. As questões que motivam estão ligadas ao período da Crise da Nova República, localizado por diferentes autores entre o primeiro e o segundo mandato de Dilma Rousseff. Esse também é o período em que Patricia começa a se envolver com a política como militante da luta por moradia. Este poderia ser o ponto de partida, mas perderíamos de vista quem, exatamente, era a pessoa que viveu a experiência do despejo. Nos interessa saber como as ideias políticas e a construção de seu projeto de identidade mudaram ao longo do tempo.

Além disso, em termos pedagógicos, entendemos que uma ordem cronológica para expor a trajetória de Patricia é mais conveniente. Mesmo levando em conta o trabalho de reconstruir esse caminho no tempo a partir de entrevistas que vêm e vão, cronologicamente, essa ordem reproduz como experienciamos o tempo no Brasil de 2024. A história oral é uma disciplina militante e entendemos que a melhor forma de valorizar essa trajetória seja também a que proporcione maior comunicabilidade. Assim, acreditamos que um trabalho feito nesse formato será um retorno mais significativo para Patricia, para o Contestado e para os movimentos sociais em Santa Catarina, tão apagados pelas narrativas oficiais sobre o estado.

O estabelecimento de um *antes* não implica, porém, em uma teleologia. Nada na trajetória de Patricia tem como consequência direta suas ações e ideias. Pessoas são despejadas e vão morar com os parentes, pessoas em ocupações às vezes não participam das atividades coletivas, a grande maioria dos ocupantes não se engaja diretamente em organizações revolucionárias. Em nenhuma das escolhas do passado o futuro estava presente, senão como possibilidade - frequentemente, uma possibilidade não imaginada pelos sujeitos.

É relevante, porém, salientar que a ideia de uma ruptura está presente nas entrevistas. Ela foi provocada em alguns momentos, mas apareceu espontaneamente em outros. Da mesma forma como é comum em histórias de vida de militantes revolucionários, o antes

apareceu como uma pré-história da atividade futura. Enquanto no trabalho analítico devemos evitar ao máximo as teleologias, é importante notar quando ela acontece na fala do sujeito que forneceu a fonte oral.

Em 18 de maio de 1982, no final do governo do presidente general João Figueiredo (1979-1985), nasceu Patricia de Oliveira, na cidade de Joinville, no norte de Santa Catarina. Ela é a segunda mais velha de uma família com quatro filhos, que vivia na rua Benjamin Constant, que fica entre os bairros Costa e Silva, Glória e América. O nome do bairro Costa e Silva é uma homenagem ao presidente que promulgou o Ato Institucional Nº 5, depois que o militar visitou a cidade. Patricia é um pouco mais velha que a Nova República, que geralmente é localizada cronologicamente a partir de 1985.

Era uma família “humilde”, no dizer da entrevistada. Sua mãe era trabalhadora doméstica, que ia “de casa em casa”, e seu pai mestre de obras, ambos negros, uma família da classe trabalhadora. É dessa forma que Patricia descreve sua infância:

Patricia Oliveira³⁵: Olha, eu tenho uma lembrança da minha infância, que a gente sempre veio de família humilde. Eu lembro que, claro, graças a Deus, a gente nunca chegou a passar fome, mas eu vejo a diferença na minha época e pra época de agora, né? Tipo, a mãe ia fazer mercado uma vez no mês e... Não é como hoje, assim, que eles iam. Hoje eu vou lá, eu compro bolacha, iogurte, essas coisas que meus filhos querem à vontade, na medida do possível, é claro. E naquela época eu lembro que eles compravam um pacote de bolacha daquelas sortidas e a gente ficava feliz da vida, né? Porque era a vez da mãe ir no mercado e trazer aquela bolacha pra gente dividir.

O período militar foi marcado pela compressão do salário mínimo e, no final dele, pela inflação e recessão econômica. É significativo que a variedade de alimentos apareça logo no começo da entrevista, isso indica que pelo menos em algum nível a insegurança alimentar se fazia presente. Mas o contraste com o presente mostra uma mudança no horizonte de expectativas percebido pela entrevistada, que vai aparecer em outras partes das entrevistas. Dividir é uma experiência típica de famílias com alguns irmãos e poucos recursos.

A entrevistada a seguir mostra estratégias muito comuns a famílias da classe trabalhadora no Brasil, que é complementar a alimentação criando animais e fazendo hortas. É também uma forma de escapar da inflação ou, possivelmente, de complementar a renda. Sobre sua mãe, Patricia mais de uma vez cita seu apego com essas atividades, que continuam até o presente. Existe uma discussão teórica relevante sobre as estatísticas de urbanização no

³⁵ A fala das pessoas nas entrevistas vai aparecer identificada com o nome inteiro na primeira vez que elas aparecem, depois só com as iniciais.

Brasil e a condição de semi-ruralidade. Um elemento que também aparece é a proximidade com animais, Patricia gostava de andar a cavalo.

Sua narrativa tem uma estrutura encontrada em muitos estudos sobre história oral: “Éramos pobres, mas...”³⁶. Existe uma consciência da precariedade da situação, mas um impulso para se valorizar enquanto sujeita. Pode ser isso que esteja acontecendo no relato, pois toda menção negativa vem, em seguida, com uma lembrança feliz. Não quer dizer que a narrativa seja falsa ou mentirosa, ela só está encadeada de uma forma que indica uma intenção de criar uma imagem um tanto romântica sobre a própria infância. A experiência, a memória e a escolha sobre como elaborar são três coisas relacionadas, mas necessariamente distintas. O paradigma moderno do sujeito como uma unidade coerente, dentro do estado da arte das ciências humanas, tem sido substituído por ideias que comportem as contradições que aparecem de forma recorrente nas fontes de história oral (Schmidt, 2018). A constituição da coerência e da sujeita é entendida como um projeto. Com base nessa reflexão, nossa hipótese é que, provavelmente, Patricia já acessou essas memórias antes e as elaborou para construir uma identidade, uma autoimagem própria. Dessa forma, interpretamos que essa, como muitas outras respostas, podem estar em um lugar entre a espontaneidade e a intencionalidade, uma vez que essa elaboração pode não ser consciente.

Aliás, em retrospectiva, ela entende que teve uma infância melhor do que as “crianças de hoje”, apesar dessa diferença de condições materiais. Quando interpelados sobre sua infância, tanto ela quanto o marido manifestaram “pena” e “preocupação” com as “crianças de hoje”, em especial seus filhos. Os motivos variam: a violência urbana, a sexualização precoce, os palavrões, as novas tecnologias, o abandono dos “princípios”. Faz sentido que, quando pensam na criação dos filhos, as preocupações e medos sejam a primeira coisa que vem à cabeça. Situações boas não demandam tanta atenção quanto situações problemáticas. Além disso, ao colocar que as “crianças de hoje” têm uma experiência pior da infância, os entrevistados podem estar, de alguma forma, valorizando a própria. Entendemos que o encadeamento dessas respostas seja um emaranhado de todas essas preocupações e da própria projeção idealizada à luz do presente sobre o passado. Existe uma aparente tensão entre o fato de que são militantes revolucionários e portadores de um saudosismo, vamos explorar mais ela no capítulo em que discutimos as ideias da companheira Patricia.

³⁶ Sobre essa estrutura discursiva, “Éramos pobres, mas...” em Portelli (2010)

Duas figuras importantes na infância de Patricia foram seus padrinhos, que ela chamava de “pai branco” e “mãe branca”. Ambos se comunicavam em alemão em casa, Patricia visitava-os tão frequentemente que aprendeu a ouvir e repetir expressões na língua. Quem levantou essa questão, sobre ela falar alemão, que era de conhecimento do autor do presente trabalho, foi seu marido. No momento, Patricia ficou um pouco tímida, mas voltou a descrever com um sorriso a vivência com os padrinhos, que parece ter sido uma experiência muito boa, não sem antes esclarecer sobre o quão limitado era seu domínio da língua alemã. Na mesma entrevista, ao final, interpelada sobre como criou consciência da própria raça, Patricia disse que foi muito cedo e de forma relativamente tranquila. Porém, a entrevistada fala de situações, contadas pela sua mãe, onde pessoas olhavam “estranho” vendo uma criança negra chamando um casal “alemão” de pai e mãe, especificamente quando perguntada sobre racismo. Sobre já ter sofrido racismo, Patricia disse: “Eu não sofri, assim, diretamente. Não sofro, assim. A gente sabe que tem muitas coisas que a gente nota, assim, que é tratado com diferença”.

Aos sete anos, a família de Patricia foi morar no bairro Vila Nova, que fica mais longe do centro. Ela ficou “um tempinho” com o pai, voltou para a mãe depois de uma audiência. Aos 11 anos, ela veio para Florianópolis, morar no bairro Estreito. Aparentemente, as condições materiais melhoraram. Patricia começou a escolarização no bairro Vila Nova, no primeiro e segundo ano, depois do curto espaço de tempo com seu pai, ela fez o terceiro ano “em uma escolinha próxima a Garuvá”, período do qual ela se lembra de uma professora, Tereza. Ela se mudou várias vezes com a mãe, fez a quarta-série no Aracy Vaz Callado (Florianópolis), a quinta no Neri Brasileiro Ramos. Ela reprovou a quinta-série, confessando na entrevista não ser uma “menina muito estudiosa assim”, que “era meio revoltada”, mas que quando prestava atenção conseguia “pegar” a matéria. Patricia relata dificuldade em matemática, mas teve o auxílio de uma professora:

PO: (...) o nome dela era Cecília, e ela dava aula particular, daí ela assim: “ó, vai na minha casa tal dia, tal dia, que eu vou te ensinar”, né? A tabuada, vou te ensinar. Eu lembro que ela me ensinou em forma de música, começou a dizer assim, “ó, presta atenção nas regras”, né? Que aquilo ali vai te ajudar, vai facilitar o teu aprendizado. Aquilo que ela fez comigo ficou na minha cabeça e parece que facilitou um pouco mais, né?

Dessa forma, Patricia prosseguiu no sistema escolar até a sétima-série, quando decidiu parar de estudar e trabalhar como babá, aos 17 anos de idade. A entrevistada não atribui isso a problemas financeiros, porém, ela diz que “quando era adolescente, gostava de sair”, o que é

uma motivação financeira. Talvez, o que ela quis dizer é que abandonar a escola foi uma *opção*. É possível problematizar como essa opção é tomada por determinados setores da população mais do que outros, sem tomar a agenda dos sujeitos. Jovens escolhem sair da escola, frequentemente sem noção de quanto isso vai afetar eles no futuro, ou com plena consciência disso, mas avaliando que não vale o esforço. É bom lembrar que nesse período, Patricia era uma adolescente, portanto, segundo o ECA, estava sob responsabilidade “dos pais, da escola e da sociedade”. Patricia fez aceleração pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) para terminar o primeiro grau. Em seguida, começou o Ensino Médio, que foi interrompido por um acidente de carro, do qual vamos falar mais a seguir.

No período em que sua escolarização foi interrompida, Patricia encontrou Dagoberto Rita. “No baile!”, ele respondeu e os dois começaram a rir, na entrevista. No final dos anos 90, um clube no Estreito, com dois andares - o de baixo tocava pagode, o de cima, eletrônico -, foi onde Patricia foi vista e notada por Dagoberto. Nas semanas seguintes, ela, que tinha um namorado policial, ouviu da irmã inúmeras vezes sobre o “Daguinho”, que queria porque queria sair com ela. Foi tamanha a insistência do “Daguinho”, que Patricia ficou interessada em conversar com o admirador. Dagoberto também tinha namorada, mas para ele “não faz mal, a gente resolve isso”. Se Dagoberto faz uma festa em volta da própria ousadia, Patricia é mais reservada. Porém, ela continuou encontrando o “Daguinho”, indo no shopping com ele, fazendo diversos encontros até o casal ter o primeiro filho.

A história tem humor, certa estrutura narrativa, que é a de uma comédia romântica. Eles devem ter contado ela em algum ponto nesses 26 anos que estão juntos. É provável que a semelhança com comédias românticas não seja uma coincidência, essas narrativas são extremamente disponíveis e as pessoas reelaboram as próprias experiências de acordo com as mídias com as quais tiveram contato. É importante, porém, notar que Patricia não “foi conquistada”, ela escolheu entre dois parceiros. A insistência de Dagoberto poderia ter gerado repulsa, mas gerou interesse, o suficiente para Patricia deixar o namorado policial em favor do novo pretendente.

Dagoberto Rita: Olha aí, bota aí! Era PM, o desgraçado! Me deu uma geral depois! Me deu uma geral, fez eu passar vergonha no centro, quando ele não tava mais com a Patrícia. Meu compadre queria até me matar, fez eu passar uma vergonha, meia hora na parede, aquele policial vagabundo. Ainda bem que eu roubei a Paticinha. Senão não ia ter essa militante guerreira aí, já pensou?

“Paticinha”, assim mesmo, sem “r”, não foi roubada: ela trocou o policial pelo pagodeiro (Dagoberto, assim como seu pai, é músico). Nesse trecho, é importante ressaltar,

Dagoberto estava brincando, mas a agência de Patricia fica muito mais clara contando a história a partir do seu ponto de vista. Havia uma intermediária e de tanto ela falar “surgiu uma curiosidade”.

Do namoro à formação de família, o caminho foi curtíssimo, de apenas alguns meses. Embora tenham “saído bastante”, o casal teve a primeira filha, Steffani, um ano após começarem a namorar. Patricia tinha, neste momento, 17 anos. Não foi uma gestação nem esperada, nem indesejada. “Como a maioria das famílias brasileiras”, na expressão de Dagoberto. Patricia descreve dessa forma a não-decisão: “A gente não planejava, mas também não se cuidava”. Ela foi criticada por parentes por ter engravidado aos 17, por membros da família. Com um sorriso irônico no rosto, Patricia citou que algumas das suas primas, filhas dos tios que a criticaram, engravidaram mais cedo. É importante salientar que, além da discussão sobre educação sexual, a diminuição da taxa de natalidade em geral segue a melhoria das condições de vida, não o contrário. A culpabilização da mulher adiciona peso às responsabilidades da maternidade, o que talvez explique o ressentimento expressado na ironia de Patricia.

O fato é que, nas entrevistas, ficou claro que a família teve um início complicado. Tanto os parentes de Dagoberto quanto de Patricia não aceitaram o relacionamento, muito menos a gravidez. Sem ter onde morar, os entrevistados trabalhavam de dia para pagar um hotel para ficar à noite, até que o pai de Dagoberto, Djalma Rita, um sambista que atende pelo nome “Neném Maravilha”, interveio.

PO: Então, foi um instinto de sobrevivência e de aprendizado também, né? Porque a gente aprendeu a valorizar. Então, eu digo que a nossa vida sempre foi bem difícil. A gente batalhou bastante para manter unida eu, ele e as crianças. Eu lembro que quando saía do negócio da fruta a gente já tinha que sair procurando um hotel para ver se tinha vaga pra gente dormir com a Steffanie. Para sair um pouco do julgamento dos familiares, daquelas coisas assim... Até que um dia o pai dele chegou, foi lá e conversou com a mãe dele e disse: “do jeito que ele está não dá mais, rolando de um lado para o outro com uma criança”. Então, a gente foi morar no porão, no porão da casa da mãe dele. A gente foi morar no porão, no porão da casa da mãe dele. Foi. Não vou dizer que foi um início fácil, mas eu posso dizer que aquilo aí serviu para a gente valorizar cada momento que a gente passou, cada estágio e etapa da nossa vida, né? Eu lembro que o Dago trabalhava no Calzone, e lá onde a mãe dele morava naquela época tinha aquele conflito, né? De um morro contra o outro, essas coisas de guerra. E houve algumas situações ali naquele momento que aconteceram, que fizeram com que a gente saísse dali, né? Até pela segurança dele, minha, das crianças. Mas dizer que depois que a gente foi morar no porão, que a família dele, que a minha família viu, que era aquilo ali que a gente queria, que a gente não ia abrir mão, aí eles começaram a se aproximar, tanto a minha mãe quanto a família dele, assim, começou a ir em casa, começou a dar mais esse ar de família. Mas é assim que a gente já passou por bons bocados.

Fugindo das “coisas de guerra”, eles foram para o sítio da mãe de Patricia na Praia de Fora (Palhoça). A “tropicinha” foi crescendo: Steffani e Brayan no morro, a Bia nasceu na Palhoça. A distância dos lugares de trabalho era compensada pela tranquilidade do sítio. Porém, quando a mãe de Patricia decidiu vender o sítio, em 2005, eles foram “com a tropinha” para o loteamento Jardim Zanellato, na Serraria, onde a maior parte dessa história vai se passar.

Foi nesse período em que, na volta de uma visita à sua mãe, Patricia sofreu um acidente de carro que a deixou três meses de cama, com uma fratura exposta na perna, em Imbituba, cidade onde não conhecia ninguém - além do próprio marido, que ficou na cidade durante o período da internação. O episódio foi extremamente traumático e gerou bloqueios, como o medo de dirigir e de andar de carro de forma geral. Patricia teve de interromper a escolarização no segundo ano do Ensino Médio, sem concluir até o momento da escrita deste trabalho.

No bairro da Serraria nasceram Ketlin, em 2005, e Emyllin, em 2012, enquanto as eleições para a prefeitura de São José estavam acontecendo. Djalma Berger disputava uma improvável reeleição contra Adeliana dal Pont e precisava criar algum fato político que mudasse o cenário para chegar ao segundo turno, o que não viria a acontecer. Patricia ouviu o boato de que Djalma Berger havia prometido ceder um terreno da imobiliária Suvec para as pessoas que já estivessem morando lá - já haviam algumas. Dezenas de famílias da Serraria e bairros próximos começaram a chegar ao terreno, com seus bens, lona e madeira para montar barracos. Patricia foi uma delas. Dagoberto, quando soube do terreno, ligou para Patricia, pedir para reservar um “lote” para a família, mas era tarde demais: sua esposa já estava lá. Logo antes da eleição, Dário Berger prometeu que não aconteceria um despejo no local.

Aqui começa a dificuldade de periodizar a vida da entrevistada. Ocupar um terreno que um político prometeu é política? Talvez, se usarmos a definição de política do dicionário, mas não devemos assumir que isso automaticamente aparece na experiência histórica das pessoas que protagonizaram a ocupação. Se é justo razoável incluir esse período na história da Ocupação Contestado, também é importante ponderar que a comunidade não existia ainda. Estaríamos sendo mais condescendentes supondo uma atuação política inconsciente, ou negando ela em favor da experiência de quem em geral não entendia o que estava fazendo como militância? Foge ao nosso escopo determinar em que segundo exato o salto da reivindicação econômica para a política aconteceu objetivamente. Pontuamos, no entanto, que essa catarse acontece um pouco depois na memória de Patricia interpretada a partir das entrevistas.

Ao final desse capítulo, cabe uma avaliação preliminar do que narramos. É uma história pessoal, centrada em uma pessoa que viveu o Brasil do final da Ditadura, a redemocratização e o período da Nova República até 2012, orientada pelas entrevistas com Patricia e Dagoberto. Essa foi a história que Patricia contou ao autor, quando não foi interpelada especificamente por suas posições políticas. As questões como violência policial, racismo, carestia, disponibilidade de orientações sobre a contracepção aparecem como realidades não-políticas para os personagens da história e, em certa medida, para os narradores. Por exemplo: espontaneamente, não houve nenhuma tentativa de politizar a questão da carestia, ela apareceu e sumiu como um fato sem explicação. Foi, inclusive, secundarizada na hora de comparar as infâncias deles e dos filhos. Ao que parece, não houve um esforço em estabelecer uma teleologia política que concluísse na Ocupação. Mas talvez possamos entender melhor Patricia e Dagoberto esquecendo, como exercício analítico, que o pessoal é político e tomando sua história pelo valor de face.

A história pode ser resumida assim: Patricia e Dagoberto nasceram em lugares diferentes, mas tiveram infâncias muito parecidas. Privação material, mas um lar alegre, com uma inocência que não existe mais hoje, diversas memórias de brincadeiras. Eles se conhecem num baile onde toca pagode, Dagoberto é tomado pelo desejo de um relacionamento com Patricia. A corte ocorre através de uma intermediária, Patricia, aparentemente curiosa com o pretendente que insistia em tentar um encontro, acaba saindo com Dagoberto. Os dois se apaixonam, largam os respectivos e anônimos relacionamentos (a namorada de Dagoberto sequer é citada, o namorado de Patricia funciona como um vilão numa anedota e nada mais) e começam a se ver. A primeira gestação vem e aí começa o drama: é um casal de adolescentes cujas famílias se recusam a reconhecer o relacionamento. O amor de Romeu e Julieta tem um final feliz: eles são reconhecidos pelos parentes e, “como a maioria das famílias brasileiras”, começam a “vir com a tropinha”. Patricia, Dagoberto e sua “tropinha”, no entanto, enfrentam uma constante fonte de instabilidade: eles não têm casa.

Essa é uma forma dramática, shakespeareana, possivelmente adaptável para o roteiro de uma comédia romântica, de contar a história. Outras motivações além do amor romântico e a disposição heróica em vivê-lo, como o desejo de independência em relação aos pais, muito comum em adolescentes, ou o desejo de que a primeira filha crescesse junto com seu progenitor, podem ter sido motores para a formação dessa família. Ou seja, na experiência histórica, que nos é inacessível, provavelmente muitos fatos foram deixados de fora da narrativa. Talvez quando Patricia disse que “não planejavam, nem se cuidavam”, por exemplo, sobre as repetidas gestações esteja implícita uma avaliação de que “se cuidar” teria

sido uma decisão mais racional. A maternidade é uma experiência complexa, uma mãe de vários filhos pode pensar que, se tivesse as informações, teria tomado cuidados para evitar a gravidez e, ao mesmo tempo, não se arrepender de nenhuma delas - em nenhum momento Patricia deu motivos para acreditar que este tenha sido o caso. Afinal, foram as gestações que lhe deram pessoas que ela ama muito.

De qualquer forma, Dagoberto e Patricia contaram uma história de amor que, provavelmente, é a verdade deles sobre o próprio relacionamento. Se no nosso trabalho analítico nós não devemos tomar tudo que está nas fontes pelo valor de face, também é verdade que o “valor de face” dessas histórias é em si uma informação. O modo como Dagoberto e Patricia contam a sua história é parte da história de Dagoberto e Patricia.

3 Patricia na ocupação: construindo uma família em um país hostil

Se com o crime eleitoral na última semana de campanha Djalma conseguiu o voto das famílias, não sabemos. Também não sabemos se a atitude com as famílias teria mudado, caso ele conseguisse a reeleição. O terreno ficava ao lado de um posto da Polícia Militar. Um policial tinha “avisado” Dagoberto de que “aquilo não iria durar”. Dagoberto relata ter discutido com o policial, afinal, o prefeito (o irmão dele na verdade) prometeu que não aconteceria um despejo e “tem vídeo”.

DR: E nós botamos bem no lado do policial, do postinho policial. O policial olhou pra nós e olhou "eh, isso aí não vai durar, vocês podem fazer bagunça aí, mas você sabe isso aí não vai durar, né?" Nós: "Não, o prefeito pá..." [O policial respondeu] "não, não, isso aí não vai durar, isso aí não vai durar, cara, mas vocês podem ficar aí". Porra, aí levamos panela e tudo. Aí depois...

Ressaltamos que a política irrompe nessa narrativa de forma supostamente despolitizada: o prefeito tentou um golpe clientelista para ganhar as eleições, as famílias aceitaram. Não existia interesse ideológico do prefeito na luta por moradia, nem há qualquer sinal de que a ocupação se entendesse como uma luta política. Patricia e Dagoberto narram como uma oportunidade econômica, de parar de morar de favor, agora que tinham acabado de ganhar mais um bebê. Nenhum dos dois possuíam uma posição política de apoiar ocupações urbanas. Patricia se descreve nesse período como “muito leiga” e Dagoberto relata ser contra o Movimento dos Trabalhadores rurais Sem-terra (MST) à época. O que fazia essa ocupação

parecer segura e justificável? Se levarmos em conta o diálogo de Dagoberto com o policial, é a autorização do “prefeito”. A ocupação é legítima, porque o prefeito disse e segura, porque tem vídeo comprometendo a autoridade. Interessante como a distinção entre os prefeitos de São José e Florianópolis é de certa forma apagada, eles se tornam praticamente o mesmo sujeito.

A aposta das famílias foi séria: levaram roupas, objetos de cozinha, cuias de chimarrão, madeira, materiais de construção e vários itens que mostram a intenção de ficar. Patricia levou Emyllin, então com dois meses, para o terreno ocupado. O que motivou o casal a ocupar um terreno? Como vimos, os obstáculos morais sobre “invadir” uma propriedade privada foram retirados do caminho. Então, sendo eles uma família com filhos que estava morando de favor, eles precisavam de um local para si. É uma motivação econômica que tem um fundo moral: morar de favor é considerada uma situação menos digna do que ter um lugar para si.

PO: (eu) lembro que como não tinha casa e morava de favor com a minha mãe, tinha pressa em construir alguma coisa. Então lembro que a gente começou a fazer uma estrutura e daí montando aquela estrutura toda, limpamos tudo que tinha, aquela estrutura toda, limpamos todo o quintal. E daí lembro que a gente fez meio que um acampamento ali, né? Aí a gente levou uns fogão e comecei a fazer comida ali. Aí eu lembro que a gente tinha feito uma feijoada, até no na ??? noite assim, numa segunda feira à noite. A gente falou assim: “ah, vamos descansar, amanhã a gente vem e arruma tudo, né?”.

Essa foi a noite do dia depois das eleições, um dia antes de chegar a ordem de despejo. Na terça-feira, Patricia levaria sua filha a uma consulta no posto de saúde. O despejo pegou os moradores completamente de surpresa, mesmo com os avisos do policial. A surpresa gera revolta:

PO: Quando eu vim da consulta o meu irmão já tava: “ah tem uma força policial enorme vão derrubar todas as casas”. Eu me desesperei e fui correndo assim, sabe? Quando fui já não dava mais tempo porque ali minhas coisas a máquina já tinha destruído tudo. Não consegui recuperar nada, daí a gente foi lá do outro lado, né? E quando a gente chegou lá, que eu fui lá para pegar a barraca, as coisas o policial tava “naquela”, né? Ameaçando as famílias dizendo que a gente tava colocando as crianças em constrangimento, que eles iam acionar o conselho pra mim, né? Tipo, intimidando as famílias. A gente falava: “mas não vai dar tempo, uma hora é muito pouco”. “Muita gente tá trabalhando não vai conseguir chegar” e ele falou, “não, ordem é ordem, vai ter que ser cumprida não sei o quê”.

A ordem “vai ter que ser cumprida” lembra o título “A ordem já foi executada” do livro de Alessandro Portelli sobre o massacre das Fossas Ardeatinas³⁷. Como os nazistas em Roma, o sujeito que comete a violência é um sujeito oculto, burocrático, tão maquinal quanto os tratores que maneja. Para as famílias, porém, o trato com o Estado estava sendo descumprido e a violência policial era pessoal e intransferível.

PO: Foi tentado fazer até um isolamento, mas não conseguimos e algumas pessoas se revoltaram, saíram correndo, “tacaram” fogo nas casas porque, né? Gerou uma revolta assim bem grande. Aí eu lembro que eu sentei no meio fio assim comecei a chorar e dizendo que eram pessoas de bem, que era família, que eles não precisavam fazer tudo aquilo ali, né? Para tirar aquelas famílias, porque ali ninguém tinha roubado, ninguém tinha ocupado. Simplesmente, um prefeito chegou prometeu uma coisa e iludiu as famílias e a gente estava naquela situação. E aí eu lembro que vi muitas mães, muitas crianças chorando assim. É uma cena assim, muito triste, mesmo, assim. Uma coisa assim que gerou uma tristeza muito grande, mas gerou uma revolta também.

“Ninguém tinha ocupado”, ou seja, havia ocupações ilegítimas e havia a ocupação que eles realizaram. A sensação de ser tratado da mesma forma que alguém que violou a lei de alguma forma, rompendo, portanto, o limite da violência legítima do Estado, fez com que as pessoas colocassem fogo nas próprias coisas. Na impossibilidade de conservar, destruir é uma forma de dar vazão à revolta. Mas Patricia não colocou fogo em nada, ela sentou e começou a chorar. Acessando essa experiência pela memória, parece ser um divisor de águas, pois foi ali que ela viu que “está tudo errado”. “Está tudo errado” vai ser um maneirismo que será repetido, uma expressão que tem um significado profundo na noção de Patricia sobre o mundo.

Ver a casa sendo destruída e ver sua concepção do mundo destruída, na história de Patricia, são dois processos simultâneos. Podemos apenas supor em que nível essa narrativa corresponde à experiência e em que nível ela é a elaboração de uma história que foi contada muitas vezes. São imagens poderosas: ela com a filha nos braços, vendo um cerco policial e assistindo impotentes a destruição do que seria seu lugar no mundo. O caos, as pessoas ateando fogo, a polícia ameaçando famílias. No meio, talvez no centro, Patricia só consegue chorar e se perguntar por que estão fazendo isso com “pessoas de bem”. O uso da maternidade, do choro, da fragilidade e da inocência têm um caráter de gênero muito claro, que Patricia articula na história em defesa própria e da comunidade.

³⁷ Portelli, Alessandro. *L'ordine è già stato eseguito*. Roma, le Fosse Ardeatine, la memoria. Feltrinelli. Roma: 2012.

O despejo havia atraído os movimentos sociais da cidade, que logo vieram em socorro das famílias. Patricia lembra de Simara Pereira, militante do Sindicato dos Bancários de Florianópolis, Vitor Tonin e Jonathan Jaumont, militantes brigadistas. Além disso, o Coletivo Anarquista Bandeira Negra (CABN) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Junto aos moradores, essa coalizão organizou uma assembleia. Esse parece ter sido um marco:

PO: Quem tinha pra onde voltar voltou, mas tinha muita gente que não tinha o que fazer, entregou seus aluguéis, então não tinha pra onde voltar. Eu lembro que teve aquela assembleia, né? Foi a primeira assembleia na vida que eu participei, que eles foram reuniram o pessoal, foram na prefeitura e a gente conseguiu o ginásio. E daí ali a gente ficava no ginásio uns vinte e oito dias e chegamos nesse terreno que a gente tá hoje. Eu digo que aquilo lá serviu, é pra mim como, uma escola, né? Ali eu acho que eu comecei a conhecer o verdadeiro sentido da vida, do trabalho. Da dignidade. Foi ali naquele momento mesmo, que a gente precisa sentir na pele as coisas pra gente ver que tá tudo errado, que as coisas precisam ser diferentes, que tudo tem que melhorar e pra melhorar a gente não pode cruzar os braços, a gente tem que correr atrás. Eu acho que ali começou a nascer uma nova Patricia, assim.

Se o momento do despejo foi destrutivo, o momento seguinte é descrito como uma reconstrução. É uma nova Patricia, da qual a Patricia atual sente um orgulho muito visível. O contraste entre os dois momentos, o fato de que eles ocorreram todos em um período muito curto, parece ter um peso no quanto eles foram decisivos. Foi um mês que Patricia estava em licença-maternidade e pode se envolver de forma intensa nas atividades do ginásio.

A mudança para o ginásio não foi uma decisão pacífica entre Dagoberto e Patricia. Dagoberto quis voltar para a casa da sogra, por conta das condições do ginásio e, talvez, por preocupação com as crianças. Ela insistiu “bateu o pé”, pegou um colchão, uma garrafa de café e foi com a Emyllin e, às vezes, as crianças. Isso gerou uma situação que ilustra bem os conflitos do casal neste período:

DR: Eu estava no serviço, na época não tinha WhatsApp, mas a gente já tinha o celularzinho. Eu lembro que a minha mãe ligou. "Tais onde?", eu disse "Tô trabalhando, estou na hora do almoço". [a mãe respondeu] "Compre um jornal!". [Dagoberto perguntou] "Comprar um jornal?", "É!". Aquele, tinha um jornal chamado Hora. Baratinho, era centavos.

VM: Eu lembro do Hora

DR: [Continuando o diálogo com a mãe dele] "Compre o jornal, agora!", "sim, vou comprar!", "olha lá, o meu neto! morando no ginásio!" "é? num ginásio?", "Calma, deixa eu comprar o jornal para ver". Comprou um Jornal para ver. Aí eu olhei para o jornal, estava a foto assim - e era uma foto grandinha: o Brayan deitado no colchão. O Brayan devia ter o que? A idade de Miguelzinho? Um pouco mais velho. Deitado no colchão, sem camisa. E o cara tirou a foto do Brayan, cara. E fez lá a matéria do povo no ginásio. Minha mãe queria me matar. "Meu Deus, mas que isso, vocês estão malucos, vocês estão com essa gente? Os sem-terra, mimimi blablaba". Aí eu digo, "meu Deus, mãe...". Aí eu já ligo para a Pat: "Porra, que o Brayan..." Aí vinha a parte da discutir. "Porra, como é que eu vou deixar entrar a foto do Brayan aí? Meu filho no jornal".

Hora de Santa Catarina era um tablóide do grupo RBS, atual NSC. Foi difícil transcrever a contação de história de Dagoberto, contada em meio a risadas. Porém, é compreensível a preocupação com a exposição de uma criança, talvez fotografada sem o consentimento de Patricia. A situação realmente é precária, mas o relato de Dagoberto mostra uma animosidade com a ideia de participar de um movimento social. Sua esposa estava determinada a conseguir o terreno, não importa o sacrifício e não demonstrou a mesma repulsa. Quando falamos anteriormente das atitudes políticas do casal antes da ocupação em relação a movimentos sociais, Dagoberto demonstrou ter uma opinião, enquanto Patricia se descreveu como “leiga”.

A firmeza de Patricia aqui indica que havia um motor para continuar no movimento, que existia mesmo antes da vivência no ginásio. Isso contrasta com alguns relatos sobre si mesma no “antes”: a de uma pessoa que aceita tudo, de alguém que é passiva. Em um momento da segunda entrevista, Patricia lembra que organizou uma movimentação trabalhista antes de entrar na Ocupação Contestado.

PO: Olha, tanto é que eu vou te contar uma história. Eu trabalhava numa creche como merendeira, e daí eu lembro que teve uma vez que o nosso ticket alimentação ele não saiu. E daí a empresa começou a enrolar, aí a direção da unidade da creche, também não deu muita atenção, né? Eles queriam garantir com que a gente tivesse ali trabalhando, cumprindo horário, mas não se preocupavam que a gente precisava, dos nossos recursos para poder até mesmo ir trabalhar, manter a nossa alimentação. E daí eu lembro que eu comecei ligar pras pessoas e dizer “ó, a gente vai parar, a gente vai cobrar” e a gente conseguiu parar, assim. Eu lembro que a gente não tinha o apoio do sindicato, aí a gente começou a ligar pro sindicato e dizer assim “olha o nosso ticket atrasado e a gente quer ajuda de vocês para ir cobrar, a gente não sabe de quem cobrar, mas a gente precisa de ajuda”. A gente fez uma mini manifestação das merendeiras, a gente foi para frente da catedral e, quando chegou lá, eu comecei assim me destacar entre as mulheres, dizer “não, a gente não pode aceitar menos que isso, né? Um direito nosso!”. Aí quando foi montado uma comissão para subir para falar ali na prefeitura, com o dono da empresa e com o secretário do prefeito, é, eu fui selecionada, aí eu lembro que no elevador, quando a gente tava subindo, tava o presidente do sindicato, advogado e mais algumas três. Aí ele falou “olha vocês deixem que eu falo que não sei o que”, aí eu disse “não, todo mundo vai falar, porque as maiores prejudicadas somos nós. Não tem que ficar quieto, não, tem que colocar a boca no mundo e tem que falar a realidade, não sei o quê”. Aí eu lembro que a gente chegou lá em cima e eu comecei falar, eu disse “tá tudo errado, porque

se a gente se atrasa alguma coisa vocês descontam, a gente não tem o direito de ficar doente, mas vocês não se acham no dever de colocar em dia os nossos salários nosso ticket de alimentação, muitas vezes a gente não tem como vir trabalhar, porque o vale transporte não cai no dia a gente tem que tirar do nosso próprio bolso”.

Essa Patricia não apareceu na entrevista anterior e ela, aparentemente, já estava ali quando a “Nova Patricia” chegou. Por quê? Talvez, por ter sido mais interpelada a falar justamente da sua própria relação com a política, ela tenha acessado memórias políticas e politizado memórias que não apareciam na história de vida de “antes”. Não queremos “desmentir” a pessoa que generosamente nos contou a própria história e que, como todo ser humano, possui contradições e falar sobre si permite reinvenções. Todas as histórias que ela contou são a verdade dela sobre si mesma, cabe a nós tentar entender como essa verdade se constrói na mente de Patricia.

O “renascimento” não foi instantâneo. Patricia começou a entender “o verdadeiro sentido da vida” com a filha no colo, participando das atividades do ginásio, das comissões de limpeza e de alimentação. Embora Dagoberto não estivesse no ginásio, ele trabalhava fora, visitava Patricia constantemente e atendia os filhos mais velhos, que nem sempre ficavam lá. Patricia dormia no ginásio e observava cada movimentação. Inicialmente, ela não esteve no centro das decisões, mas assumiu um grande volume de tarefas. A participação em atividades coletivas já foi descrita como uma atividade terapêutica. Depois de um episódio que certamente a abalou psicologicamente, a possibilidade de construir uma comunidade pode ter ajudado Patricia a lidar com a dor.

No ginásio, todos sabiam que, em algum momento, iriam para algum terreno. Contudo, como é prática corrente nos movimentos sociais, a informação sobre qual terreno seria não circulava. Nem todos os moradores dormiam no ginásio, na verdade boa parte ia para as casas de parentes quando podiam. Uma noite, o local ficou cheio de pessoas que dormiriam ali. Patricia notou, ligou para Dagoberto e disse: “vai acontecer”. O marido pegou um martelo e um prego, ela veio com a mãe, um carrinho de bebê e a Emyllin. No terreno novo,

No novo terreno, batizado de Ocupação Contestado em referência à guerra que aconteceu em Santa Catarina no início do século XX, as BPs, o CABN e o MST iniciaram a organização de núcleos dentro das quadras da Ocupação. Esses núcleos tinham também nomes simbólicos, como “Anita Garibaldi”, “Dandara” e “Estrela-guia”. Tonin e Magalhães (2015), ambos militantes das BPs, relatam a dificuldade de criar uma cultura coletivista em

um movimento que estava lutando pela casa, uma propriedade privada. Os núcleos tinham banheiros e cozinhas comunitárias, sua organização tinha como objetivo avançar na construção de uma nova sociabilidade. Tanto Patricia como Dagoberto falam sobre como a Ocupação era mais unida nesse período, ponderando que a ameaça iminente de despejo era um fator considerável para mobilizar os moradores.

Entre os desafios para criar a união estava coibir comportamentos que afetasse a legitimidade política da Contestado.

VM: É, então, mas todo mundo que estava ali contigo, o pessoal estava ali pelo coletivo ou isso foi uma coisa que foi se desenvolvendo?

PO: É, foi aí que eu digo quando é... Tipo, começou de fato se organizar as famílias, né? E a gente começou ver realmente as pessoas que realmente precisavam e encararam. E muita gente é que tinham de ficar, na verdade, ou na casa de um parente ou até mesmo um aluguel. E tinha casas aqui, mas era meio que faz de conta, então a gente começou a se organizar e ver essas situações, porque a gente entendia que se tem casa aqui teria que morar, né? Não poderia ter um “barraco fantasma”. Isso aqui era uma ocupação que lutava por moradia, então a gente tinha um regime, a gente fez um regime interno. E a gente tentava seguir à risca aquelas regras. Então tudo que violava de certa forma, alguma regra daquelas, a gente ia a gente cobrava.

O regimento interno era uma maneira de gerir os conflitos dentro de uma comunidade atravessada por contradições. Uma delas é a violência de gênero. Santa Catarina com uma das maiores taxas de feminicídios no Brasil. A pobreza é um fator de risco para a violência doméstica, o que certamente tem implicações para ocupações urbanas. Não queremos de nenhuma forma estigmatizar esses espaços que, como mostraremos a seguir, desenvolvem estratégias para lidar ativamente com o problema. Uma das políticas era que, em caso de separação em geral, a prioridade das casas era para a parceira. Isso facilita a denúncia, mas, também, cria uma saída para vítimas relutantes em denunciar.

Em ordem crescente de abrangência, haviam reuniões de núcleo, de quadra e a assembleia da Ocupação. Com o tempo, essas formas organizativas mudaram. Os núcleos foram progressivamente se dissolvendo, as quadras e assembleias ganharam espaço. As reuniões se tornaram menos frequentes. Jefferson Maier (2022) não interpreta isso como uma decadência organizativa, mas como um processo de evolução das formas de auto-organização, com as moradoras aprendendo o que precisa ou não de reunião, em um espaço onde o tempo das pessoas é escasso. Embora Dagoberto e Patricia sejam unânimes em apontar que a “união” da Contestado diminuiu com o tempo, eles não relacionam isso diretamente com as formas organizativas, mas com a participação das moradoras nelas. Como principal liderança na comunidade, Patricia tem uma função bastante importante em manter a Contestado

“unida”. Isso deve ser levado em conta, pois seu relato pode refletir o vetor de forças do seu dia-a-dia: ela tentando manter a mobilização, enfrentando a resistência das pessoas em dispor do seu tempo livre para atividades políticas.

Nesse período, Patricia foi progressivamente crescendo como direção, em grande parte pela própria disposição em fazer sacrifícios pessoais em favor do coletivo:

PO: Porém depois que passou a minha licença, tudo, tinha que voltar a trabalhar e foi onde que realmente descobri que a minha vida tinha mudado de uma maneira assim radical. Porque, se eu tinha uma luta tipo uma manifestação alguma coisa que que fosse da comunidade pra fazer e tinha que ir pro trabalho, eu priorizava a comunidade, e entendia que se fosse trabalhar e deixasse de lado as coisas que tinha que fazer aqui, que eram importantes pro coletivo, que eram importantes para manter a gente aqui em cima... Poderia acontecer novamente tudo aquilo que já tinha acontecido lá atrás naquele despejo, onde muitas pessoas estavam trabalhando. E eu quero dizer assim que eu abracei, eu acreditei naquilo que eu tava fazendo de uma forma tão intensa que eu lembro que tinha meses, né, Dago? De eu pegar 200 reais no meu salário. Mas eu achava que aquilo era necessário. E realmente naquele momento foi muito necessário, foi muito importante aquela dedicação porque a gente fechava os olhos e quando a gente abria a gente tava com uma liminar de despejo batendo na porta. Então como é que tu trabalhas, como é que tu fica no ambiente de trabalho, sabendo que na tua casa estão os teus filhos, a tua família correndo risco de um despejo. É complicado assim porque... tu já sofreu um despejo.

Dagoberto fala sobre esse crescimento como uma mudança ao longo dos 12 anos da Ocupação, o que dá a entender que a transformação foi gradual e contínua. Ela começa no ginásio e vai tomando proporções cada vez maiores. O modo como Patricia descreve esse processo é peculiar:

PO: E ali eu comecei me sobressair, comecei correr atrás, comecei querer aprender, entendeu? Ali eu fui conseguindo ter uma... não protagonismo, mas eu consegui ir avançando nos meus bloqueios, nas etapas, nas coisas. Até lembro que teve um certo momento que teve algumas pessoas ali do núcleo ali da Garibaldi a gente não tava se identificando muito, eu troquei pro núcleo Estrela-Guia que era o núcleo da Duda. E ali eu vi que a gente foi construindo mais ainda, a gente foi crescendo, a gente foi organizando e ajudando. Quando eu vi eu já estava totalmente envolvida naquele processo. Naquele processo das liminares de reintegração de posse, da organização dos núcleos, das cozinhas comunitárias. Então, eu já estava totalmente envolvida naquela organização e ali que foi se tornando a minha vida. Não me preocupava mais só com a minha família, comigo, a minha preocupação já era o coletivo. Então tudo que era pra ajudar o coletivo eu tava lá enfiada. Ia eu e a Emyllin pequenininha nas manifestações nos atos sempre tentando dar visibilidade para nossa luta.

“Não protagonismo” é uma negação que denuncia a palavra que a entrevistada teria usado, mas optou por afastar. Por que a ideia do protagonismo é um problema? Patricia, pelo menos conscientemente, não quer ser a protagonista de uma história. Qual história? A oração “minha preocupação era com o coletivo” responde essa pergunta: é a história da Ocupação Contestado. Porém, protagonismo é uma palavra que lhe vem à mente. Talvez Patricia tenha

revelado um pouco sobre como vê a si mesma, mas, ao mesmo tempo, o que considera um valor moral. A protagonista deste trabalho - que é, antes de tudo, sobre Patricia - tem o coletivismo e o anti-autoritarismo como valores ético-políticos.

Avançar “em bloqueios, nas etapas” mostram um processo de reconstrução da auto-imagem prazeroso para a entrevistada. Da mesma forma que a destruição da sua casa foi a destruição de um mundo e de si mesma, a construção da Ocupação e a participação em processos políticos foi a construção de outro mundo e de outra Patricia. Temos de ponderar que essa não é, necessariamente, “a verdade” sobre Patricia, mas, um exercício analítico com intuito de entender a verdade *de* Patricia sobre si. Como colocamos acima, essa narrativa possui as contradições que se espera encontrar em uma entrevista de história oral, que não desvalorizam de nenhuma forma seu testemunho.

Em 2013, no mesmo ano que o autor deste trabalho entrou para a organização, Patricia aderiu às Brigadas Populares. Questionada sobre as razões da decisão, a militante respondeu:

VM: Entendi. É porque tinham algumas outras organizações ali no começo da ocupação eu queria entender o porquê dessa escolha, sabe?

PO: Não desmerecendo as outras organizações, mas as Brigadas Populares desde o início... É, não sei, me passava segurança, confiança. Claro que tinha momentos de ajuda, mas não usava assistencialismo para ganhar as pessoas, sabe? Elas tentavam passar pra gente mais os ideais, as lutas, as batalhas, tentavam, tentam até hoje, né? A gente tenta mostrar para as pessoas que a nossa realidade vai ser, pode ser, muito diferente se a gente tiver unido, se a gente lutar, se a gente buscar o melhor.

Embora essa pergunta possa parecer induzida pela filiação de quem escreve que coincide com a da personagem dessa pesquisa, salientamos que ela diz algo mais interessante sobre Patricia do que sobre a organização. O modo como ela explica mostra uma distinção entre demandas econômicas, o “assistencialismo”, e demandas políticas. Não podemos, é claro, inferir que essa diferenciação estivesse necessariamente presente no momento em que Patricia entrou na organização. Ela pode ter projetado uma visão de anos organizada sobre o passado, como é comum em histórias de vida de militantes sobre a própria entrada em uma organização política. Porém, não trata-se de indício de que Patricia estivesse descobrindo suas possibilidades como sujeita envolvida no trabalho coletivo. Provavelmente, em algum nível, simpatias pessoais possam ter ajudado a se engajar com os ideais políticos da organização.

A dissertação de Jefferson Maier (2022) dá conta de que moradoras se identificaram com as Brigadas Populares por ser uma organização com uma “característica ‘militante popular’”. Como as Brigadas Populares não são uma organização de quadros, apesar da inspiração leninista do centralismo-democrático, elas possuem uma permeabilidade que

permitiu a moradoras entrarem e saírem em diferentes períodos. A identificação com os símbolos, como as três estrelas e a camiseta, é geral no território. Isso não deve levar a conclusões precipitadas. Uma assembleia da ocupação não é uma reunião das BPs, assim como, apropriação dos símbolos não implica em apropriação da linha política. Essa exposição tem como objetivo colocar em evidência que Patricia não é apenas uma direção da Contestado - condição que não implica em ser brigadista -, mas uma intelectual orgânica de uma organização política revolucionária. Em outras palavras: Patricia é uma sujeita ativa na criação, não mera reprodução, de uma cultura política.

Qual cultura política é criada por Patricia? Ainda no trabalho de Jefferson Maier (2022), são localizadas as unidades linguísticas “luta”, “união” e “sair do aluguel”, repetidas muitas vezes no discurso de alguns militantes. Elas parecem ser centrais para a cultura política do território e dialogam com a linha da organização. É provável que Patricia tenha sido a principal intelectual que formulou essa cultura, a partir das próprias experiências, da linha da sua organização e das necessidades do território. No capítulo 4 vamos analisar o que esses termos significam no discurso de Patricia, que tem a casa mais visitada da ocupação e, provavelmente, a pessoa que fala com o maior número de moradores na comunidade. Isto é: Patricia é acessível, o que aumenta materialmente a disponibilidade do seu discurso. Segundo Antonio Gramsci³⁸:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas "originais"; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, "socializá-las, por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens [sic] seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato "filosófico" bem mais importante e "original" do que a descoberta, por parte de um "gênio" filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

Isso coloca Patricia na função de intelectual orgânica, não apenas pelo seu trabalho de formulação, mas por ter atuado como um terminal por onde a cultura do território e sua identidade foram tomando forma ao longo dos anos.

Nos primeiros anos da Ocupação, a atuação política da comunidade foi sobretudo contra o despejo e pela garantia de direitos como escolas, acesso à saúde e assistência social.

PO: Exemplo é aqui, ó, para a gente conseguir ser atendido num posto de saúde, a gente teve que ocupar a Secretaria de Saúde. Para a gente ser atendido, as nossas

³⁸ Gramsci, Antonio. Cadernos do cárcere, Vol. 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1999.

crianças irem pra creche, colégio, a gente tem que ocupar a Secretaria de Educação. Para a gente conseguir reivindicar os nossos direitos, a gente tem que ocupar uma prefeitura, porque, se não, por a gente ser morador de ocupação, a gente não é recebido, então é tudo na pressão.

Embora em uma pergunta sobre a efetividade da disputa de eleições para garantir direitos, Patricia conta nessa resposta que a principal forma da ocupação conseguir seus objetivos políticos é a ação direta. Indo contra os princípios que orientavam o Sistema Único de Saúde, os postos do bairro da Serraria não estava deixando as moradoras serem atendidas. A justificativa mostra uma possível mensagem da prefeitura para as ocupantes: elas não tinham comprovante de residência, portanto não poderiam ser atendidas. Isso é reforçado pelo fato de que, até 2016, a luta para conseguir um projeto habitacional era ofuscada pela luta contra as ordens de despejo. Esse é também o período em que Patricia e Dagoberto relatam a maior facilidade em mobilizar as famílias pela proximidade de uma ordem de despejo.

Nesses primeiros anos se organizou uma rede de apoio, que ia além das Brigadas Populares e mesmo da própria esquerda na região da Grande Florianópolis³⁹. Advogadas populares foram fundamentais para o enfrentamento jurídico a ordens de despejo, abrindo um novo frente que complementava a mobilização. O vereador petista e arquiteto Lino Peres, mesmo sendo vereador em Florianópolis, prestou assistência técnica e emprestou seu capital político. Igrejas, professores e associações do terceiro setor em geral também estiveram nessa rede. Esses foram todos atores políticos com quem Patricia teve contato e, crescentemente, se tornou uma articuladora importante, tanto dentro quanto fora da Ocupação.

Um dos enfrentamentos mais duros que a Ocupação Contestado teve de enfrentar foi com as forças de segurança pública, em especial a Polícia Militar. A execução do primeiro despejo em 2012 foi mantida fresca na memória das ocupantes através da violência das abordagens, cuja brutalidade gerou uma grande revolta. Nas palavras de Patricia:

VM: Como é a relação da comunidade com a polícia naquele caso e como ela foi nesses anos todos?

PO: Olha, a polícia se tornou uma grande inimiga da comunidade, porque eles nunca vem aqui para zelar pelas famílias, para garantir os nossos direitos, eles sempre vêm pra coagir, pra destruir o que a gente constrói, para intimidar os moradores, para intimidar as crianças, famílias, para desrespeitar as pessoas, sempre de forma bem truculenta, bem agressiva. Então, a gente não vê eles como pessoas de bem, que vem aqui para defender a população brasileira para fazer o que eles tem que de fato fazer, né? Eles vêm aqui para chamar a gente de vagabundo, marginal, invasores de terra, dizer que a gente não tem direito a nada e que eles vão ter muito prazer de acabar com a nossa comunidade, destruir tudo que a gente construiu. Essa é a realidade.

³⁹ Jefferson Maier.(2022)

Sabe-se que, a partir da teoria da guerra contra-revolucionária, a doutrina das polícias brasileiras é de tomar as comunidades como inimigas. Essa é uma experiência histórica que se verifica em comunidades periféricas por todo o Brasil contemporâneo. No entanto, Patricia diz que “a polícia se tornou uma grande inimiga da comunidade”, o que sugere um processo. Talvez, a partir do momento em que a Ocupação Contestado se formou enquanto comunidade, a distinção entre inimigos e aliados se tornou mais clara. A partir daí, os abusos pontuais não eram mais culpa de um policial sádico, ficou mais difícil supor que cada pessoa atacada pela polícia tinha algum envolvimento com o tráfico, porque no Contestado quase todo mundo conhece quase todo mundo. De certa forma, a Ocupação se tornou uma grande inimiga da polícia a partir do momento em que questionava o status quo, a partir do momento em que não aceitava calada a opressão. Ou seja, a partir do seu nascimento.

Em outro trecho, a própria Patricia mostra como seu entendimento sobre a polícia mudou:

PO: Olha, eu nunca tive proximidade com a polícia. Porém é... Como é que eu vou te dizer? Eu não vou dizer que eu era um defensora da polícia, mas eu não via eles com esse grau de inimizade que eu tenho hoje, né? Para mim era polícia, estão fazendo o trabalho deles. Sei lá o que que eu pensava. Eu acho que era uma pessoa muito burra, na verdade, muito leiga. Eu acho, né? Porque às vezes a gente não se atenta às coisas que acontecem ao nosso redor. Eu acho que quando a gente não trabalha pelo coletivo que a gente olha nosso próprio umbigo, a gente não vê muita coisa que acontece, né? Então a gente não vê e não quer entender o que realmente está acontecendo. Agora muda quando tu faz parte de um coletivo, mesmo que ela não esteja fazendo pra ti, ela tá prejudicando alguém que é próximo e tu tá vendo que aquilo ali tá errado, que não é justo que eles estão fazendo, aí a tua visão muda totalmente.

Não há indício nenhum de que Patricia tenha sido uma pessoa pouco inteligente, em todas as entrevistas ela demonstrou um entendimento às vezes bastante sofisticado sobre processos políticos. Mas ela era de alguma forma “leiga” pois a política não tinha centralidade em sua vida. Patricia muda seu conceito sobre a política ao mesmo tempo que a comunidade, mas ela não o faz passivamente: ela cumpre um papel central como agitadora e cria o discurso defensivo que coloca o papel que a PM teoricamente deveria cumprir em confronto com o papel que a instituição realmente cumpre. A visão de atacarem “famílias de bem”, “eles não vêm aqui para garantir nossos direitos” dialoga com as expectativas das moradoras sobre a atuação do Estado para fazer uma mobilização.

PO: A polícia entrava, botava fuzil na cabeça da criança, botava os nossos filhos no paredão, entrava, quebrava os móveis das famílias, jogava as roupas no chão, humilhava as mulheres. Então eles faziam muito assédio aqui dentro, né? Muita

violência com as famílias, com a comunidade. Então isso foi gerando uma revolta e a gente não queria mais passar por aquilo ali, porque chegou ao ponto de eles pegarem baionetas e furarem todos os pneus, os pneus dos carros que estavam estacionados ao redor da ocupação. Entrava dentro da casa das pessoas, quebrava a porta de armário, quebrava a máquina, jogava as comidas no chão. Eles não olhavam se tinha criança ou não botavam o fuzil e não queriam nem saber. Começou a gerar uma revolta e a gente começou a querer ir atrás dos nossos direitos, porque eles não estavam vindo aqui para pegar um bandido ou vir atrás de uma operação que fosse, né? Não, eles estavam vindo aqui para intimidar as famílias e fazer com que a gente desistisse de tudo e fosse embora e, dessa forma, eles usavam muita violência. Com os pais de família, com os adolescentes e até mesmo com as crianças.

A comunidade aparece através dos seguintes elementos concretos: crianças, mulheres, pais de família, móveis e itens das casas. Concretamente, a polícia aparece de duas formas: fuzis e baionetas. Diante da criminalização dos movimentos sociais, tentar humanizá-los no discurso político através da menção a famílias, mulheres e crianças é uma forma de contrapor moralmente a repressão. A Contestado, então, se organizou contra a violência do Estado em uma manifestação na Superintendência Geral da Polícia Militar. Elas queriam falar “com o pessoal dos direitos humanos”, para abrir um diálogo com o Comandante Geral da Polícia Militar. O que se seguiu foi um dos episódios mais radicais da história da Ocupação Contestado: o movimento de moradia ocupou a Superintendência Geral da Polícia Militar. Vejamos como Patricia conta essa história, na ordem cronológica dos eventos:

VM: Mas vocês decidiram ocupar ou foi uma coisa que aconteceu meio...

PO: É, na verdade, a gente queria abrir um diálogo, né?

VM: Aham.

PO: Com o comandante e daí a gente foi atrás dos direitos humanos, a gente foi atrás de advogados, a gente foi atrás de uma rede de apoio muito ampla, para a gente não chegar lá... Porque é óbvio que a gente é o lado mais fraco, sempre sairia prejudicado, aí eu lembro que eles estavam lá na negociação.

Patricia mostra que o encontro não foi despreparado, a rede de apoio foi acionada. Mostra também a análise da correlação de forças, uma preocupação com a criminalização do movimento. Porém...

PO: E daí meio que teve algumas falas lá que não eram verdadeiras, aí o pessoal meio que se revoltou. A gente amarrou um pano preto no no rosto e a gente ocupou a polícia, porque a gente queria gritar lá dentro e falar que o que eles estavam fazendo era assédio, que eles estavam passando dos limites, que eles não estavam respeitando as famílias e que o que eles estavam alegando lá dentro não era verdade.

Embora ocupar o Batalhão da Polícia Militar possa ser visto como uma ação drástica, sua “violência” é meramente simbólica e deixa muito menos consequências do que, por

exemplo, estapear uma criança. A violência do Estado frequentemente é física e letal. Patricia lista o que eles queriam “gritar lá dentro”, o que parece indicar o objetivo da ação: serem ouvidas pelo Estado.

Graças à mobilização das moradoras e à ajuda de advogados populares, uma mesa de negociação foi estabelecida, para que as famílias não fossem despejadas, em 2016. A Contestado, para conseguir isso, fez o que estava já acostumada a fazer: moradoras ocuparam a Prefeitura, enquanto uma rede de apoiadores foi acionada. Esse era um ano eleitoral, o que pode ter afetado a atuação tanto do movimento quanto da prefeitura de estabelecer uma mesa de negociação. Dessa vez, porém, as famílias - e Patricia - ocupavam um papel menos passivo do que em 2012: elas tomam a iniciativa de ocupar, há uma demanda pensada coletivamente de um projeto de casas, não de apartamentos. A proposta é um projeto de moradia popular na Avenida das Torres, em um terreno da União. Após as eleições, talvez previsivelmente, a prefeitura ignorou as várias tentativas da Ocupação Contestado de fazer a negociação avançar.

Ao invés disso, houve uma perenização da Contestado: barracos de madeira substituíram os de lona e, em alguns pontos, dois andares e piso de concreto. Mesmo assim, a reivindicação permaneceu a mesma até o momento em que escrevemos esse trabalho: sair da Ocupação para um projeto de moradia popular. O terreno onde a Contestado nasceu e cresceu é pequeno demais para mais de 100 famílias viverem com dignidade, na visão dos próprios ocupantes.

Isso certamente se refletiu na capacidade de mobilização. Aparentemente, segundo Patricia e Dagoberto, é mais fácil sair em protesto com as famílias no caso de uma ameaça de despejo, do que com a perspectiva de um projeto habitacional.

DR: O povo vai se acomodando. Imagina, 12 anos num lugar e 12 anos provindo que, "ano que vem, a gente sai", "não, acho que o ano que vem vai dar". Então, tu imagina isso em 12 anos seguidos. Então é claro que o povo em si vai dar uma relaxada. Não tem como não relaxar. Então eu acho que teve essas mudanças. Tinha mais reunião, tinha mais... Tinha mais... Como vou dizer? O povo era até mais unido.

Essa “acomodação” é um problema que as lideranças da Ocupação, particularmente Patricia, têm que lidar de forma cotidiana. A deserção de pessoas que estavam mobilizadas pode ser interpretada como “acomodação”, mas também como desilusão. A realidade política de São José sempre foi hostil às famílias e ela não melhorou com o tempo.

VM: Questão mais política, por assim dizer. Em relação às prefeituras de São José durante a ocupação. [Patricia faz expressão de impaciência, eu rio] Foram duas, duas pessoas que ocuparam a prefeitura, né? Foi a Adeliana e o Orvino. Como é que era a relação com cada um.

PO: Horrível, a Adeliana foi uma pessoa que teve a mesa de negociação. Mas a mesa de negociação só teve porque a gente ocupou a prefeitura e disse que não ia sair de lá se ela não recebesse a gente. Tanto é que ela ficou oito anos empurrando com a barriga e não resolveu nada, então eu não digo que seja... que foi uma coisa que caminhou. E o Orvino, para mim foi a pior gestão que eu já vi aqui dentro. Ele é uma pessoa que não abre diálogo, não tem conversa e é bem difícil, bem difícil, assim. Eu acho que essa gestão aqui do município de São José é muito... Ai, para não falar alguns palavrões, olha pra mim, é uma das piores que existe.

Os relatos de Patricia sobre a conjuntura política nacional também indicam que esta influenciou o processo de construção do projeto de moradia.

VM: Por que tu acha que o governo Temer era tão ruim?

PO: Primeiro, porque ferrou com tudo, principalmente as nossas negociações, as figuras que a gente lidava que certa forma defendia um pouco, o nosso cenário, foram substituídas por pessoas que julgavam mais do que ajudavam a gente. Trancaram todos os cenários possíveis que pudessem dar acesso à nossa construção do projeto habitacional e o que fez a gente continuar em evidência, continuar garantindo as mesas foi o sacrifício das famílias mesmo, de lá ocupar os espaços, brigar e é isso.

Ou seja, não é que os moradores estejam necessariamente satisfeitos com o terreno, mas que a realidade política do país e do município tornou a reivindicação da comunidade mais improvável. Patricia e a Ocupação Contestado não ficaram parados nesse período. A comunidade, a partir de 2012, se tornou referência política para outras ocupações que aconteceram logo em seguida, abrindo um novo período histórico na luta por moradia na ACF⁴⁰. Qual a razão para o protagonismo para a Ocupação? A perenidade talvez explique. Embora famílias venham e vão, a Contestado continua no mesmo terreno, com uma cultura política interna própria, símbolos e uma narrativa sobre si mesma.

E Patricia? Na Ocupação, ela está desde o início até hoje. Ela está dentro de uma organização política que vai para além da Contestado, o que facilita sua circulação. Seu comprometimento, o volume de trabalho, fazem com que ela cumpra uma série de funções na comunidade. É a primeira pessoa para quem as pessoas vão quando o Conselho Tutelar toma uma criança, quando o posto se recusa a atender alguém, quando famílias são humilhadas pela prefeitura para receber uma cesta básica. Ao cumprir uma função social dentro do território, Patricia acumula capital político, expresso na capacidade de mobilização e na confiança das famílias. Isso se intensificou após a saída de um militante das Brigadas Populares que cumpria algumas dessas funções:

DR: Então mudou assim, e eu vejo que em relação a ocupação para fora em si, o Contestado cresceu muito, ficou muito conhecido, e eu acho que de todas as

⁴⁰ Francisco Canella (2015)

ocupações ela ainda é referência. Fora, né? Dentro é outra coisa, mas fora, eu vejo como um lado positivo esse crescimento e pra finalizar, eu vejo assim o futuro uma coisa que mudou bastante foi ter... essa liderança que a Pat tem, que automaticamente acontece... Acontece, acontece o militante vai embora, o Jonathan, tem um pouco essa liderança que cai, sobe a Patricia e o povo acolhe a Patricia e fica isso. É isso teve o lado bom pela militância até para ajudar a própria organização, mas teve um lado que é um lado que na minha visão me cansou mais. Que é um lado que a gente vê que às vezes não tem um sossego, que é sempre, sempre bater na tua porta. E é isso, aí tu não pode dar as costas por esse lado, da própria militância, da onde a Pat chegou hoje, que é a própria militância, dentro da própria organização. Então tem e o pró e o contra nessa parte aí. Então, essa foi a questão da ocupação. Eu nunca imaginei que ia chegar a esse ponto de a Pat ser vista como a liderança política dentro da ocupação. Se me contassem no primeiro dia que foi ocupado, eu não estaria botaria fé nisso. E, assim, não adianta. Pegou e pegou e... Acho que a Pat só deixou liderança daqui. Se o dia não fosse embora daqui, eu acho que mesmo assim talvez o povo continue [a aceitar ela como liderança]. É isso que eu acho.

Pelas entrevistas, Patricia foge da ideia de protagonismo. Isso sugere que a autoridade é um subproduto da sua vontade de ajudar a Contestado, o que vem com muitos custos em sofrimento psíquico, situações que geram ansiedade e frustração. É assim, pelo menos, que ela aparece explicitamente nas entrevistas.

PO: Porque o pessoal direto me chamando, né? Às vezes por questões familiares, pessoais, por questões da comunidade. Às vezes tem um que botou o lixo na frente da minha casa. Então, tipo, se torna, assim, uma referência, tipo, pra ir resolvendo situações que, de certa forma, não caberia a mim, mas eles vêm em mim uma pessoa que tá ali, "ah, a Patricia vai vir aqui e vai falar que isso tá errado", então, às vezes muitas pessoas esperam que eu faça isso, né? Eu chego lá e digo, não, aqui tá errado e aqui tá certo. "Não, aqui tem que fazer assim, não, aqui tem que fazer assado" acho que meu nome corre tanto às vezes que eu não estou nem sabendo, mas eu sempre procuro levar uma linha assim, uma linha política onde que a gente consiga não tomar partido de ninguém, né? Que a gente consiga ter uma relação minimamente produtiva, para que a gente possa chegar e dizer assim, "não, hoje a gente precisa disso, vamos se unir, vamos isso...". Tentando não deixar, como é que eu vou te dizer? Tentando não deixar o mal-estar. Isso não quer dizer que eu bata a palma e diga amém pra tudo, porque eu acho que eu sou aquela pessoa bem polêmica se eu não gosto eu vou lá eu brigo, eu puxo a orelha, eu falo, "tá errado". E quando eu vejo que é uma coisa que não pode acontecer, eu vou até o fim. E não deixo acontecer. Não deixo porque eu sei se que aquilo ali se tornar rotineiro vai acabar com a nossa comunidade. Então a minha luta maior aqui dentro é fazer com que as pessoas tenham consciência, né?

“Então a minha luta maior aqui dentro é fazer com que as pessoas tenham **consciência**”. Consciência do que, exatamente? Nesse trecho, de comportamentos que possam afetar a capacidade da Ocupação Contestado de atingir seus objetivos políticos. Ou seja, o trato do cotidiano, a garantia de que o que foi decidido coletivamente seja aplicado. A “inconsciência”, por outro lado, seria o individualismo, as atitudes que desrespeitem o processo coletivo.

Como falamos acima, o impeachment de Dilma e o governo Temer tiveram consequências negativas para a comunidade. Nesse período, Patricia participou de caravanas pela derrubada do presidente golpista, relata como a vida em geral piorou e critica veementemente as reformas feitas pelo governo. A situação do golpe, para as Brigadas Populares, inaugurou a Crise da Nova República, conforme consta nas notas sobre a conjuntura do período. É uma mudança que não aparece espontaneamente nas entrevistas. Patricia encara inicialmente o problema como uma inabilidade de articulação da então presidenta, mas contemporizando com as alternativas políticas que existiam naquele momento.

PO: Eu não sei, mas eu sentia no governo da Dilma que ela não, ela não conseguia administrar muito bem as ideias que ela tinha, sabe? Ela não conseguia é... [longo espaço] falar e fazer. Porque uma coisa é a gente falar, outra coisa é a gente fazer, a gente cumprir. Muita coisa ficou solta, talvez por isso que a gente tenha patinado tanto, não tenha conseguido concretizar naquela época, as coisas que a gente precisava para construir o nosso projeto habitacional, mas na avaliação do governo dela e comparando a outros, a gente tinha que admitir que era o melhor cenário naquele momento, né? Porque eu lembro de algumas figuras que ela tava disputando assim, bem polêmicas. Pois é. Eu sou muito suspeita em falar porque se eu for colocar críticas eu vou achar mil e uma críticas independente do governo porque o ideal sempre não existiu, né? Sempre ficou muito longe, muito solto, mas também entendo que pra você governar um país precisa de muito mais que ser presidente. Acho que tu tem que ter uma força política e aliados políticos e eu acho que ela não conseguiu construir muito bem esse cenário, assim.

Quando indagada sobre as causas dos problemas que Dilma sofreu, Patricia responde com uma crítica à esquerda:

PO: Mas eu acho que ela poderia ser mais firme em algumas questões, tipo, eu sou muito daquele toma lá dá cá tipo... Não sei se é possível, mas eu acho que se um dia eu fosse governar alguma coisa, eu ia dizer “beleza, nem pra um lado nem pro outro”, então eu ia evitar muita coisa que, eu também acho que não caberia no governo, sabe? Mas daí ficou naquela lá “não, eu aceito isso e tu faz aquilo”, aí ela aceitava e quando era no momento dela fazer alguma coisa as coisas não aconteciam. Não sei, acho que foi falta de pulso, assim, acho que ela poderia ser mais é mais firme, mais determinada, defender mais mesmo, assim, a política dos menos favorecidos... Sei lá, eu tô falando também, se faz algum sentido.

A campanha eleitoral de 2018 é relatada como um momento de intensa insatisfação e sofrimento, especialmente no segundo turno. Uma eventual vitória de Bolsonaro era tida como um perigo para a segurança da Ocupação Contestado e para a própria Patricia. A ocupação esteve presente no ato “Ele não!”, na frente da Catedral do Centro, em Florianópolis. Ela reagiu à vitória de Bolsonaro “com muito desespero. Muito desespero, muita crítica, brigando com todo mundo. Um cenário muito horrível”. Em Santa Catarina, três quartos da população votaram em Bolsonaro no segundo turno de 2018, então é realmente

provável que Patricia tenha entrado em choque, inclusive com moradores da ocupação. Isso a deixou reflexiva:

VM: Isso na eleição de 2018, né? Por que você acha que essa figura chegou ao poder?

PO: Olha, muitas vezes eu me fiz essa pergunta: como é que a gente deixou essa situação chegar nesse nesse ponto? [longa pausa] É, ele foi tomando uma proporção, foi ganhando um espaço, foi criando uma autonomia foi, sei lá... Quando a gente viu ele já tinha feito uma massa de manobra muito grande, principalmente com as igrejas, que eu acho que foi um forte aliado dele nessas eleições. Acho que foi uma das eleições que senti mais medo na minha vida.

(...)

E eu me pergunto às vezes como é que uma mulher, se diz mulher, consegue votar num cara desse que ofende em rede nacional, que bate numa mulher, que xinga, que imita as pessoas que com falta de ar, que faz chacota, sei lá... Minha vontade de falar nesse homem é só xingar ele.

As igrejas evangélicas têm bastante influência na Ocupação, mesmo entre batizados católicos. Algumas delas chegam mesmo a figurar na rede de apoio da ocupação, através de trabalhos filantrópicos, e, no dia a dia, as necessidades imediatas se impõem sobre as afiliações políticas nacionais. Certamente, quando Patricia diz que as igrejas se aliaram a Bolsonaro, ela não quer dizer todas as igrejas e nem está estendendo seu juízo sobre o político às denominações que o endossaram.

A dificuldade de entender como uma parte das mulheres votam em Bolsonaro parece vir de uma compreensão sobre a violência política de gênero. Talvez isso reflita a quantidade de vezes em que ela própria sofreu ou presenciou esse problema. Nas entrevistas, ela narra pelo menos um caso que pode assim ser qualificado, no momento do primeiro despejo.

PO: E quando a gente chegou lá, que eu fui lá para pegar a barraca, as coisas o policial tava “naquela”, né? Ameaçando as famílias dizendo que a gente tava colocando as crianças em constrangimento, que eles iam acionar o conselho pra mim, né? Tipo, intimidando as famílias.

Entendemos isso como violência política de gênero por três motivos. Primeiro, é um homem, um agente do Estado, ameaçando uma mulher. Segundo, a condição de mãe sendo utilizada contra Patricia, a ameaça do Conselho Tutelar. E terceiro, um despejo é um processo político, mesmo que no contar da história isso possa não parecer. Todos os elementos da violência política de gênero estão presentes aqui, mas também em todas as partes em que há atuação do Estado, representado majoritariamente por policiais homens, invadindo as casas das ocupantes, em geral de famílias chefiadas por mulheres.

É razoável supor que tanto a experiência cotidiana quanto a formação política dentro das Brigadas Populares tenham tornado Patricia uma pessoa que reconhece com mais clareza a violência política de gênero do que a mulheres das quais ela está falando. A condição de militante torna certas coisas mais visíveis, mas também produz pontos cegos. Ter dificuldade em entender por que pessoas que não têm a política como algo central em vidas pode ser uma delas. A violência de gênero é naturalizada em nossa sociedade e a comunicação da campanha de Bolsonaro era ostensivamente segmentada⁴¹. O Bolsonaro que Patricia consegue ver, portanto, é diferente do Bolsonaro que chega através de aplicativos de mensagens para moradoras que, naquela eleição, seguiram orientações dos pastores e das Brigadas Populares para votar em diferentes cargos. Essa digressão tem como objetivo mostrar como a Patricia que ocupou o terreno prometido por Djalma Berger, em vários sentidos, não é a mesma pessoa que entrevistamos para fazer esse trabalho.

De qualquer forma, Bolsonaro era uma ameaça, não apenas às mulheres, mas à democracia como um todo:

VM: E o que tu acha dessa volta que ele faz para falar da ditadura? Ele saudou brilhante Ustra no discurso dele no congresso no impeachment da Dilma. Por que você acha que existe essa essa insistência?

PO: Eu acho que ele quer tomar o poder, de qualquer forma, eu acho que se hoje ele pudesse reunir as forças militares e dar um golpe de estado, ele faria, sim.

O autor deste trabalho estava presente no Sindicato dos Trabalhadores da Saúde de Santa Catarina no dia em que saiu o resultado do primeiro turno, quando ficou claro que dificilmente Bolsonaro seria vencido. A reação dos moradores de Ocupação, não apenas de Patricia, foi chorar e lamentar o que poderia acontecer. Muitos acreditaram que seriam despejados ou presos.

No ano de 2019, o despejo não veio, mas o clima político mudou. “Nenhuma lembrança boa”, é o que Patricia diz. Mas ela não diz nada específico sobre esse ano, apesar de ter participado de atos contra Bolsonaro, a Contestado ter sido sede do Encontro de Comunidades de Resistência, um espaço de diálogo entre ocupações urbanas. Desde 2016, a mesa de negociação ficou parada e, com o estado de Santa Catarina votando em peso em Bolsonaro, qualquer interesse eleitoral da prefeitura em fazer o projeto avançar se dissipou.

⁴¹ KALIL, Isabela (coord). Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo Outubro. São Paulo: 2018. Disponível em: < <https://fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf> > Acesso em 15/06/2024.

A pandemia trouxe um grande desafio para a Contestado: manter as famílias vivas e alimentadas durante a quarentena. Como os sem-teto cumprem o “fique em casa”? Se fôssemos resumir em uma palavra a resposta de Patricia, ela seria: “coletivamente”. A Ocupação se organizou para fazer campanhas de doação e pressionar os órgãos de assistência social da prefeitura para que cumprissem seus papéis. O esforço parece ter tido efeito:

PO: Olha, eu posso te dizer que a gente não teve perdas na comunidade, porém a gente fez uma força tarefa muito grande de conscientização, de ajuda mesmo, pedindo apoio, né? Tentando garantir minimamente que chegasse o alimento para as famílias e produtos de higiene, de limpeza. Naquele cenário de horror, a gente tentou meio que fazer com que minimamente as nossas famílias fossem consciente do que elas estavam fazendo, se cuidassem, cuidassem dos seus filhos e quando a gente descobria algum caso de contaminação a gente dava toda a assessoria para aquela família, para que ela pudesse ficar isolada. A gente tentou ser uma grande família mesmo pra tentar dar conta, porque, olha, mas muitas pessoas conhecidas assim, perdas de muitas pessoas conhecidas.

Aquele foi um período de relativa inatividade política na ocupação, que se concentrou em iniciativas de solidariedade auto-organizada⁴². O isolamento social era virtualmente impossível para famílias de baixa-renda, pois o governo havia adotado a estratégia da “imunidade de rebanho”, notoriamente fracassada em países como a Grã-Bretanha e a Itália. Enquanto o governo brigava com prefeitos, governadores e o Supremo Tribunal Federal, as famílias tinham que lidar com o isolamento sem qualquer compensação financeira por cerca de um ano. O auxílio-emergencial, que depois seria usado por Bolsonaro como propaganda eleitoral, veio em abril de 2021⁴³.

Além da ajuda auto-organizada, havia a rede de apoio. Patricia tinha um papel importante de intermediária entre esses atores e a ocupação Contestado. Um exemplo é a ação do grupo Menstruando sem Tabu, que atua doando materiais de higiene para pessoas que menstruam. Patricia aparece na publicação do grupo NSC, sendo descrita como “líder da Ocupação”. Esse é um aspecto importante da história da Contestado: a forma como a pobreza atinge as pessoas é informada pelo seu gênero e pelo corpo que possuem. Na matéria Patricia ressalta o quanto o preço dos absorventes afeta as mulheres da Ocupação, onde são comuns famílias numerosas.

Nas eleições em 2020, o candidato do governo para a prefeitura de São José era o urubiciense Orvino Coelho De Ávila, com cerca de 26 mil voto. Embora seja um candidato de

⁴² Jefferson Maier (2022)

⁴³ POZZEBON, Elina. Aprovado pelo Congresso, auxílio emergencial deu dignidade a cidadãos durante a pandemia. Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/12/30/aprovado-pelo-congresso-auxilio-emergencial-deu-dignidade-a-cidadaos-durante-a-pandemia>> Acesso em 15/06/2024.

situação, sua gestão não foi idêntica à de Adeliana, como já demonstramos quando falamos sobre como a realidade política municipal interferiu na organização da Contestado. Se Adeliana foi a prefeita que criou a mesa de negociação, para depois não dar nenhum encaminhamento, a administração de Orvino seria marcada pela falta total de diálogo. Perguntada se a conjuntura nacional influenciou essa postura, Patricia responde afirmativamente:

VM: Você acha que o clima político nacional interferiu de alguma forma aqui na ocupação.

PO: Olha, quer dizer assim, depois que Bolsonaro entrou no poder?

VM: As mudanças que ocorreram desde 2012.

PO: De certa forma, sim. Porque quando a gente tá numa mesa de negociação vê que as coisas caminham, param, caminham, param e depois do golpe que a Dilma sofreu a gente viu que as coisas estacionaram, né? Que aquelas pessoas que na verdade teriam que tá ali ajudando a gente e ficaram de certa forma enganando. Porque, falando que estavam construindo uma coisa que não estava sendo feita. Eu acho que isso prejudicou bastante o andamento das negociações aqui dentro da comunidade.

Um exemplo da mudança de postura é o tratamento que uma comunidade na região recebeu por parte da Prefeitura. A Ocupação Vale das Palmeiras, ao contrário da Contestado, surgiu espontaneamente em 2018, a partir do crescimento de outra comunidade no Morro da Boa Vista, um terreno próximo à Avenida das Torres, no bairro Serraria, também em São José. Esse crescimento tem a ver com as dificuldades das famílias em pagar aluguéis durante a pandemia. O terreno é propriedade da imobiliária J.A. Urbanismo, que entrou com uma ação de reintegração de posse. Os detalhes jurídicos do processo estão disponíveis no trabalho de Jefferson Maier (2022), mas, para este trabalho é importante relatar que houve duas tentativas de despejo e que tanto sua organização como a repercussão midiática revelam a forma como a prefeitura via o problema

A primeira mobilizou mais de 20 viaturas e só não ocorreu porque a ordem de despejo foi indeferida por um desembargador plantonista. Foram 85 policiais e mais de 200 pessoas contratadas por empresas privadas para realizar as demolições. A repercussão midiática sobre o assunto ajuda a perspectiva de Patricia da administração de Orvino como “difícil” e “sem diálogo”:

A fala do atual secretário de Segurança de São José, Vânio Dalmarco, foi exemplar na tentativa de criminalização de todos os moradores da área e rede de apoio. Ele disse que teriam informações que as famílias estariam sendo “agenciadas” por pessoas de fora (se referindo aos apoiadores e moradores da Contestado provavelmente), e que as pessoas envolvidas no processo não chamam o território de invasão, mas assentamento – palavra que nunca havia sido utilizada. A sua fala seguiu reclamando que a maioria das pessoas da área seriam de fora de Santa Catarina, e por isso “não tem como resolver”. (Maier, Jefferson. 2022)

Xenofobia e criminalização dos movimentos sociais. A mesma matéria do ND coloca o despejo como “solução” para “os vários crimes que ocorriam no Morro da Boa Vista”.

Contra os despejos, o movimento por moradia da ACF como um todo, mas as Brigadas Populares e a Ocupação Contestado organizaram vigílias. Patricia teve um papel-chave indo em assembleias, ajudando a organizar coletivamente o que era feita de forma espontânea. Essa foi a Ocupação que, além da Contestado, houve uma influência brigadista⁴⁴ sistemática ao ponto de moradoras e moradores entrarem para as fileiras da organização. Porém, o período da pandemia trouxe uma situação onde cada vez mais famílias precisaram decidir entre a comida e o aluguel. Uma parte daquelas que escolheram pela comida integraram as ocupações que a partir de 2021 se multiplicaram na ACF. Anita Garibaldi, Frei Damião, Marighella, Elza Soares e Marielle Franco são algumas delas. Nesse meio, a Ocupação Contestado teve certa centralidade em lutas como a PL do Despejo Zero (e suas várias prolongações) na ACF.

Patricia, que participou desse processo, entende assim o crescimento da Contestado como referência:

VM: Então, a Ocupação Contestado ela foi virando uma referência para outras comunidades, incluindo a Vale das Palmeiras, que foi despejada. Mas como é que tu vê esse processo de criação de referência do Contestado?

PO: Eu acho que o contestado ele vem de um crime eleitoral, onde gerou uma grande revolta dessas famílias, que começaram a se organizar e querer mostrar mesmo para o Brasil, para o mundo, que tava tudo errado e que aquilo que eles estavam fazendo com a gente, a gente não ia aceitar, e a gente não ia ficar calado e que a gente ia fazer o possível e o impossível, para mostrar pra todo mundo que é aquela “cambada de vagabundo” como eles, que taxam a gente, que é “aquelas famílias que não querem nada com nada”, que nós somos famílias de bem, porém nós sabemos dos nossos direitos, a gente sabe que a gente precisa estar unido, dar visibilidade para nossa luta, até mesmo para incentivar, estimular outras comunidades, que estão na mesma necessidade que a gente e às vezes a gente ouvir que a gente serviu de inspiração para algumas famílias, para algumas comunidades, para gente é muito importante porque mostra que a nossa luta não foi em vão, que pra alguma coisa ela serve, ela serviu. E a gente expor a nossa situação, expor as nossas famílias, os nossos filhos... É, não foi um erro, foi um acerto e hoje a gente não aceita menos do que a gente acha que é o certo, né?

Ou seja, a referência se dá pelo exemplo da persistência na luta por moradia. Há elementos suficientes para presumir que outros fatores, como o acesso a uma rede de apoio mais estabelecida, tenham cumprido um papel. Porém, a fala de Patricia remete à subjetividade da ocupante, da pessoa que se vê criminalizada por construir sua moradia num espaço antes vazio. Talvez, o papel de Patricia seja de facilitar a catarse que ela mesma sofreu

⁴⁴ “Brigadista” é como os membros das Brigadas Populares são chamados.

no primeiro despejo e na vivência do ginásio. A reconstrução da subjetividade, de uma pessoa que “se submete” para uma pessoa que “sabe dos seus direitos”.

A Ocupação Vale das Palmeiras, como território, acabou com seu despejo no final de 2022, devido a uma chuva que foi aproveitada pela prefeitura como um subterfúgio para o despejo⁴⁵. A alternativa que a prefeitura ofereceu foi uma temporada no mesmo ginásio que as famílias do Contestado ficaram abrigadas e, depois, um auxílio. A “Vale”, porém, segue existindo como comunidade organizada. Seu futuro é incerto, depende de diversos fatores. Porém, ele pode contar com a disposição de militantes das Brigadas Populares e famílias moradoras.

Patricia passou, como toda a militância das Brigadas Populares, a se dedicar à tarefa de tirar Bolsonaro do poder nas eleições de 2022. Quando Lula veio para Florianópolis, Patricia tentou de todas as formas falar com ele. Em um feito de persistência, ela conseguiu driblar a multidão, a segurança e qualquer obstáculo. A breve entrevista com Lula rendeu uma foto e o contato de um assessor, após falar brevemente com o candidato. Em um vídeo no portal OcupaSC, ela aparece sorrindo para dizer ao público para “fazer o L”.

O entusiasmo da campanha contrasta com o tom das respostas da entrevista:

VM: Assim, agora com Minha Casa Minha Vida voltando, tipo, vocês esperam alguma coisa? Como é que está o clima político da ocupação em relação a isso?

PO: Eu posso dizer que a gente tá calejado, assim, sabe, a gente não acredita mais em promessa nenhuma. A gente quer ver o concreto, a gente quer ver aquilo que vai dar resultado, então quando eu falo que a gente corre atrás que a gente vai buscar, infelizmente quando a gente tá caminhando, quando vê leva aquele balde de água fria, né? Quando a gente acha que tá chegando lá no topo vai lá e dá aquela enxurrada, desce novamente. O que a gente quer de fato é construir algo que seja concreto e eu quero dizer assim ó: que às vezes depois de tantos anos, algumas famílias se sentem assim um pouco desmotivadas, se sentem um pouco assim cansadas, como eu me sinto algumas vezes, mas daí a gente para começa a analisar, começa a ver que se a gente parar, o que que vai ser da comunidade? Aonde tu cria aquele fôlego: vou correr, vou lutar, vou buscar, vou tentar arrumar formas de que as coisas aconteçam de uma maneira mais rápida, mas é muito difícil, é muito difícil. Infelizmente esse sistema é muito difícil, assim. Ele não ajuda em nada assim.

O pessimismo da razão não parece afetar o otimismo da vontade de Patricia⁴⁶, que demonstra a capacidade de distinguir entre os momentos que precisam da aplicação de

⁴⁵ Para entender os detalhes legais desse processo, ver: JUNIOR *et al* O racismo ambiental como instrumento de violação do direito à moradia: o caso da ocupação Vale das Palmeiras (São José/sc). **Captura Crítica**, Florianópolis, v12, nº1, p. 249, janeiro, 2023. Disponível em: < <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacritica/article/view/5936/5187> > Acesso em 15/06/2024.

⁴⁶ Estamos parafraseando o romancista francês Romain Rolland, que escreveu que “o pessimismo da inteligência não deve abalar o otimismo da vontade”. RODRIGUES, Renato Janine. “O pessimismo da inteligência não deve abalar o otimismo da vontade”. SBPC. 2021. Disponível em: < <https://portal.sbpnet.org.br/noticias/o-pessimismo-da-inteligencia-nao-deve-abalar-o-otimismo-da-vontade/> > Acesso em 15/06/2024.

energia, inclusive emocional, e os que precisam de uma postura mais reflexiva. Ao longo da sua trajetória, Patricia diz ter aprendido muito com as Brigadas Populares. Uma leitura mais generosa, no entanto, vai mostrar conhecimentos produzidos pela própria capacidade de síntese, pois essa é uma noção importante para o cotidiano da atividade militante. Teria Patricia sobrevivido como direção se não conseguisse analisar objetivamente a correlação de forças no município, a capacidade de mobilização da Contestado, os riscos envolvidos em operações políticas? Dificilmente. Ao mesmo tempo, em seu relato, há sinais de que ela tenta manter a ocupação mobilizada, mesmo quando os moradores entendem que suas chances de conseguir o projeto habitacional são poucas na conjuntura em que se encontram. Veremos no capítulo seguinte que, em vários momentos, a intuição e a capacidade de síntese de Patricia produz ideias originais ou que se encontram com reflexões de outras revolucionárias ao longo da história.

No presente das entrevistas, uma das filhas de Patricia, Ketlin, havia recentemente passado no vestibular para Serviço Social, na UFSC. Este é o último fato que consideramos relevante para o capítulo. Para Patricia, isso é um indício de que ela e Dagoberto foram bem-sucedidos enquanto pais:

VM: Uma filha sua recentemente passou pro serviço social na UFSC...

PO: Sim, nossa foi um orgulho imenso assim. Quer dizer que isso pra mim, pro meu marido, isso mostra que a gente não tá totalmente errado, que tudo que a gente tá fazendo tá trazendo consequências boas, né? Que pelo menos o estudo, a orientação, a educação que a gente tá passando para ele está correto, assim. A gente entre acertos e erros, a gente tá acertando mais do que errando.

Talvez para o autor, mais do que para a pessoa entrevistada, isso pareceu um juízo também político. A ideia moderna que separa o pessoal do político, embora muito contestada, esteve presente na formação enquanto estudioso e militante. Nesse momento, as concepções do entrevistador e entrevistada parecem se chocar:

VM: É, uma coisa que eu notei é quando você falou, quando você fala de conquistas pessoais você fala de coisas de coisas políticas também e vice-versa. Isso da Ketlin passar você vê como uma conquista política?

PO: Como assim?

VM: Por que você falou meio como “é um sinal de que tudo isso que eu e o Dago estamos lutando... que está...”

PO: É, eu acho que ela vê a realidade que a gente vive hoje, então que a gente tenta passar pra eles não viver tudo que a gente passou, tudo que a gente vive, para que eles tenham um amanhã diferente, eles têm que se dedicar, ter um objetivo na vida.

Então, eu acho que essa questão que a gente passa dos valores, que eles tem que ser pessoas melhores que nós, que eles tem que ser melhores que a gente. Eu quero muito que meus filhos amanhã, depois, “ah, não, não é igual a tua mãe, tu tá melhor que a tua mãe”, que eles possam ver a sociedade de uma maneira diferente, não se acomodem e achem que tá tudo certo como tá hoje. Porque eu acho que se a gente conseguisse gerar essa revolta de uma maneira, assim, mais geral... Gente, como tudo seria diferente! Se a gente conseguisse minimamente fazer com que as pessoas entendessem que “ah, os poderosos são poderosos, porque a gente tá aí se submetendo a tudo que eles mandam tudo que eles querem que a gente faça”, talvez as coisas seriam diferentes. Que o rico só fica mais rico porque a gente tá lá, trabalhando pra eles, né?

A linha entre o pessoal e o político não parece estar presente na concepção de Patricia, no presente das entrevistas. Como mãe, o projeto de criação dos filhos e de transformação da humanidade estão integrados. Mas não se trata da maternidade como um projeto utópico, criando para um mundo que ainda não existe. É uma maternidade de alguma forma materialista, que integra a realidade a um projeto de transformação, que inclui a negação dos próprios pais (“melhor que tua mãe”). No próximo capítulo, vamos analisar Patricia como intelectual orgânica das Brigadas Populares.

4 As ideias da companheira Patricia: utopia e território

Este capítulo tem como objetivo compreender as ideias políticas de Patricia ao longo da sua trajetória e caracterizá-las. Ao final, vamos refletir sobre o que essa experiência tem a dizer sobre o período da Crise da Nova República. Em uma vista mais geral, são grandes as transformações na vida e nas ideias de Patricia ao longo da sua vida, mas, principalmente, desde 2012. De uma pessoa que não se envolvia de forma ativa, pelo menos não conscientemente, na política até liderança de uma comunidade e intelectual orgânica de uma organização revolucionária. Como Gramsci explica:

(...) a filosofia da praxis não busca manter os ‘simplórios’ na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simplórios não é para limitar a atividade científica e manter a unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral, que torne politicamente possível um programa intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. (1991, p 20)

Entendemos Patricia como intelectual orgânica porque ela cumpre esse papel ao processar as contradições do território em prol de um projeto político revolucionário, que ela constrói ativa e dinamicamente. Ou seja, é um trabalho de fazer de um *sensu comum* uma *filosofia da práxis*, a partir das ferramentas intelectuais disponíveis. Em diversos pontos de

seu relato, ela vai mostrar seu esforço nesse aspecto, tentando converter os “leigos” em pessoas mais conscientes e ativas politicamente.

Seria, no entanto, um erro grotesco supor que, em 2012, Patricia era uma *tabula rasa* política. Como a maioria dos eleitores, Patricia tinha preferências, ideias sobre os candidatos e mesmo sobre a forma que a sociedade se organiza. No presente da última entrevista, ela relata: “sabia que algo estava errado, mas não sabia o que era”. Pode ser, é claro, que isso seja uma projeção, é comum em histórias de vida militantes o período anterior ao engajamento político ser interpretado como um estágio preparatório para o que viria depois. As contradições que surgem neste relato, especificamente, sugerem que pelo menos em algum nível Patricia sentia que havia “algo errado”.

PO: Ai, eu não... Eu não tinha muito envolvimento, não tinha a clareza das coisas, né? Eu acho que quando a gente é leigo demais, não tem essa visão maior das consequências que cada ato traz para a sociedade, acho que a gente é muito impressionado também... Eu não era aquela pessoa "ai meu Deus", que acreditava em tudo que a mídia fala, mas pra mim era aquela coisa assim que eu não tinha aquela dimensão aquela consciência. "Pô, tem que fazer diferente", "Não, se fosse assim"... Não parava pra pensar nessas questões. Sabia que alguma coisa tava errada mas... não tinha iniciativa, assim, né? Para tentar mudar.

A entrevistada em diversos momentos se define como uma pessoa “leiga” até “burra”. Em outros, ela já tinha “um pezinho na construção”, que não “acreditava em tudo que a mídia fala”. Seres humanos são contraditórios, é provável que sua trajetória tenha duas descrições em momentos diferentes. Muitas vezes, ela justificou a ausência nas eleições, uma não-escolha dos representantes. Ela relata também decisões baseadas em clientelismos e parentesco, uma experiência muito típica entre pessoas “leigas”. Mas o que é uma pessoa “leiga”?

VM: Então você identifica a situação de uma pessoa leiga com uma situação de uma pessoa “normal”?

PO: Não, eu identifico a situação de uma pessoa leiga é que falta de, às vezes, é muitas vezes ela se torna uma pessoa leiga por não ter coragem de expor e de expressar os seus pensamentos, as suas vontades. Não que ela seja uma pessoa que, que não quer uma coisa diferente, mas ela é desacreditada, assim. Eu acho que por muito tempo eu não pensava que seria possível, que seria capaz de tentar fazer algum movimento de tentar reverter alguma situação. Na verdade, a sociedade é a mídia é, ela trabalha para que nós, as pessoas, sejam manipuladas, né? Por informações falsas, e muita gente se deixa levar por isso. Não que ela esteja conformada que aquilo é o ideal, que aquilo é o certo, porém não faz nada para que isso mude, sabe?

No que pode ter sido um ato falho, Patricia identificou as pessoas leigas como “normais”, por isso a minha pergunta. Em seguida, passamos a falar sobre a prevalência das pessoas “leigas” na sociedade:

VM: Mas, então, na tua opinião a maioria das pessoas é leiga, por assim dizer?

PO: É, porque assim, ó: eu já conversei com várias pessoas que eu vejo que tem basicamente um pensamento semelhante ao que eu tenho hoje, mas acha que não vai fazer diferença ela se manifestar ou não, que não vai adiantar de nada, que se ela não seguir aquilo ali ela pode ser punida de alguma forma, às vezes induzida pela gestão patronal dela, tipo, do serviço. Um exemplo é aquela pessoa da Havan, né? Ela intimida os funcionários dela e às vezes aqueles pais de famílias, que não tem como se virar a eles, se submetem aquilo, né? Mas uma coisa eu posso falar: eu nunca me submeti aos meus superiores, eu sempre me impus muito assim, eles sempre falavam que eu era uma pessoa difícil. Mas não que eu fosse uma pessoa difícil, eu queria garantir os meus direitos dos meus colegas, então posso dizer que eu já tinha um pezinho lá, na construção.

Ela é leiga, mas nunca se submeteu. Era “burra”, mas já sabia que algo estava errado e tinha “um pezinho lá, na construção”. Essas contradições não desqualificam de nenhuma forma Patricia como pessoa, nem seu relato, pelo contrário: elas o enriquecem. Parecem ser os vestígios de movimento de uma mente que passou por diversas transformações. Esse é, inclusive, um tropo comum na história oral, da rebelião prematura antes de se organizar⁴⁷. A rebelião laboral quando trabalhava como merendeira, uma reivindicação “econômica” no linguajar leninista⁴⁸, é um prenúncio da mulher que vai aparecer como uma militante sempre pronta para fazer sacrifícios individuais em nome do coletivo.

Quais seriam os vestígios de algo que se possa chamar de “ideologia” de Patricia ao longo das suas primeiras décadas? Optamos pela pergunta sobre como votava para presidente, pois estudar as conjunturas municipais de Joinville e as estaduais na década de 1990 (quando Patricia começou a votar) iria exigir um esforço que, por limitações de tempo, não conseguiríamos mobilizar para este trabalho.

VM: Mas, tipo, voto para presidente, assim, tu lembrás o que que tu levava em consideração de alguma eleição específica?

PO: Ai, eu lembro muito da eleição do Collor, que eu fiquei muito revoltada assim, né? Então, é, as manifestações eu lembro, do pessoal da cara pintada. Muitas vezes eu justifiquei meu voto por não ter, assim, a dimensão do certo, sabe?

VM: Ficou indignada com a eleição no Collor.

⁴⁷ Ver “O melhor limpador de latas da cidade: a vida e os tempos de Valterò Peppoloni, trabalhador”, em PORTELLI, Alessandro. Ensaios de história oral. Letra e voz. São Paulo: 2017.

⁴⁸ Existe uma diferenciação na teoria leninista entre trabalho econômico e político, no sentido de que o trabalho de um partido revolucionário atua pela derrubada do regime vigente e estabelecimento de um Estado socialista. O capítulo 3 “Política trade-unionista e política social-democrata” de “Que fazer?” (Vladimir Lenin, 2020).

PO: Fiquei muito, os absurdos dele...

VM: Tu votou no Lula?

PO: Não, aquela época eu não votava ainda.

A pergunta sobre os votos de Patricia suscitaram uma eleição na qual ela não votou. Por quê? Provavelmente, porque é muito mais fácil endereçar os impactos negativos da sua eleição. Para Patricia, esse é um caso em que ficou clara “a dimensão do certo”. Ela criou, aparentemente, uma simpatia com o candidato que enfrentou Collor no segundo turno.

VM: Então, é então você votava para presidente no PT em geral?

PO: É, na verdade, eu gostava muito assim, eu lembro que uma vez, a gente tava vendo um negócio de partido e tudo eu lembro que tinha aquele “meu nome é Enéias, não sei o que”, que era uma pessoa que tava ali sempre e o Lula também eu lembro dele nas disputas, assim, desde pequena que ele era muito ali, tentando construir a figura dele. Quando ele saiu votei nele, até mesmo por ter aquela... Ver nas outras nas outras figuras a semelhança do Collor, achando que seria uma réplica dele também, assim.

Lula era duas coisas muito importantes: conhecido e muito diferente de Collor. Provavelmente, mais próximo de Patricia do que Eneias. Mas o que é ser parecido com Collor?

PO: Eu não sei porque é... as coisas que eram semelhantes às que ele falava, entendeu. E eu lembro que na época do Collor a gente passou por muita dificuldade porque, é, a minha mãe, algumas pessoas da minha família que eu conhecia que tinha uma reserva, que ele foi lá e acabou com tudo.

É possível inferir que “as coisas semelhantes” sejam o discurso neoliberal que começava a dominar o debate político. A identificação com Lula pode ser uma questão de classe social, inclusive durante seus governos.

VM: Então, sobre sobre os governos petistas, assim, qual era a percepção que tu tinhas deles antes de entrar na ocupação?

PO: E agora? É como eu falei pra ti, eu não parava para analisar esse tipo de situação, né? Eu sabia que eu tinha que trabalhar, tinha que correr atrás pra poder sustentar minha família, morava de favor na casa da minha mãe. Porém, a gente sabia que existia a diferença assim... com a classe menos favorecida, né? Eu pelo que eu lembro assim, eu acho que voto pra direita, direita mesmo [reforçando], eu acho que eu dei uma vez no Fernando Henrique, acho.

Neste momento, temos uma mudança um tanto abrupta no relato:

VM: Então essa percepção do governo Lula, ela mudou quando começou a ocupação?

PO: Olha, quando a gente, né, mora numa ocupação, o governo que tá na gestão, assim, pra gente, assim, é muito importante, porque a gente já é discriminado, imagine, marginalizado por si só, né? E quando a gente tem, né, um governo de esquerda, não que a nossa vida facilite, mas de certa forma facilita alguns acessos, algumas políticas públicas. Não que vá resolver algo, mas a gente vê um cenário diferente. A gente tem uma perspectiva diferente. Coisas que quando a gente entrou aqui, a gente entrou no governo Lula, e eu lembro que a gente teve portas abertas ali com a SPU, conseguimos encaminhar algumas coisas. Aí a gente viu tudo aquilo se desmoronar com o golpe que a Dilma levou, né? É como se a gente não tivesse construído nada assim. E pior ainda quando o Bolsonaro entrou.

Antes da ocupação, temos o relato de uma eleitora. Com a Ocupação, é o relato de uma militante. Lula tinha um compromisso “com a classe menos favorecida”, mas Patricia se beneficia deste governo de forma passiva. A eleição é feita para que o presidente promova políticas progressistas. No segundo relato, um presidente progressista cria acessos, que a comunidade ativamente utiliza para conseguir objetivos políticos. A pergunta talvez conduza a uma distorção na narração dessa experiência, ao pedir um “antes e um “depois””: dificilmente Patricia mudou de perspectiva de uma hora para outra, porque a capacidade de produzir análises políticas militantes requer estudo e experiência prática, duas coisas que não se consegue no espaço de, pelo menos, meses. Provavelmente, houve um processo de construção dessa competência, que podemos ver no relato do capítulo 3, onde Patricia se vê envolvida nas tarefas do Ginásio, depois nas do núcleo e, finalmente, nas Brigadas Populares.

De qualquer forma, a primeira resposta talvez forneça pistas do *status quo* das ideias políticas de Patricia antes da ocupação: existe algo errado com a sociedade, políticos elitistas são ruins, o governo deve se preocupar principalmente com os menos favorecidos. Essa é, pelo menos, a coleção que Patricia consegue fornecer sobre o período. Não se tratam de ideias excessivamente elaboradas, nem incomuns, afinal, Lula se elegeu em 2002 com propostas parecidas e ganhou 56% dos votos em Santa Catarina. Em termos de disponibilidade, são ideias que circulam razoavelmente nas mídias, até pela própria campanha eleitoral. Ou seja, mesmo uma pessoa “leiga” tem acesso a esse nível de discurso.

O primeiro despejo, da Avenida das Torres, provoca em Patricia uma experiência catártica. Nós já exploramos no capítulo 3 um pouco desse momento, mas vale retomar alguns de seus elementos. A ocupação estava sendo vítima de violência do Estado, mesmo sendo “famílias de bem”. Ou seja, naquele momento a violência estatal ultrapassou os limites que Patricia concebia como aceitáveis e se voltou contra pessoas que não cometeram nenhum crime. O trauma do despejo parece ter o efeito de colocar em dúvida a própria identidade de Patricia como uma pessoa “de bem”, ao perceber que ela mesma era uma candidata à

violência do Estado. Essa ruptura marca o início de um processo, antes mesmo da entrada no ginásio:

PO: Eu lembro que teve aquela assembleia, né? Foi a primeira assembleia na vida que eu participei, que eles foram reuniram o pessoal, foram na prefeitura e a gente conseguiu o ginásio. E daí ali a gente ficava no ginásio uns vinte e oito dias e chegamos nesse terreno que a gente tá hoje. Eu digo que aquilo lá serviu, é pra mim como, uma escola, né? Ali eu acho que eu comecei a conhecer o verdadeiro sentido da vida, do trabalho. Da dignidade. Foi ali naquele momento mesmo, que a gente precisa sentir na pele as coisas pra gente ver que tá tudo errado, que as coisas precisam ser diferentes, que tudo tem que melhorar e pra melhorar a gente não pode cruzar os braços, a gente tem que correr atrás. Eu acho que ali começou a nascer uma nova Patricia, assim.

Essa “nova Patricia” é a que entrevistamos e batizamos, nesse trabalho, de companheira Patricia. É interessante notar que, se esse processo começa ali, ele não estava dado. Ainda que Patricia tenha localizado ali seu início, ele foi o resultado de milhares de pequenas escolhas que ocorreram a partir daquele momento. Patricia podia ter escolhido voltar para a casa da mãe, como Dagoberto, aliás, sugeriu. Sua insistência foi decisiva para que seu companheiro mudasse suas visões sobre ocupações urbanas e rurais. Aquela assembleia só pode ser “uma escola” para Patricia porque ela resolveu comparecer.

Será que, naquele momento, é possível dizer que Patricia realmente percebeu que “tá tudo errado”? Essa expressão é usada quatro vezes nas entrevistas, com a mesma função: descrever a sociedade brasileira. Uma hipótese é que, talvez, Patricia tenha entendido que “tá tudo errado” de forma geral, abstrata, que foi ficando cada vez mais concreta conforme avançava sua trajetória militante. Pode ser também que ela tenha sentido que “tá tudo errado” e percebido com o tempo que aquela impressão temporária é uma descrição plausível da sociedade brasileira. A expressão traduz um aspecto muito importante das ideias de Patricia: o inconformismo militante. Afinal, o sentido do trabalho, da vida e da dignidade é que tudo precisa ser diferente e melhor.

Na Ocupação, Patricia fez uma decisão muito importante: se organizar com as Brigadas Populares, uma organização socialista, nacionalista-revolucionária e feminista. A intenção da atuação brigadista é construir uma organização militante, popular e de massas. Como militante de base, sua responsabilidade era manter o vínculo da organização com o território e aplicar a linha política decidida coletivamente. Este trabalho não é a mera reprodução do que está nas cartilhas, atas e análises publicadas pelo agrupamento. Trata-se de um trabalho criativo, pois cada território tem suas especificidades, sua cultura política. A

mediação entre a política das Brigadas Populares e o Contestado foi, crescentemente, se tornando um papel coordenado por Patricia.

Outra implicação dessa entrada é que, em algum momento, Patricia decidiu ser uma revolucionária. Isso pode ter acontecido formalmente no seu recrutamento, antes através de reflexões próprias ou depois internalizando as ideias da organização. O processo no qual uma militante fica “orgânica” não é dividido entre duas partes estanques dentro ou fora da organização, mas uma caminhada a partir do lugar político da pessoa recrutada. De qualquer forma, ideologicamente, não há qualquer dúvida de que Patricia seja uma revolucionária comprometida com a transformação geral da sociedade brasileira a partir dos movimentos populares. Podemos ver um indício disso nesse trecho:

VM: Entrevista dois, áudio três. A gente falou um pouquinho sobre Minha Casa Minha Vida, você parece ter falado um pouco sobre política, assim de uma forma mais geral. Isso vem ao encontro aqui da minha última pergunta: é o que você vai fazer caso a prefeitura, o governo federal, não sei, qualquer entidade “dê” o projeto habitacional do Contestado. Qual vai ser... O que você vai fazer da vida?

PO: O que eu vou fazer? Eu acho que eu vou continuar na luta, eu vou continuar. Eu não me vejo mais aquela pessoa que vai se acomodar com alguma coisa. Eu acho que em todo lugar que alguém tiver precisando e eu tiver oportunidade de ajudar, vou estar lá. Exemplo disso é uma família que perdeu um ente querido e não consegue enterrar a pessoa da sua família, por falta de dinheiro. Eu, sabendo que eu posso ajudar, sempre vou estar lá presente. Uma pessoa que sofre alguma violência... a Patricia vai estar lá enfiada. Então quero dizer que eu quero continuar, sim. Não é porque eu conquistei, eu chegasse a conquistar alguma coisa, eu me acomodaria com aquilo ali. Não seria eu, se fizesse isso, né? Eu não ia conseguir jamais, acho que o meu propósito seria tentar mudar um pouco essa realidade de hoje. Que é uns com tanto outros com tão pouco, e muitas pessoas sendo vítima dessa sociedade maldita, sabe, que eu falo maldita porque tem muitas pessoas, assim, que aplaudem, a situação de algumas famílias. Elas têm prazer de ver as pessoas se dando mal, se prejudicando. Sendo submetida a esse tipo de situação, que a gente vive hoje em dia. De discriminação e violência. É muito complicado, assim...

Ou seja, na visão de Patricia, ela não está implicada apenas na luta por moradia, mas por um projeto político. Seu próprio ser foi modificado, existe uma ética contra toda injustiça e, como vimos antes, nessa sociedade “está tudo errado”. Patricia declara com todas as letras sua intenção na pergunta seguinte:

VM: Mas então qual sociedade você queria?

PO: Eu queria fazer a revolução [risadas], aí eu queria tudo diferente, eu queria que meus filhos não passassem por tudo que eu passei, eu queria que os filhos deles pudessem ter dignidade na vida, né? De uma maneira justa, eu queria que eles pudessem olhar para trás e dizer “hoje, né, se a gente tá assim é porque muita gente batalhou muito, lutou muito” e usassem aquilo pra ser de exemplo pros filhos deles, e pros filhos e assim por diante. Que eu acho que tudo que a gente, que posso deixar pro meus filhos é o conhecimento, então quando chego pra eles e falo “estudem”, “tenham fazer diferente”, “não deixa com que as pessoas diminuam vocês”, “mostre

que vocês são capazes”, eu acho que o que eu posso passar pra eles a herança que eu tenho pra passar pra eles é isso.

Como comentado no capítulo 3, Patricia não distingue o campo político do pessoal. Dizer que “o pessoal é político” talvez seja fútil aqui, pois a distinção entre os dois nunca esteve presente. A preocupação identitária em definir o próprio ser político é obscurecido por uma pulsão ética de lutar contra todas as injustiças percebidas. O entrevistador entendeu as risadas como um misto de constrangimento, por estar em dúvida sobre qual a resposta “certa”, e de estranhamento com a distância desse horizonte revolucionário. Por que a distância? Em seguida à resposta do que ela quer, ela coloca a luta numa perspectiva intergeracional. Patricia foge de rótulos, porém, em alguns eles a alcançam, não por vontade própria, mas pela caracterização alheia:

VM: Você é comunista?

PO: O que você acha, Mi? [rindo]

VM: Não sei. Eu sou entrevistador, eu faço perguntas, quem responde é você.

PO: E agora? Há quem diga que eu sou, eu não sei, há quem diga que eu não sou. Eu lembro uma vez que eu estava na casa de uma parente minha e aí o marido de uma prima minha chegou, ah, tipo: “aquele bando de comunista, que acham que a vida é um doce, tudo tem que ser do jeito que vocês querem, não sei o que”. Eu sou bastante criticada às vezes, assim.

É possível que os termos que remetam a conceitos políticos um pouco mais abstratos sejam um pouco intimidadores. Existe uma relação de poder entre entrevistador e entrevistada, uma vez que um lado se coloca na posição de estudioso e tem uma autoridade intelectual reconhecida por Patricia. Não importa quantas vezes o autor deste trabalho repita que não há resposta certa, que o interesse é saber o que Patricia pensa, o próprio ser social das pessoas envolvidas cria uma barreira que afeta as respostas. Além disso, os expedientes para uma mudança social revolucionária implicam em violência política, um tabu dentro da Nova República. Se existe alguma dúvida dessa implicação, basta analisar as experiências reformistas, que sempre acabaram interrompidas pelas classes dominantes. Da mesma forma, numa sociedade patriarcal, mulheres são ensinadas a serem dóceis e não assertivas. Como mulher negra, ela está muito mais exposta a possíveis violências, o que também entra como fator inibidor.

Ainda assim, quando perguntada sobre seus objetivos ao longo prazo, no final da última entrevista, Patricia implode qualquer dúvida sobre suas afiliações ideológicas:

VM: Idealmente, digo no longo prazo qual ideia qual ideia você tem para pensar que tipo todos esses direitos sejam garantidos. Quem precisa... precisa alguém está no poder?

PO: Eu acho que o povo brasileiro tem que tomar conta disso tudo e fazer a revolução. Acho que a gente tem que radicalizar totalmente. Ai, desculpa, mas essa é minha grande vontade, sabe, pegar aqueles “gravatinha” todo lá, jogar tudo dentro de um valão e cimentar.

VM: Bom, eu acho que isso conclui a nossa entrevista.

Seria Patricia uma pessoa cujo objetivo máximo é a abolição da propriedade privada? Essa é a definição de comunista que consta no Manifesto. Não perguntamos isso a ela, perguntamos se ela é “comunista”. E, “comunista”, na experiência política de Patricia, é uma palavra aparentemente usada como no senso pejorativo e uma autodenominação usada por camaradas seus. Na mesma entrevista, em um momento francamente constrangedor, o alarme do entrevistador toca o hino da União Soviética. O modo como a identidade política é estabelecida contrasta muito entre Patricia e o autor do presente trabalho. No entanto, Patricia aqui defende a tomada revolucionária do Estado pelo “povo”, por “nós”. Quem é o “povo”, quem somos “nós”?

VM: Que sistema?

PO: Esse sistema é da política mesmo. Eu acho que tudo é uma máfia. Eu no meu ponto de vista eu acho que tá tudo, eu acho que tá tudo dentro de um balaio só, né? Porque é às vezes quando a gente tem alguma audiência, a gente tem alguma mesa de negociação, do nada a polícia aparece aqui, do nada acontece alguma coisa, eu acho que não é tudo por acaso. Eu acho que é uma... é uma máfia muito grande. E é nós contra a cúpula, né?

VM: Nós quem?

PO: Nós famílias, os menos favorecidos, no caso. É a gente lutando por dignidade e eles negando para gente, né? E tentando fazer com que a gente sempre seja o vilão da história, sempre seja aquela pessoa que tá ali para enfeiar a cidade, para ser os marginais, para ser o joio. Não sei se eu tô conseguindo passar para ti muito bem. Pensa assim tipo que a prefeitura tenta sempre quando a gente senta na mesa de negociação é dizer “ah mas vocês são isso”, “vocês são aquilo”. Até um auxílio, um benefício, um auxílio alimentação do município, uma família daqui que vai lá tentar pegar um alimento, que é direito, ela tem que ser humilhada pra conseguir, tem que ser complicado assim.

“Nós” é uma noção claramente classista. Envolve a classe trabalhadora, os marginalizados, “aquela pessoa que tá ali para enfeiar a cidade”. Analisar essa citação por si daria a impressão de que Patricia adere a um “reformismo forte”. Há uma compreensão de que os “menos favorecidos” devem lutar pelo que Patricia, muitas vezes amparada pelo texto constitucional, entende como direitos. A luta pela casa, em 2012, 24 anos depois da

promulgação da Constituição Cidadã, após 10 anos de um partido de esquerda no poder, sugere que o *direito* não é um caminho eficiente para a conquista dos *direitos*. Todos os avanços da Ocupação Contestado foram realizados ocupando. Mesmo com rede de apoio, aliados políticos, defensoria pública, a mobilização das moradoras é que garantiu o mínimo de dignidade.

Na citação sobre “cimentar os gravatinhas” talvez esteja a chave para a interpretação dos “direitos”. Eles são uma estratégia de sobrevivência em uma sociedade onde as relações políticas são mediadas pelo Estado de Direito. Patricia está usando as armas que estão disponíveis na Nova República, dentro do regime democrático-liberal, para avançar em suas pautas. Esse mesmo regime, no entanto, não evitou as situações onde, para ter acesso aos direitos, “as famílias” tivessem que “se humilhar”. Na crise da Nova República, cobrar as garantias da Constituição de 1988 foi crescentemente uma pauta empurrada do centro para a esquerda, ou mesmo da esquerda reformista para a revolucionária. Porém, apesar dos retrocessos, várias das leis continuam ali, colocando o Estado em uma posição constrangedora.

Se é verdade que, ideologicamente, Patricia é uma revolucionária, não é verdade que, neste momento, ela, as Brigadas Populares ou o conjunto da esquerda radical representem uma ameaça ao regime político vigente. No dizer de Antonio Gramsci (2011), uma coisa é ter ideias revolucionárias, outra é desempenhar politicamente um papel revolucionário, que envolve ter uma ação suficientemente disruptiva para contestar o poder do Estado burguês. Como o príncipe maquiaveliano, aqui entendido como o partido da classe trabalhadora, para articular um movimento que se caracterize como politicamente revolucionário, deveria desenvolver “uma ideologia política que se apresenta não como fria utopia nem como raciocínio doutrinário, mas como uma criação da fantasia concreta que atua sobre um povo disperso e pulverizado para despertar e organizar sua vontade coletiva” (Idem, p. 13-14).

Não existem organizações com essa capacidade e com vontade política de ocupar esse espaço no imaginário, nem para articular uma alternativa de poder ao regime vigente. Mas, como fica claro analisando a trajetória de Patricia, ela não está esperando a revolução, ou um movimento revolucionário “pronto” para fazer algo. Na verdade, ela lida com diversos problemas da Ocupação, da luta por moradia e mesmo direitos como saúde e educação para outras comunidades na Grande Florianópolis. Como podemos caracterizar sua atividade política, que hoje vai bem além dos limites da Contestado?

VM: Então, a Ocupação Contestado ela foi virando uma referência para outras comunidades, incluindo a Vale das Palmeiras, que foi despejada. Mas como é que tu vê esse processo de criação de referência do Contestado?

PO: Eu acho que o contestado ele vem de um crime eleitoral, onde gerou uma grande revolta dessas famílias, que começaram a se organizar e querer mostrar mesmo para o Brasil, para o mundo, que tava tudo errado e que aquilo que eles estavam fazendo com a gente, a gente não ia aceitar, e a gente não ia ficar calado e que a gente ia fazer o possível e o impossível, para mostrar pra todo mundo que é aquela “cambada de vagabundo” como eles, que tacham a gente, que é “aquelas famílias que não querem nada com nada”, que nós somos famílias de bem, porém nós sabemos dos nossos direitos, a gente sabe que a gente precisa estar unido, dar visibilidade para nossa luta, até mesmo para incentivar, estimular outras comunidades, que estão na mesma necessidade que a gente e às vezes a gente ouvir que a gente serviu de inspiração para algumas famílias, para algumas comunidades, para gente é muito importante porque mostra que a nossa luta não foi em vão, que pra alguma coisa ela serve, ela serviu. E a gente expor a nossa situação, expor as nossas famílias, os nossos filhos... É, não foi um erro, foi um acerto e hoje a gente não aceita menos do que a gente acha que é o certo, né?
Acho que você tá repetindo a citação

Até onde essa fala diz sobre essas novas ocupações e até onde ela diz sobre Patricia? O primeiro dado, sobre as ocupações, pode ser explorado em outros estudos. Sobre Patricia, mostra uma pessoa que vê na luta do outro, a própria luta. Nessa pergunta, Patricia se coloca na condição de testemunha: ela viu algo e quer que os outros saibam. Sobre a luta das outras comunidades, uma confirmação de que a sua própria luta “serviu”. Há algum valor inerente na luta, que vai para além das conquistas “econômicas”. Trata-se de uma resistência contra uma caracterização vinda “de cima”, que desqualifica as sujeitas para justificar a violência estatal ou de outros atores dentro da sociedade. Ao final, ela resume sua mensagem: “foi um acerto e hoje a gente não aceita menos do que a gente acha que é o certo”. De certa forma, mostra uma pessoa que entende a luta contra a injustiça como algo que parte do seu território, a Ocupação Contestado, mas que diz respeito à própria condição humana. Nesse trecho, como no que ela fala sobre o que vai fazer quando conquistar o conjunto habitacional, parece que, para Patricia, a resistência se tornou uma questão existencial. Ou seja, para citar Fanon⁴⁹, Patricia, da sua relativa obscuridade, sente que descobriu sua missão e escolheu cumpri-la.

A essa altura, podemos concluir algumas coisas sobre o papel de Patricia como uma intelectual orgânica das Brigadas Populares. Sua forma de resistir está alinhada com a elaboração conceitual que a organização chama de Resistência Popular Prolongada⁵⁰, uma longa guerra de atrito contra as classes dominantes e os partidos que as representam. Porém

⁴⁹ FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Zahar. Rio de Janeiro: 2022.

⁵⁰ A Resistência Popular Prolongada (RPP) é uma formulação estratégica das Brigadas Populares desenvolvida em 2017, diante da realidade do golpe de Estado contra Dilma Rousseff. Otoni, Pedro. As comunas: estratégia para fortalecer a organização comunitária. Brigadas Populares: 2017. Disponível em: <<https://brigadaspopulares.org.br/as-comunas-estrategia-para-fortalecer-a-organizacao-comunitaria/2017/>> Acesso em 22/06/2024.

há uma criação sua no âmbito discursivo: “tá tudo errado”, “não podemos aceitar menos que nossos direitos”, “não ficar calado”. Porém, há formulações que são bastante próprias do seu modo de ver a comunidade e o mundo. Quando perguntada sobre a metáfora da família para falar da Contestado, foi isso que Patricia respondeu:

VM: Por que a metáfora da família?

PO: A metáfora da família porque, quando a gente tá numa ocupação, uma comunidade organizada, é nos momentos mais difíceis, que a gente vê a união. Onde um defende o outro e onde a gente se abraça, se dá as mãos, e fala: “não, aqui a gente vai fazer o possível e o impossível para que nada aconteça, para que as coisas deem certo, que a gente consiga sobreviver”.

A família, especialmente a proteção da família, é um dos assuntos prediletos das direitas, constando na tríade “Deus, Pátria, Família”, que Bolsonaro compartilha com Mussolini. Patricia claramente ama a própria família, mas o uso dela como metáfora para uma ocupação urbana gera questões. Quais as implicações de gênero, por exemplo, na Ocupação como família? É convencional que famílias se formem a partir de um casamento. A diferença etimológica entre matrimônio e patrimônio, isto é, o domínio do pai e o domínio da mãe, traduz relações de gênero ainda presentes na nossa sociedade capitalista⁵¹. O cuidado com a família é geralmente deixado nas mãos das mulheres. No Brasil, são muitas as famílias chefiadas por uma mulher, predominantemente mulheres negras. É o mesmo padrão demográfico das lideranças de ocupações urbanas, mesmo na Contestado. Pareceu ao autor importante entender como Patricia concebe a família em oposição ao que hegemonicamente se promove como a imagem dessa instituição:

VM: Eu perguntei da metáfora, porque no discurso da extrema-direita sempre aparece. Essa família... Eu queria saber qual é a diferença da família da Pat, para família do “Deus, pátria, família”.

PO: A família da Pati não é perfeita, é aquela família que, cheia de controvérsia, cheia de coisa, mas tem o mesmo ideal e que defende as mesmas coisas, que se solidariza com os menos favorecidos. É aquela família que entende que está tudo errado, que se a gente não fizer algo, se a gente não se unir, se a gente não se der as mãos a gente vai ser engolido e vai ser muito difícil de se levantar. Então, eu falo aqui que na comunidade nos momentos mais difíceis, que a gente vê que a gente se torna uma grande família. É onde a gente se importa com a dor do nosso vizinho, mesmo que ele não seja próximo de ti, mas tu sabe que tu vai estar ali dando apoio, ajudando quando ele tiver uma necessidade, independente de quem for, né?

⁵¹ Soares, Rebeca dos Santos Moreira. Os significados e sentidos da relação entre o matrimônio e o patrimônio mediada pelo casamento no sistema capitalista. UFMS: 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4677/1/OS%20SIGNIFICADOS%20E%20SENTIDOS%20DA%20RELA%20c3%87%20c3%83O%20ENTRE%20O%20MATRIM%20c3%94NIO%20E%20O%250D%250APATRI%20c3%94NIO%20MEDIADA%20PELO%20CASAMENTO%20NO%20SISTEMA%20CAPITALISTA%20REBECA%20%20.pdf>> Acesso em 22/06/2024.

Diferente da direita que a família deles é aquela família que só olha pro próprio umbigo.

A família é a forma como Patricia opõe uma moral coletivista contra uma individualista. É a referência mais fácil para gerar empatia e mobilizar as pessoas. Se todo mundo é uma família, cria-se uma moral apoiada no que nos parece ser uma ética da resistência como forma de vida. Mas vai além: famílias não precisam ser perfeitas, então a comunidade também não precisa ser. A tolerância e a diversidade fazem parte dos valores dessa ideia de família. Há moradores individualistas, que colocam um som alto, por exemplo? Eles precisam ser responsabilizados, não punidos, pois eles são da família. Isso permite a solução de problemas sem envolver o Estado, cuja presença na Ocupação Contestado, em diversos momentos, veio acompanhada de violências gratuitas contra moradores. Entendemos que essa é uma formulação de Patricia pode nem sempre se alinhar com o comportamento das pessoas na Ocupação, mas isso está além dos limites dos objetivos deste trabalho. O que importa para nós é que essa é a identidade que a sujeita que estamos analisando tenta atrelar à comunidade onde vive e milita.

Essa noção é importante para caracterizar Patricia enquanto intelectual orgânica, porque o círculo de dirigentes da Ocupação são todas chefes de famílias. Há homens, como o próprio Dagoberto, mas tendem a ser os que mais participam das próprias famílias, da criação das crianças. Ou seja, essa metáfora da comunidade como uma família ampliada faz todo o sentido neste ambiente, onde circulam pessoas acostumadas a gerir famílias. No processo de construção de uma comunidade ao longo de uma década, a contradição espontaneidade contra elaboração consciente parece artificial para o que interpretamos ter sido a experiência histórica da Contestado. Provavelmente, o que Patricia fala é o reflexo de um processo coletivo que ela coordenou ao longo do tempo, criando uma cultura própria do território.

O papel do gênero nessa trajetória é complexo e ambíguo em muitos aspectos. Essa noção da família que parte de Patricia claramente bebe da fonte dos papéis de gênero estabelecidos, mas eles são subvertidos para uma sociabilidade militante onde mulheres têm local de protagonismo. Na catarse do primeiro despejo, Patricia ficou surpresa com a polícia atacando “famílias de bem”. Há um senso de orgulho em ter se mantido com Dagoberto, ao contrário de outras mulheres da sua família, que terminaram e iniciaram outros relacionamentos, revelado na primeira entrevista. Ou seja, existe uma satisfação vinda de Patricia por cumprir “bem” seu papel de mãe e pelo relacionamento duradouro com seu marido.

Ao longo do tempo, uma constante na história da Ocupação foi o protagonismo feminino, em geral mulheres cis, negras e com filhos. Em um país onde existe uma hierarquia de gênero que coloca mulheres abaixo de homens, essa pode ser uma surpresa. Porém, isso não é uma surpresa na história dos movimentos de bairro, geralmente dirigidos por mulheres. Perguntada sobre porque as mulheres têm um papel tão destacado, Patricia deu mais de uma resposta. Primeiro, a razão estaria no fato de que os homens “trabalham fora”:

VM: É, você mencionou, as pessoas que estavam na organização das coisas. Ali no ginásio e, depois, da ocupação. Uma coisa que eu notei é que a maioria é mulher. Por que tu achas que isso se dá?

PO: Olha, isso é verdade. A gente costumava dizer que a ocupação Contestado era uma ocupação feita por mulheres, porque quem tomava linha de frente geralmente eram as mulheres. As vezes os maridos estavam trabalhando ou fazendo qualquer outra coisa e a mulherada tava lá na luta, lá na guerra, lá na linha de frente, no confronto, assim. É, às vezes as pessoas achavam que a gente não seria capaz de fazer tudo aquilo, né? E a gente conseguiu provar que a gente era capaz de muito mais. Que a gente tinha esse objetivo de conquistar um local e a gente foi até o fim. A gente colocava uma coisa na cabeça e fazia de tudo pra que aquilo ali se concretizasse, então eu lembro que no dia que a gente ocupou aqui o contestado era mulherada fazendo seus barracos. E, tipo, uma ajudando a outra. Assim, ali se criou já esse espírito de coletividade, né? Que a gente sabia que a gente tinha que fazer o maior número de barracos possíveis e se a gente não se ajudasse não ia ser possível. Então foi muito louco, assim, foi muito... Mas foi bem importante. Porque nós éramos mulheres, éramos mães e se não existisse essa parceria, essa ajuda coletiva, tudo ia se tornar mais difícil.

Então, para Patricia a mulherada assumiu a frente porque os maridos estavam “trabalhando ou fazendo qualquer outra coisa”. Ela lista, no final, as condições que criavam essa unidade: “éramos mulheres, éramos mães”. Porém, Dagoberto, marido de Patricia, trabalha fora e é uma liderança da ocupação. Além disso, várias das mulheres da Ocupação, incluindo Patricia em diferentes períodos, também trabalhavam. O discurso de Patricia ignora, portanto, uma contradição dentro da ocupação. Não se trata de desonestidade: ela está apresentando uma comunidade com a qual se identifica, irá selecionar as informações conforme ela entende melhor. Porém, como entrevistador, o autor deste trabalho tem interesse em saber como Patricia vê essa contradição, então insistimos, com uma pergunta sobre as mulheres também trabalharem.

VM: Sim, mas por que a direção da ocupação é toda mulherada?

PO: Eu não digo que fosse toda mulherada, mas oitenta por cento.

VM: Por que será?

PO: Eu acho que é porque a mulherada decidiu ter autonomia e tomar frente e mostrar que é capaz não precisa ser homem pra ti conseguir fazer alguma coisa, eu acho que as mulheres são muito capazes mesmo e quando elas querem, olha, é difícil um homem para barrar.

Após a última pergunta, Patricia parou e pensou no que responder. Foram um ou dois segundos, até que ela sorriu e respondeu, com certo orgulho na voz, o que está escrito acima. O que era uma contradição inicialmente evitada, agora é uma afirmação catártica do potencial da organização coletiva de mulheres. Essa organização é um contrapeso contra a hierarquia de gênero no espaço da Ocupação, mas também nas interações com o Estado. Feminismo? Patricia ponderou um pouco antes de responder afirmativamente.

VM: Tu se considera uma feminista?

PO: Olha, de certa forma, sim. Eu não aceito, na minha frente, eu jamais vou aceitar que um homem agrida uma mulher que diminua ela, que uma mulher sofra preconceito. Então eu acho que eu sou sim. Eu não aceito essas injustiças, essas coisas contra as mulheres. Eu acho uma covardia e graças a Deus eu tenho um parceiro que é uma pessoa que me entende e que não é uma pessoa violenta. Eu nunca sofri, assim é uma violência dentro de casa pelo meu companheiro. Então por eu nunca ter passado por isso, eu também não aceito que as minhas vizinhas, minhas companheiras de luta passem também. Aí vem esse processo de conscientização, de chamar, conversar, explicar que aqui dentro a prioridade é dela, que os direitos a gente vai garantir pra mulher, para os filhos, tem muito disso aqui dentro, né? Tipo “ah, um casal se separou”. Aí vem o marido e vem a mulher aqui “Ah, Patrícia, mas eu gastei com isso”. Eu disse: “não interessa, a prioridade aqui é da mulher”, né? O homem, ele consegue se virar, mas a mulher, não, a mulher tem que cuidar dos filhos, tem que cuidar dela. Não que ela não seja capaz, mas eu acredito que ela lutou muito para conquistar isso aqui, ela tem que ter um direito garantido, porque se a gente nega esse direito pra elas dentro de uma comunidade que luta por dignidade, o que que a gente defende aqui, né?

Porque “de certa forma”, haveria outra forma? Não ocorreu ao entrevistador. Porém, é uma característica que aparece em outros momentos da entrevista: Patricia não gosta de se definir e desvia dos “ismos”. Nesses momentos, Patricia parecia um pouco insegura, problema que tentamos contornar elevando o máximo possível a autoridade de seu discurso. Afinal, é justamente ele o fundamento desta pesquisa. Porém, vale dizer, as Brigadas Populares são uma organização feminista, Patricia já participou de atos feministas. Ao tradicional grito “Pátria livre! Venceremos!” do nacionalismo-revolucionário latinoamericano, as Brigadas Populares adicionaram o “Mátria livre!”. O autor do presente trabalho viu em diversas vezes Patricia “puxar” este grito. Seu relato sobre a eleição de Bolsonaro tem um caráter muito forte de aversão à violência política de gênero, incluindo no nível simbólico. Se Patricia é reticente em se definir como feminista de forma geral, a mesma reticência não aparece quando se tratam instâncias particulares, como sua própria resposta confirma.

As respostas de Patricia e Dagoberto sobre raça, em geral, iniciaram um pouco defensivas, para o autor. Na primeira entrevista houve um momento em que fizeram uma disputa amigável sobre o quão negra era a família de Patricia. Dagoberto, quando perguntado do racismo em Santa Catarina deu uma série de exemplos de como ele é “disfarçado” e relacionou ao “governador fascista”. Patricia, em todas as situações em que foi instada a falar

do assunto, descreveu como uma questão à parte, que importa, mas não necessariamente é o centro dos assuntos. Um exemplo é a pergunta sobre a polícia:

VM: Você acha que a relação da polícia com a ocupação é ela não é também um problema racial? Porque a maioria da comunidade aqui é negra e a maioria da população de Santa Catarina é branca e muita gente liga violência policial com racismo. Eu não sei se isso seria verdadeiro na tua visão aqui dentro da ocupação.

PO: Eu não vejo tanto assim, eu vejo mais mesmo é eles marginalizando um todo da ocupação. Só o fato de você morar aqui dentro já é motivo pra eles te dar um enquadro, te colocar no paredão, te amedrontar, de entrar. Claro que tem esse agravante, né? Mas eu acho que o fato da gente ser morador de uma ocupação urbana...

É um “agravante”, obscurecido pelo fato de que a comunidade seja uma ocupação urbana. Teria sido oportuno ponderar que não é uma coincidência as famílias que precisam ocupar um terreno para ter onde morar sejam negras, mas isso não ocorreu ao entrevistador no momento. A segregação sócio-espacial, porém, não é um fenômeno estranho à Patricia. O comentário sobre como, para o “sistema”, eles “estão ali só para enfeiar a cidade” soa muito parecido com a reflexão mais célebre de Carolina Maria de Jesus: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (Carolina Maria de Jesus, 2013). De mulher negra para mulher negra, mais de meio século depois, uma experiência muito parecida, que, pelo espírito do texto constitucional, já deveria ter sido erradicada.

É importante registrar que houve um processo de empoderamento de Patricia que superou barreiras colocadas pelo racismo. Ela se fez ouvida pelo Estado navegando nessas contradições, usando os direitos das “famílias de bem” contra funcionários ou políticos cuja empatia foi aparentemente bloqueada pelo racismo e desdém por pessoas pobres, mas que não podem dizer abertamente seus motivos. No Congresso da Intersindical ocorrido em 2022, Patricia presenteou o autor do trabalho com um poster dos Panteras Negras produzidos pela Juventude Comunista Avançando (JCA) (Apêndice 2). É uma onça com o pelo negro, enquanto meninos e meninas pretos marcham de uniforme com a característica boina do agrupamento político. Isso indica que Patricia está bem consciente desse progresso de empoderamento e que ela teve que superar barreiras que uma mulher branca com uma condição econômica mais remediada não teria.

De forma geral, as entrevistas mostram Patricia como uma militante revolucionária, socialista, feminista e identificada com o projeto político das Brigadas Populares. No entanto, ela coordenou ativamente a produção de uma cultura política na Ocupação Contestado ancorada na noção de uma família ampliada, onde todas são responsáveis por todas. Essa é

sua contribuição como intelectual orgânica, ter coordenado um processo coletivo no qual uma comunidade cria uma linguagem e identidade própria, articulada com um projeto político de uma organização revolucionária. Além disso, sua atividade política tem um caráter tanto de resistência quanto de construção de redes de solidariedade entre as comunidades de luta por moradia da ACF. Por fim, Patricia é uma pessoa cujo assujeitamento é, atualmente, indissociável de sua identidade política, do compromisso assumido de “não se calar” porque “está tudo errado”.

5 Considerações finais

O que essa trajetória diz sobre a Nova República em sua crise? A perspectiva de Patricia parece ser de um Estado que prometeu uma forma de cidadania e não cumpriu. Desde a dimensão mais literal (o crime eleitoral que originou a ocupação) até o direito à moradia prometido pela constituição. É possível argumentar que o Estado de Direito nunca chegou para as periferias, porém, através da marginalização de suas vítimas, a máquina repressiva conseguiu manter, pelo menos para Patricia, a impressão de que sua violência não se dirigia a “famílias de bem”. Ela era mulher negra sem casa, nunca descumpriu uma lei, mas estava sujeita a ser marginalizada e atacada apenas pela sua condição social. Seu “crime” foi acreditar em um político. De repente, ela também não era “uma pessoa de bem”, sua família não estava sendo tratada como uma “família de bem”. Por que a quebra de expectativa? Porque Patricia esperava que o Estado de Direito agisse como um Estado de Direito promete, mas ele agiu como Estado de exceção. A quebra de expectativa gerou a radicalização, mas também a estratégia de usar as promessas do Estado contra ele.

O problema é que, conforme a República entrava em uma espiral de crise, as promessas foram diminuindo, os direitos foram sendo revogados. Porém, a escalada de um movimento fascista de massas se deu de forma muito mais rápido da sociedade do que no Estado, particularmente nas esferas legislativas e judiciárias. Os poderes executivos, incluindo o municipal, fizeram uma ofensiva contra as ocupações, apoiados em bases eleitorais cada vez mais disposta a apoiar violência contra os “comunistas vagabundos e bandidos”. No entanto, as leis da Nova República ainda estão ali, ou seja, há espaço para disputa legal como apoio à militância. O governo Lula aparece com uma série de esperanças, que vêm com dúvidas. “Aliados são úteis”, diz Patricia, mas a ocupação já viu promessas demais para acreditar sem ver.

No Contestado, a hipótese que este estudo sugere é que se cria uma cultura política resistente, arredia à sociabilidade comprometida com a lógica do capital, embora envolvida nela. Essa cultura política é criada, principalmente, por mulheres negras e pobres. Talvez seja o caso de levantar a hipótese de que a incapacidade de formar a “democracia como forma de vida” da Nova República seja porque tal democracia já esteja sendo desenvolvido, mas por sujeitas colocadas às margens da sociedade e superexploradas. Essa sociabilidade é democrática, mas não é liberal⁵² porque coletivista. O estudo desses espaços é importante, mas é necessário se colocar na posição de ouvinte, ou estaríamos reproduzindo o que Lélia Gonzalez (2021) chama de “neurose cultural do brasileiro”, isto é, de incorporar contribuições negras enquanto conservamos as pessoas racializadas em posições subalternas, sobretudo de classe.

Quais as possibilidades de, na crise da Nova República, criar a “democracia como forma de vida”? Na vivência de Patricia vemos que já existe no Brasil movimentos uma cultura radicalmente democrática fundada no princípio da solidariedade coletiva. Não houve, da parte desses movimentos, qualquer hesitação em defender as conquistas de 1988. No entanto, os setores comprometidos com a democracia como regime de governo não têm intenção ou capacidade de integrar os movimentos em um projeto de transformação. Isso exigiria definir inimigos e aliados no seio da sociedade, um projeto que é compatível com a democracia, mas não com o liberalismo. Como a classe da imobiliária Suvec reagiria à classe da Patricia realizando transformações sociais articuladas com um projeto reformista forte dentro do Estado? Dessa perspectiva, não parece ser uma questão da intensidade da democracia, ou seja, uma questão quantitativa.

O que Marcos Nobre chama de peemedebismo é, olhando retrospectivamente, a democracia liberal realmente existente no Brasil. O que era o peemedebismo virou o que voltamos a chamar de “Centrão” e, se é verdade que as negociações com o governo são operadas por políticos fisiológicos como Arthur Lira, existe a chantagem de um campo político comprometido com um projeto de instalar um regime de extrema-direita no país.

Um ponto em comum da nossa análise com os textos mais recentes de Marcos Nobre é que não existe uma linha reta entre 2013 e a ascensão de Bolsonaro. Ou seja: no período que chamamos aqui de crise da Nova República. Dilma foi reeleita em 2014, por exemplo, o que

⁵² “Nesta concepção liberal da Democracia, a participação do poder político, que sempre foi considerada o elemento caracterizante do regime democrático, é resolvida através de uma das muitas liberdades individuais que o cidadão reivindicou e conquistou contra o Estado absoluto. A participação é também redefinida como manifestação daquela liberdade particular que indo além do direito de exprimir a própria opinião, de reunir-se ou de associar-se para influir na política do país, compreende ainda o direito de eleger representantes para o Parlamento e de ser eleito.” Bobbio, Norberto; Mateucci, Nicola; Pasquino, Gianfranco. (1998)

mostra uma confiança de grande parte da população no Partido dos Trabalhadores e no lulismo. Porém, a partir de sua queda, o clima político de criminalização começa a pesar mais sobre a Contestado, associando os moradores ao “comunismo” e à “bandidagem”. A mesa de negociação estagna. Bolsonaro é eleito com 75% dos votos em Santa Catarina e, na eleição seguinte, Orvino ganha a prefeitura. O prefeito, do mesmo partido de Adeliana, passa a tratar despejos como uma ferramenta de relações públicas, não como algo a se esconder. Pelo menos nessa região de Santa Catarina, pode existir um processo de fascistização que se catalisa a partir de fenômenos políticos nacionais.

Apesar da vitória de Lula em 2022, comemorada por Patricia com uma noitada no Centro de Florianópolis, existe um esforço da direita em setores do Estado, especialmente no legislativo, cada vez mais comprometido com a destruição do legado da carta constitucional. Os direitos garantidos estão ameaçados, os não-garantidos cada vez mais esquecidos e aqueles que vão além sumiram do horizonte. Teria, nesses anos todos, a Ocupação Contestado vencido ou perdido? A Ocupação Contestado e Patricia resistiram, o que pode ser interpretado como derrota, pois não atingiram seus objetivos, mas também como vitória, pois não sucumbiram aos diversos ataques e ao ambiente hostil do seu entorno. Esse estado de coisas lembra o conceito que Beatriz Nascimento mobiliza sobre a paz quilombola, o período entre as investidas de colonizadores tentando reduzir a comunidade a cinzas e reescravizar seus habitantes (Beatriz Nascimento, 2021). Uma paz armada, mobilizada, atenta. A Ocupação Contestado e Patricia vencem como venceram até hoje comunidades quilombolas, indígenas, as ocupações organizadas ou espontâneas, os assentamentos da reforma agrária e todos os territórios de resistência do Brasil: existindo, contra um projeto colonizador baseado na destruição dos subalternos e suas comunidades.

Referências

ALCÂNTARA, Manoela. Há um ano, golpistas tentavam explodir bomba no Aeroporto de Brasília. *Metrópoles*. 24/12/2023. Disponível em: <<https://www.metrosoles.com/brasil/ha-um-ano-golpistas-tentavam-explodir-bomba-no-aeroporto-de-brasilia> > Acesso em 24 de jun. 2024.

ALVES, Cida. Governo tem gasto recorde do Minha Casa, Minha Vida. *Veja*. 05/11/2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/governo-tem-gasto-recorde-do-minha-casa-minha-vida> > Acesso em 24 de jun. 2024.

BOBBIO, Norberto; MATTUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 10. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1997.

Bolsonaro ataca Alexandre de Moraes e diz que não cumprirá mais decisões do ministro do STF. *G1*. 07/09/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/07/bolsonaro-ataca-alexandre-de-moraes-e-diz-que-ministro-tem-tempo-para-se-redimir-ou-se-enquadra-ou-pede-para-sair.ghtml> > Acesso em 24 de jun. 2024.

BRIGADAS POPULARES, “Manifesto e programa”. Disponível em: <<https://brigadaspopulares.org.br/manifesto-e-programa/> > Acesso em 24 de jun. 2024.

CANELLA, Francisco. Cidade turística, cidade de migrantes: movimento dos sem-teto e representações sociais em Florianópolis (1989-2015). *Revista Libertas, Juiz de Fora*, v.15, n.2, p.215-242, ago./dez, 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18457/9646>>. Acesso em 24 de jun. 2024.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Zahar. Rio de Janeiro: 2022.

_____, Frantz. Os Condenados da Terra. Zahar. Rio de Janeiro: 2022.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações. In: Enciclopédia Einaudi . A Micro-História e Outros Ensaio. Lisboa: Difel, 1989. (Memória e Sociedade).

GONZALEZ, Lélia; RATTI, Alex (org). Por um feminismo afro-latino americano. Zahar. Rio de Janeiro: 2021.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, Vol. 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1999.

_____. A. Cadernos do Cárcere. Vol. III. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2011.

Invasão aos Três Poderes completa uma semana; relembre. Poder360. 15/01/2023. Disponível em: <
<https://www.poder360.com.br/governo/invasao-aos-tres-poderes-completa-uma-semana-relembre/>> Acesso em 24 de jun. 2024.

JAMES, Daniel. Doña María: historia de vida, memoria e identidad política. Manantial. Buenos Aires: 2004.

Jornal Nacional. Manifestantes bloqueiam trechos de estradas em 22 estados após vitória de Lula. G1. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/10/31/manifestantes-bloqueiam-trechos-de-estradas-em-22-estados-apos-vitoria-de-lula.ghtml>> Acesso em 24 de jun. 2024.

JUNIOR et al O racismo ambiental como instrumento de violação do direito à moradia: o caso da ocupação Vale das Palmeiras (São José/sc). Captura Crítica, Florianópolis, v12, nº1,

p. 249, janeiro, 2023. Disponível em: < <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/5936/5187> > Acesso em 24 de jun. 2024.

KALIL, Àlex et al; KALIL, Isabela (coord). Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo Outubro. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Relat%C3%B3rio-para-Site-FESPSP.pdf>> Acesso em 24 de jun. 2024.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; TONIN, Vitor Hugo. Segregação socioespacial e luta por moradia na grande Florianópolis: raízes e características da ocupação contestado. Revista de Ciências Humanas, [S.L.], v. 49, n. 2, p. 224, 15 nov. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n2p224> >. Acesso em: 22 de jun. 2024.

MAIER, Jefferson Adriano. Lutar, criar: experiência de organização política dos moradores da Ocupação Contestado, São José - SC. PPGPLAN - Udesc. Florianópolis: 2022. Disponível em: < https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/7187/1__disserta__o_jefferson_maier_revis_o_final_2_16716593895256_7187.pdf > Acesso em 24 de jun. 2024.

Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma. Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contragoverno-dilma-ocorrem-pelo-pais.html> >. Acesso em 24 de jun. 2024.

MONTE, Lívia Espindola. “Minha casa, Minha Luta”: experiências e práticas políticas da Ocupação Contestado. Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194097> >. Acesso em 24 de jun. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz; RIOS, Flavia e LIMA, Marcia (org). Uma história feita por mãos negras. Zahar. Rio de Janeiro 2021.

NEIVA, Lucas. Em reação à diplomação de Lula, baderneiros golpistas tentam invadir sede da PF em Brasília. Congresso em Foco. 12/12/2022. Disponível em: < <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/em-reacao-a-diplomacao-de-lula-manifestantes-bolsonaristas-tentam-invadir-sede-da-pf-em-brasilia/> > Acesso em 24 de jun. 2024.

NOBRE, Marcos. Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

OTONI, Pedro. As comunas: estratégia para fortalecer a organização comunitária. Brigadas Populares: 2017. Disponível em: < <https://brigadaspopulares.org.br/as-comunas-estrategia-para-fortalecer-a-organizacao-comunitaria/2017/> > Acesso em 24 de jun. 2024.

Outubro. São Paulo: 2018. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Relat%C3%B3rio-para-Site-FE-SPSP.pdf> > Acesso em 24 de jun. 2024.

Plenário do TSE: PSDB não encontra fraude nas Eleições 2014. TSE. 05/11/2015. Disponível em: < <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2015/Novembro/plenario-do-tse-psdb-nao-encontra-fraude-nas-eleicoes-2014> > Acesso em 24 de jun. 2024.

PORTELLI, Alessandro. Ensaios de História Oral. Letra e voz. São Paulo: 2016.

_____, Alessandro. História Oral como arte da escuta. Letra e voz. São Paulo: 2016.

PORTELLI, Alessandro. L'ordine è già stato eseguito. Roma, le Fosse Ardeatine, la memoria. Feltrinelli. Roma: 2012.

POZZEBON, Elina. Aprovado pelo Congresso, auxílio emergencial deu dignidade a cidadãos durante a pandemia. Agência Senado. Disponível em: <

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/12/30/aprovado-pelo-congresso-auxilio-e-mergencial-deu-dignidade-a-cidadaos-durante-a-pandemia> > Acesso em 24 de jun. 2024.

PRADO, Luiz Carlos Delorme e LEOPOLDI, Maria Antonieta de. O fim do desenvolvimentismo: o governo Sarney e a transição do modelo econômico brasileiro. In: Lucília Delgado e Jorge Ferreira (orgs.). O Brasil Republicano, v. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

RODRIGUES, Douglas. 2019. Brasil teve 1.074 greves até novembro; ano deve fechar com redução de 20%. Poder 360. 2019. Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/economia/brasil-registra-1-074-greves-ate-novembro-de-2019-revela-dieese/> > Acesso em 22 de jun. 2024.

Rodrigues, Douglas. 2019. Brasil teve 1.074 greves até novembro; ano deve fechar com redução de 20%. Poder 360. 2019. Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/economia/brasil-registra-1-074-greves-ate-novembro-de-2019-revela-dieese/> > Acesso em 24 de jun. 2024.

RODRIGUES, Renato Janine. “O pessimismo da inteligência não deve abalar o otimismo da vontade”. SBPC. 2021. Disponível em: < <https://portal.sbpcnet.org.br/noticias/o-pessimismo-da-inteligencia-nao-deve-abalar-o-otimismo-da-vontade/> > Acesso em 24 de jun. 2024.

SANTOS, Roberto S. O capitalismo dependente brasileiro e a globalização neoliberal: três momentos de uma inserção subalterna (1980-2016). Rio de Janeiro, UERJ, 2019.

SARTRE, Jean Paul. Crítica da razão dialética. D&PA. Rio de Janeiro: 2002.

SCHMIDT, Benito. Flavio Koutzii: biografia de um militante revolucionário – De 1943 a 1984. Libretos: São Paulo, 2018.

SINGER, André Vitor. Cutucando onças com varas curtas: O ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). Novos Estudos, n. 102, p. 43-71, 2015. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/nec/a/sWvZ7c6KRLYHT5jrh6FZSfG/abstract/?lang=pt> > Acesso em 24 de jun. 2024.

SOARES, Rebeca dos Santos Moreira. Os significados e sentidos da relação entre o matrimônio e o patrimônio mediada pelo casamento no sistema capitalista. UFMS: 2022. Disponível em: <
<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4677/1/OS%20SIGNIFICADOS%20E%20SENTIDOS%20DA%20RELA%20c3%87%20c3%83O%20ENTRE%20O%20MATRIM%20c3%94NIO%20E%20O%25D%250APATRIM%20c3%94NIO%20MEDIADA%20PELO%20CASAMENTO%20NO%20SISTEMA%20CAPITALISTA%20Rebeca%20%20.pdf> > Acesso em 24 de jun. 2024.

URIBE, Gustavo. PF investiga se “minuta do golpe” chegou ao Planalto e foi discutida por Bolsonaro. CNN Brasil. 21 set. 2023. Disponível em: <
<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pf-investiga-se-minuta-do-golpe-chegou-a-bolsonaro/> > Acesso em 24 de jun. 2024.

URIBE, Gustavo. PF investiga se “minuta do golpe” chegou ao Planalto e foi discutida por Bolsonaro. CNN Brasil. 21 set. 2023. Disponível em: <
<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pf-investiga-se-minuta-do-golpe-chegou-a-bolsonaro/> > Acesso em 24 de jun. 2024.

Apêndice 1

Entrevista 1, parte 1

VM: Dia 1 de março, primeira entrevista, estou aqui com a Patrícia de Oliveira e o Dagoberto Rita. Então, eu queria saber um pouco primeiro sobre vocês, dados básicos, nome inteiro idade e onde vocês nasceram pra ter registrado aqui.

DR: Meu nome é Dagoberto Rita, nasci em Florianópolis, dia 13 de abril de 1978

PO: Meu nome é Patrícia de Oliveira e eu nasci em Joinville, no dia 18 de maio de 1981.

VM: Qual era a profissão dos pais de vocês?

DR: A mãe sempre foi... Como é que fala? Faxineira? Não, a mãe sempre trabalhou na casa de alguém assim... Faxina, que fala, né? Doméstica! Doméstica, é, doméstica, melhor. Ah, e o pai sempre foi músico e trampou de... no banco, uma época, quando era muito pequeno, no correio. Eu não peguei a época do correio, era neném. É, no correio. E o pai sempre lidou com a música.

PO: Meu pai, ele era pedreiro, mestre de obras. Eles pegavam obras. E a minha mãe trabalhava também como diarista. Ela não trabalhava fixa em uma casa, mas ela ia fazer as faxinas e cuidava de casa.

VM: Os pais de vocês eram ambos negros dos dois lados?

DR: Os meus são.

PO: Os meus também.

DR: É, mas tu tem mistura de índio.

PO: Ah, se for ver as descendências tem bastante mistura, mas eu considero negro. Passou de branco, negro é.

DR: É, o ditado. Mas tem uma mistura de índio, teu pai. A mistura louca. São bem negrão. [bate no peito] Negrão, sou bem negrão. Podem [pessoas pardas] estarem ali na lista, mas não são bem negrão.

PO: Não, realmente. Meu pai, a mãe dele tem descendente de japonês...

DR: Uma mistura louca ali.

PO: Com indígenas, negros. E da minha mãe é mistura de italiano com indígena.

DR: É, o teu vô, o Fulvio, era negrão.

PO: E negro também.

DR: É, o teu vô, o Fulvio, era negrão. Porque o teu vô, da pai da tua mãe, já não era tão negrão. Ele era mais indígena. [risadas]

VM: Vocês estão competindo?

PO: Dago, tu responde a tua e eu respondo a minha. [risadas] Desculpa, "Mi" ["mi" é um apelido do autor deste trabalho].

DR: Tá bom, tá bom.

VM: Tá. Eu queria saber como é que foi a infância de vocês. Se vocês puderem falar um pouco sobre o assunto...

DR: Pra mim, em si, foi boa. Mas... Cara... O menino aqui, como qualquer criança normal. O que tem que fazer? Soltar a pipa e jogar bola. Era isso, tinha que roubar fruta na casa dos outros. Naquela época se tinha algum videogame pra nós, nós não tínhamos mesmo porque não tinha condição de ter. Mas, assim, a infância foi boa, não foi sofrida a minha infância, assim, de... Começar, cara, sofrer assim... Ah, coisa de "rango" era aquela de basiquinho, pirãozinho, arrozinho, feijão, macarrão de domingo... Mas, assim, minha em si infância foi boa.

VM: Como é que era a escola?

DR: Cara... tu diz em relação a se a escola era boa, que eu estudava, ou como eu ia quando eu ia para a escola?

VM: Não é necessariamente boa ou ruim, é como que era.

DR: Eu, assim, eu gostava de ir. Nos primeiros anos eu me dava bem, assim. Estudando... Eu estudei na Antonieta de Barros, que não existe mais agora, né? Nem sei o que é aquilo, agora vai ser museu. Eu estudei ali. Mas era... Assim, na escola era normal, assim. Ia e voltava. Boa, assim. As minhas professoras eram boas, o Antonieta de Barros tinha umas professoras boas ali. Me dava bem no colégio, assim, não tinha, assim, reclamação, não. Gostava bastante da merenda, dava aquela reclamadinha, porque não tomava café para comer a merenda duas vezes. [começa a rir] Mas é normal, assim. Eu estudei ali e depois... Porque o Antonieta naquela época era só até a quinta série que tinha. Aí eu fui para o Celso Ramos na quarta série e... Aí depois eu voltei para o Antonieta para fazer o quinto ano, que no Celso Ramos parece que já não tinha, naquela época eram umas coisas assim, no colégio era meio louco. E aí

depois Antonieta abriu mais tempo, eu fiquei no Antonieta e depois à noite eu fui para o Instituto. Isso foi minha época estudantil.

VM: Como é que foi a tua infância, Pat?

PO: Olha, eu tenho uma lembrança da minha infância, que a gente sempre veio de família humilde. Eu lembro que, claro, graças a Deus, a gente nunca chegou a passar fome, mas eu vejo a diferença na minha época e pra época de agora, né? Tipo, a mãe ia fazer mercado uma vez no mês e... Não é como hoje, assim, que eles iam. Hoje eu vou lá, eu compro bolacha, iogurte, essas coisas que meus filhos querem à vontade, na medida do possível, é claro. E naquela época eu lembro que eles compravam um pacote de bolacha daquelas sortidas e a gente ficava feliz da vida, né? Porque era a vez da mãe ir no mercado e trazer aquela bolacha pra gente dividir e trazia aquela bolacha pra gente dividir. Não era aquele churrasco no domingo, não existia assim. Existia assim, raramente, um aniversário, uma festa comemorativa grande, um batizado, pra que a gente pudesse, né? Ter um momento mais... Mas a minha mãe sempre gostou muito de plantar, de ter a horta dela. Então, ela sempre fazia, né? A gente sempre tinha ali com tudo, arroz, feijão e aquela salada. Aí eu lembro que o meu pai criava porco, ele participava de rodeio também, então a gente tinha uma proximidade grande com animais, eu adorava andar a cavalo, a gente brincava bastante, morava eu, a minha mãe, meus três irmãos e o meu pai. A gente morava na Benjamin Constant. E depois a gente se mudou para o Vila Nova. Eu tinha em torno de uns sete anos, acho, seis, sete anos. E daí eu lembro que logo em seguida os meus pais se separaram. Fiquei um tempinho com o meu pai, depois teve audiência, e eu fui morar com a minha mãe. Aí fiquei, um dia eu vim pra cá, pra Florianópolis, nos meus onze anos, mais ou menos. Aí eu morei ali no Estreito, aí a minha mãe já tinha uma condição melhor do que a gente tinha antes, né? Mas eu acho que se a gente teve uma infância com saúde, uma boa educação, né, porque sempre partiu dos princípios deles. Sempre a gente ser uma pessoa que não mexesse em nada de ninguém, respeitasse os mais velhos, sempre teve essa educação quando criança. É... É isso.

DR: Eu esqueci de abrir um parênteses aí. Estou me metendo de novo de novo. Tua mãe disse que tu falava alemão quando era pequena? Falava alemão.

PO: Não, é verdade. É porque a minha mãe, na verdade, convidou os meus padrinhos, né? Era o meu tio, o irmão do meu pai. E a minha madrinha é a Kátia. E ela era alemã, assim, né? Então, eu vivia na casa dela. Então eu... às vezes a minha mãe "ah, tu não vai mais pra lá", porque eu ficava falando alemão enrolando a língua, porque lá entre eles, eles só conversavam em alemão, né?

VM: Ah, boto fé.

PO: Daí eu...

VM: Tu ainda lembra algo de alemão?

PO: Ah, eu acho que não consigo mais falar, mas eu lembro deles conversando, eu lembro alguma coisa. Tipo, eles falam alguma coisa e eu até entendo o que é.

VM: É uma língua bastante diferente do português, né? É parecido com o inglês da vida. Esse é um detalhe bastante interessante. Você mencionou que não era como hoje. Como vocês vêem a diferença entre a infância das crianças hoje e as infâncias que vocês tiveram?

DR: Cara, eu não sei se eu vou conseguir... Pergunta boa, hein? Porque na minha época, vamos dizer... Poxa, eu vou dizer que é melhor, cara, não tem como eu dizer... Não, eu acho que na minha época era um pouco melhor. Na questão, sei lá, gente... O mundo, cara, tinha violência, mas não tanta como hoje. Então na minha época a gente podia brincar mais na frente de casa, como eu falei pra ti. Dava pra ir de um morro pro outro, eu ia de um morro pro outro correndo a carreira de pipa. Eu ia de um morro pro outro correndo a carreira de pipa. Andava no meio do mato e o cara ia, né? Hoje eu acho que as crianças já não têm mais isso. Às vezes é mais perigoso. A gente pegou até uma época ali, naquela época os rapazes eu morava no morro, uma época que tipo, tu morava no morro, já não podia falar quem era daquele morro, aquele morro já estava com aquele lá [aludindo ao crime organizado]. Então, acho que a nossa, a minha no caso, eu acho que a época era melhor assim. Tinha umas brincadeiras massa, hoje eu acho que é muito, cara, não tem como fugir. A tecnologia no caso, a gente até pegou também um videogamezinho, mas hoje tem um videogame que que bota o óculos e joga ali. No caso, a gente [se referindo à própria família] não tem, mas mesmo assim. Isso acho que para a criança... Deixa a criança muito para dentro de casa. Eu acho assim que a criança de hoje fica muito trancada e refém. No caso das crianças do Contestado, no caso dos nossos filhos, aí já não tem lugar para eles brincarem. O lugar é a própria rua, na frente de casa. Então, já é ruim. Então, aí, essa parte da tecnologia, para eles é bom, porque aí o cara distrai, dá o telefone, fica brincando ali. Mas eu acho que, na nossa época, era melhor e era mais tranquilo assim, né? Não sei o que Pat a acha... A diferença entre as duas é que eu acho que a tecnologia hoje é manter a criança um pouco mais retida dentro de casa, assim. O danado do celular ali. A criança fica... Perde um pouco de infância na rua. Por isso, quando eu vejo o Miguelzinho [filho mais novo do casal], quer ficar batido na rua, quando quero ficar aqui sentado, a Pat fica [observando a criança], para ele poder pegar um pouco essa manha de rua.

Po: Olha, eu tenho muita pena da infância que a gente pode dar hoje para os nossos filhos, né? Porque eu lembro que a gente não precisava ter aquele presente específico, uma bicicleta, um videogame caro para a gente se divertir. Eu lembro que a gente inventava brincadeira da nossa cabeça, corria, e, tipo, todo mundo interagia. Eu lembro que a gente almoçava, depois do almoço, aí corria, lavava a louça e corria pra rua pra se reunir todo mundo, aí brincava de várias coisas, de taco, e qualquer coisinha era motivo pra gente arrumar uma brincadeira assim, né? Então eu achei que era uma infância muito boa porque a gente aprendia a respeitar o espaço do outro, né? Por mais que, claro, existia aquelas briguinhas, mas não a violência que tem hoje em dia, não os xingamentos, porque hoje tu vê criancinha aí pequena xingando gente adulta, fazendo gestos obscenos. Tipo, hoje se tu não pode dar um presente caro para um filho que ele vê na televisão ou vê que alguém ganhou, ele, na maioria das vezes, alguns

filhos chegam a xingar os seus pais. Não estou falando que esse é o meu caso, né? É claro que a gente sabe que se a gente pudesse a gente daria muito mais. Mas a gente tem nossas limitações. Eu acho que aquela infância mesmo, que eu acho que brincar perdeu muito. Hoje em dia, na idade que eu ainda brincava de boneca, brincava de correr por aí, a criança já está querendo ter namoradinho, isso e aquilo. Eu acho que eles estão amadurecendo muito rápido. Eu acho que eles estão perdendo aquela essência de criança muito rápido. Influenciado por essas redes sociais e até mesmo pelo convívio, Que hoje uma quer ser melhor que a outra. Existe muito... Eu acho que é aquela fase de esnobar uma terceira pessoa, tipo, “ah, eu tenho a minha melhor amiga, a outra não presta”, então, cria mais essa rivalidade que não lembro disso na minha infância. Hoje eu vejo muita coisa assim, que eu acho muito ruim. É claro que aqui no lugar onde a gente vive, que eu vivo hoje, tem certos cuidados que a gente tem que ter. Até mesmo pra gente não perder nossos filhos pro mundo. Mas... Eu acho que tem muita coisa que eu vivi que eu queria que meus filhos vivessem também.

VM: Quando você mencionou das compras do mês, você falou da questão do churrasco. Tu acha que isso... Dá para dizer que as coisas melhoraram nesse aspecto? Como é que é essa diferença?

PO: Não, o que eu quis dizer ali é que, na época, a gente não tinha muitas condições, mas a gente não dava aquela importância, sabe? “Ah, domingo vai ter churrasco ou não”. A gente não se importava com isso, pelo menos eu não, né? Tinha comida ali, era o suficiente. Claro, a gente ficava feliz quando tinha aquele bolo de aniversário, quando tinha aquela coisa diferente para a gente comer. Era uma alegria, porque a aquela coisa diferente pra gente comer. Era uma alegria, porque a mãe sentava a gente ao redor da mesa, colocava ali e a gente fazia festa, né? Mas a gente sabia que era... Ela passava bastante dificuldade pra proporcionar esses momentos pra gente, assim. E hoje não, né? Hoje já é diferente, né? Ah, a gente coloca alguma coisa no fim de semana. “Ah, isso eu não quero.” Aí é complicado.

DR: Isso é verdade. E assim, de infância eu lembro que me fui em dois churrasco na minha vida. Um foi lá em casa que o pai fez muito mal, muito ruim. E um foi no meu primo lá. É, ele não comia lá, eu acho, não. Eu só li esses dois quando eu era pequeno.

[Manoela, neta do casal, interrompe para perguntar onde está o Miguel, que tem, como ela, 6 anos. Dagoberto responde que ele está na aula]

VM: Tá. Quando vocês se conheceram?

DR: Ano? Tu não pergunta as coisas de ano, que ela fica brava que eu não lembro. Eu sempre erro!

[risadas]

VM: Pat, quando vocês se conheceram?

DR: Agora eu nunca mais esquecer o ano, amor. Diz o ano, vai estar gravado. Esqueci o ano. É ano, é ano. Diz o ano. Eu juro que eu nunca mais esqueço. Vai estar gravado.

PO: Eu e o Dago, a gente se conheceu no final de 97.

DR: É. Ia começar a Copa do Mundo?

PO: A Copa do Mundo foi em 98.

DR: Tá certo. Eu sempre confundo. Nessa época mesmo aí.

VM: A diferença de idade de vocês qual é?

DR: Três, né? Três anos.

PO: São três anos

DR: São três anos, né?

PO: É três anos e um mês e pouquinho.

DR: É 78 para 81, né?

VM: Onde vocês se conheceram? Vocês querem contar essa história?

DR: No baile! No baile! [risadas] Eu vi a Pathy no baile. Nem me viu. Não, mas eu conheci a Pathy através da prima da Pathy. Que eu estudava com a prima dela. Aí eu vi a Paty no baile, aí eu falei pra prima dela fazer aquele esquema, aquela ajuda de parceria, e aí depois eu conheci a Paty. Mas demorou um pouquinho assim, né, Paty? Nos conhecermos, né? Quando eu te vi demorou depois, não foi uma assim, não. Não foi uma semana depois, não. Demorou, tive que encher bastante o saco da prima dela. Que não queria me apresentar, a Paticinha. Ela dizia, tu tem namorado? Ela também dizia: "você tem namorada, ela também". Eu dizia: "não faz mal, a gente resolve isso".

VM: Ela tinha namorado?

DR: [sussurrando e rindo] Tinha, ó. Olha aí, bota aí! Era PM, o desgraçado! Me deu uma geral depois! Me deu uma geral, fez eu passar vergonha no centro, quando ele não tava mais com a Patrícia. Meu compadre queria até me matar, fez eu passar uma vergonha, meia hora na parede, aquele policial vagabundo. Ainda bem que eu roubei a Paticinha. Senão não ia ter essa militante guerreira aí, já pensou? [começa a rir]

VM: É... Como é que você contaria essa história, Pat?

PO: Não, realmente, a gente se conheceu no Bahamas. É, na época no Bahamas. É, na verdade, no Bahamas. Mas naquele momento, assim, a gente nem conversamos. Só a minha prima apresentou. "Ah, esse aqui é o Daguinho". Aí eu falei: "Oi, tudo bem?". E daí a gente continuou ele fazendo as coisas dele. E eu as minhas. Aí depois de um tempo, assim, a minha prima...

DR: Que era outra prima, na verdade, né?

PO: Que é outra, que é a Cris.

DR: É, que estudava comigo, era outra prima.

PO: Aí ela assim: "Ah, que o Daguinho não para de encher meu saco, que ele quer te conhecer, não sei o quê". Aí de tanto ela falar, despertou aquela curiosidade, daí... A gente marcou o encontro, daí começou a se ver...

DR: No mercado, né? No mercado público. No terminal. No mercado, né? No mercado público.

PO: No terminal.

DR: No terminal, ali perto do mercado público.

PO: Isso.

DR: Isso eu lembro que foi na sexta-feira. Era um dia que dava para faltar aula. Era uma noite.

VM: Vocês falaram que era um baile. O que tocava nesse bairro?

DR: Tocava música eletrônica e pagode. Em cima era pagode e embaixo era eletrônico. Era aqui em São José, mas só que era para aquele lado da fazenda do Max. Para te ver, na adolescência, você tinha que vir de lá do centro para curtir um baile aqui. Para São José. Era um bom baile.

VM: [para a Patricia] E tu morava no Estreito, né?

PO: Não. Aí eu já morava lá na Praia de Fora. Na Palhoça. É que eu me mudei lá pra Praia de Fora em... Eu morei um ano no Estreito. Depois a minha mãe comprou uma casa na Palhoça e a gente foi morar pra lá. Na verdade, ela comprou um terreno, né? E eu lembro que a gente chegou a gente morava dentro de uma barraca e os cavalos, que a gente tinha, cavalos tinha a baía dos cavalos e a gente morava na barraca. Aí eu lembro que a minha mãe uma vez se revoltou e falou assim para, até o cavalo tem casa e eu estou dentro dessa barraca.

DR: Na Praia de Fora?

PO: Sim. Aí eles tiraram os cavalos da onde estavam voltou e falou assim, para, até o cavalo tem casa e eu estou dentro dessa barraca. Um prato fora. Aí eles tiraram os cavalos de onde estavam e daí a gente foi morar lá onde eram as baias de cavalo.

DR: Claro, foi arrumado.

PO: E a gente ficou morando lá.

VM: E como é que foi esse namoro? Foi um namoro rápido assim até o casamento?

DR: Foi né? Foi rápido. Não, mas a gente saiu bastante, né, Paty? Não, saiu bastante, depois fomos bastante show assim. Não, não, namoramos. A Pat gostava até de ir no shopping, de vez em quando. Eu não era muito fã do shopping, não. Mas nós íamos. Só passear. Comprar, não comprava nada.

PO: É, porque, na verdade, eu comecei a trabalhar de babá. É. Quando eu tinha meus 16 anos, eu comecei a cuidar de duas crianças no prédio que a minha tia morava.

DR: Era mais perto?

PO: É. E depois que a gente começou a se encontrar, a sair e tudo, aí quando eu tinha 17 anos, aí a gente já estava junto, daí eu engravidei, mas mesmo assim a gente não casou, ele ficou morando na casa dele, e eu fiquei morando com a minha mãe. Aí depois que a Steffanie nasceu, que eu já tinha 18 anos, daí a gente começou a ficar junto. A gente foi morar no porão da casa da mãe dele.

DR: Não, mas antes nós ficamos uns dias no hotel com a Steffanie.

PO: É porque existia, assim, a negativa da minha família e da família deles também. Não querer a gente ir junto, assim.

DR: Ah, e a gente ficou uns dias, né? Não sei se chegamos a ficar uma semana, não. Mas acho que um dia. Antes de ir lá pro morro, pro bolo.

VM: Mas qual era a questão da família?

DR: Ah, cara, eu acho que era a questão, porque o Pat tinha um namorado, eu tinha uma namorada, ela namorou. Quanto tempo que o Leandro ficou?

PO: Menos de um ano.

DR: Ah, eu sei, ficou um tempo lá com a Jana e a Nina, e aí, outra época, também, as mães também estavam ali, não sei o que, acostumadas... Acho que era isso. Por causa disso, assim.

Entrevista 1, parte 2

VM: A entrevista 1, parte 2. Eu estou falando essas coisas no começo para quando eu for ouvir na hora eu saber qual áudio é qual. Tá, é... Vocês meio que já responderam algumas perguntas. É... Ou dá pra ver nas entrelinhas, né? Tipo, não foi planejado o primeiro filho.

PO: Não.

DR: Na verdade, nós não planejamos nenhum filho. Você vê, né? A gente não falou assim, ó... Vamos... Vamos fazer o filho. O nosso três primeiros filhos foram... Tem a diferença de um ano. A gente saiu com a tropinha. A Steffanie...

PO: Um ano e pouco [calculando mentalmente a diferença de idade dos filhos], o Braylan e a Bia.

VM: Como é que como é que era essa "não-decisão"?

PO: A gente não planejava, mas também não se cuidava.

DR: Como a maioria das famílias brasileiras.

VM: Hoje em dia é bastante diferentes os casais, assim. Mas não é um julgamento, nem nada, eu só fiquei atônito um pouco.

DR: Mas se tu pegar, quando tu diz hoje em dia um pouco, depende um pouco se tu pegar a... Vamos até o próprio Contestado como base, Se tu pegar aí [tem] grandes famílias de contestado, a grande maioria da família em si não planejaram os seus filhos. Isso tem muito disso que a Pat falou. Tu pega tu passa aí, tu vê em qualquer outra favela, tu vê passa ali, vê uma menina ali de, vamos lá, 13 anos que está grávida. Essa menina não planejou ser mãe de 13 anos, tá entendendo? Aí vai muito também, como é que a gente vai dizer? Às vezes não tem uma conversa com a família, sabe? Tem tudo isso, tem relação na verdade.

PO: Eu não acho nem que não tem uma informação porque hoje, mesmo que a família não fala, eu acho que a mídia, tudo isso aí, colégio hoje, isso tudo é bem explicado...

DR: É, o colégio fala disso aí.

PO: O colégio tem bastante. Eu acho que... É, na verdade eu tive meu primeiro filho com 18 anos, né? Mas a gente sabe que tem meninas que engravidam muito cedo, né? E a gente falar que esse negócio "Ah, porque moram em periferia"... Eu lembro que na época que eu

engravidar, minhas tias Irmãs do meu pai, elas julgaram muito, falaram muito. E eu lembro uma tia minha que falou tanto, tanto, tanto... A filha dela engravidou com 13 anos. Eu tinha 18

DR: [pergunta qual prima, mas não dá para discernir as palavras]

PO: Uma地址. E ela tinha uma condição de vida, assim, mil vezes melhor. Eles tinham status, eles tinham status, eles tinham condições vida, eles tinham... Se consideravam uma família não de classe média, mas rica assim, que tinha.... Então, eu acho que essa coisa até vou um pouco naquele ditado popular, né? "Aqui se faz é que se paga". Elas tanto me julgaram, e a filha com 13 anos tendo toda e qualquer tipo de informação e sendo que todo mundo que falou de mim, do Dago, levaram cala a boca, porque as minhas primas que engravidaram primeiro não estão com os pais dos filhos dela. E eu e o Dago, a gente tá junto até hoje, assim. Então, a gente era um casal que a família não queria. Porém, foi, eu acho que, um dos únicos que sobrevive até hoje. Não só na questão da minha família em si, como na minha casa também. Tipo, o meu irmão já teve várias mulheres, a minha irmã já casou várias vezes, claro, agora está há um tempo com esse atual marido dela, né? E o meu outro irmão, assim, passou para por um bocado para daí chegar na Suelen. Mas e eu, né, que era considerada "ah, que não tem cabeça não tem ideia", tô com meu marido até hoje.

Moradora do Contestado que passou do lado da casa dos dois: "Pega-te" [gíria manezinha, algo como "toma!"]

VM: Como o que vocês acham que aconteceu de vocês estarem juntos até hoje e esses outros casais que você citou não estarem mais? O que você acha disso aqui?

DR: E agora? A Pat pode até responder por eles, porque eu não conheço... Quer dizer, conheço umas primas da Pat, mas não sei, porque não convivi com a irmã dela. Só com a maninha mesmo. Mas nós [ele e a Patricia], nós convivemos, a gente se ama, essas coisas tudo.

Moradora do Contestado que passou do lado da casa dos dois: É o amor, né? Existe amor de verdade, né? E os outros eram paixão.

DR: E aí eu não... agora eu não posso falar pelos outros, não sei dizer. Você pode dizer, se tiver essa diferença, pode falar melhor, que ela convive, que é a família dela que pode estar falando.

PO: Ah, mas não só na minha família como na tua, né?

DR: Não, mas na minha, no caso...

PO: A tua irmã.

DR: A Tati casou uma vez só com a Adriane e...

PO: E depois casou de novo, descasou.

DR: A Tati casou, descasou, mas a Taty é maluca também, não sei, também porque ela faz isso. Não sei dizer

PO: [Começa a gargalhar] O Cacá.

DR: O Cacá, também, casou e descansou. Casou com a Erika, teve filho e agora ele tá com a Gabi. Não sei dizer por que [por que ele e a Patricia estão juntos] por eles eu não sei dizer.

PO: Eu não sei, é aquilo que eu te falei, assim, não que a gente seja de uma época tão distante.

DR: Não, porque a época deles também.

PO: Só que, assim, a educação que a minha mãe me deu, assim, não que eu tenha levado a risca, mas eu acho que são princípios, assim, né? Eu não penso, se um dia que são princípios, assim, né? Eu não penso, se um dia eu e o Dago chegassem a se separar, eu não penso em ter um outro relacionamento, assim. Não vou dizer que eu não vou ter mais ninguém na minha vida, mas dentro da minha casa, com meus filhos...

DR: Eu também não me caso mais.

PO: Eu não me vejo assim, sabe?

DR: Já sou vô, já estamos juntos, já.

VM: Tem tudo então enfim, sofreu o relacionamento teve uma pressão no início então, quando vocês acham que ter tido filho foi algo que fez as coisas avançarem em direção ao casamento ou as duas coisas correram paralelamente?

DR: Eu e a Pat sempre nos damos bem.

PO: Eu acho assim, que se a gente não tivesse ficado naquele momento, a gente não ia estar mais junto. Porque existia uma pressão muito grande da minha mãe, da família dele.

DR: Mas se você não engravidasse, tu diz? Não.

PO: Não. Não, eu estou falando depois que eu tive a Steffanie, assim. Porque a intenção da minha mãe era pra me mandar pra fora daqui, né? Então eu acho que naquele momento, se a gente não... Tipo, eu acho que a gente teve que amadurecer muito rápido esse... esse conceito de, "ah, uma família, hoje vocês têm uma família e vocês têm que lutar para manter ela". Eu

lembro que na época eu trabalhava num negócio de frutas secas, eu trabalhava de dia para a gente pagar o hotel para a gente dormir à noite.

DR: E eu tava no calzone. Eu já tava no calzone ou na padaria? Não, no calzone. Na padaria, eu voltei depois.

PO: Então, foi um instinto de sobrevivência e de aprendizado também, né? Porque a gente aprendeu a valorizar. Então, eu digo que a nossa vida sempre foi bem difícil. A gente batalhou bastante para manter unida eu, ele e as crianças. Eu lembro que quando saía do negócio da fruta a gente já tinha que sair procurando um hotel para ver se tinha vaga pra gente dormir com a Steffanie. Para sair um pouco do julgamento dos familiares, daquelas coisas assim... Até que um dia o pai dele chegou, foi lá e conversou com a mãe dele e disse: “do jeito que ele está não dá mais, rolando de um lado para o outro com uma criança”. Então, a gente foi morar no porão, no porão da casa da mãe dele. A gente foi morar no porão, no porão da casa da mãe dele. Foi. Não vou dizer que foi um início fácil, mas eu posso dizer que aquilo aí serviu para a gente valorizar cada momento que a gente passou, cada estágio e etapa da nossa vida, né? Eu lembro que o Dago trabalhava no Calzone, e lá onde a mãe dele morava naquela época tinha aquele conflito, né? De um morro contra o outro, essas coisas de guerra. E houve algumas situações ali naquele momento que aconteceram, que fizeram com que a gente saísse dali, né? Até pela segurança dele, minha, das crianças. Mas dizer que depois que a gente foi morar no porão, que a família dele, que a minha família viu, que era aquilo ali que a gente queria, que a gente não ia abrir mão, aí eles começaram a se aproximar, tanto a minha mãe quanto a família dele, assim, começou a ir em casa, começou a dar mais esse ar de família. Mas é assim que a gente já passou por bons bocados.

VM: Daí vocês saíram do porão da casa da mãe dele aí...

PO: A gente foi morar na casa de praia da minha mãe.

VM: Aí vocês foram morar na casa de praia...

DR: Lá na praia de fora, bem longe. Onde a Patricia morava.

VM: Aham. Boto fé. E daí vocês passaram quanto tempo lá? Vocês moravam direto ou até...

DR: Não, nós não moramos muito tempo na praia de fora.

PO: Acho que a gente morou uns 5, 6 anos.

DR: E eu acho que foi uns 5 anos. Pra 5, para seis.

VM: Isso entre... que anos? Entre os noventa e...

DR: Entre o ano dois mil... Entre o ano dois mil... Porque eu ganhei a Ketlin em dois mil e cinco.

DR: É, então.

PO: Foi em torno de uns quatro anos.

DR: Isso, a Ket nasceu em dois mil e cinco aqui. Foi cinco anos, né?

PO: Quatro para cinco anos.

DR: É. Então, é, falando de 99 para 2000, ele foi, tá certo, pô? Que, na verdade, a Bia nasceu em Floripa, né?

PO: Não, a Bia já nasceu ali.

DR: Em São José?

PO: Em São José.

DR: Então, nós já morávamos... Então nós já moramos na Palhoça.

PO: O Brayann, eu só tinha o Brayan, eu já tinha o Brayan e a Steffanie quando a gente morava no Morro. Aí a Bia nasceu no Regional, a gente morava na Palhoça.

DR: A gente não morava na Palhoça, já? Então tá certo, então tá certo. Nós fomos em... em dois dias praticamente. Porque já tinha o Bryan no porão. Nós fomos no ano de 2000. 2000, 2001, coisa assim.

VM: É, porque vocês saíram da casa da mãe da Pat, da casa de praia?

PO: Porque ela vendeu. Ela vendeu lá e daí ela comprou aqui nos Zanelato, onde a gente veio pra cá em 2005.

DR: Então a gente saiu do morro, do morro fomos pra Praia de Fora, passamos esse tempo todo, e pra praia de fora foi o ano que a gente chegou na serraria. Porque aí a gente morava sempre com a mãe na pátria do carro.

PO: A Ketlin já nasceu aqui.

DR: A Ketlin nasce na Serraria aqui.

VM: Então vocês estavam em coabitação com a...

PO: Não, na verdade a minha mãe tinha outros lugares, né?

DR: Ela tinha.

PO: Mas daí a gente morava de favor, né?

DR: A casa da praia lá ficava vazia. E aí no caso, quando tem aquelas guerras lá no morro, aí a gente foi pra lá, o irmão dela falou que tava [INAUDÍVEL]. E a casa ficava vazia, porque ficava a outra irmã da Patrícia também que vivia mais fora, mais velha, trabalhava assim. Ficava mais fora, ia mais no final de semana, porque o ônibus era muito ruim lá, né, Mi? É longe, né? Então imagina trabalhar fora e todo dia ir e voltar. Então aí a casa tava lá vazia e nós fomos para lá. E eles já tinham tudo, eles já estavam todos já acertados assim na família e nós ficamos lá. Eu gostei de morar lá, no começo eu achei meio, fiquei até um pouco triste, não achei bom assim, mas depois eu me acostumei assim.

VM: Aí, vocês chegaram aqui e moravam com a mãe da Paty. Como era esse imóvel?

DR: Uma casa.

VM: Uma casa?

DR: Existe até outra casa. E como a Paty soube da mãe dela, ela quase não parava muito ali também. Naquela época eu dormia muito pro sítio. Muito pro sítio, ela gostava mais de sítio, né? Tinha até as condições melhores de saúde. Sempre como a Pat falou, ela gostava sempre de plantar. Até hoje ela se deixava fazer as coisinhas. Mas então, como ela gostava muito de plantar a casa também, a gente morava ali. Então a gente ficava, mais a gente e as crianças, assim. Era bem final de semana, a gente sumia um mês, né, Paty? Um mês, assim...

VM: E daí rolou aquele negócio em 2012 que teve que o Dário Berger prometeu o terreno pras pessoas...

PO: Eu tinha acabado de ganhar a Emyllin Sofia tava de resgarde.

DR: Aí tem duas versões, a Pat vai contar a história dela e eu conto a minha. No dia que ocupou a primeira vez...

PO: Eu lembro que no dia eu fiquei sabendo com a Daniela, né? Era uma vizinha minha, ela passou e falou pra minha mãe assim, ó: "Dona Eny, vamos lá pegar um terreno, porque eles estão dando o terreno". Aí eu lembro que chegamos lá, já estava tudo cercado, daí foi falado no comício, tudo que o prefeito deu. Então era quem mais podia. Então já tinha muito espaço, né? Minha mãe chegou e me apresentou e falou, "ó, minha filha acabou de ganhar neném, queria um pedacinho de terreno pra ela, não sei o que". Aí eu... Eles deixaram o quadrado assim e a gente colocou uma barraca lá em cima. Aí nisso, quando a gente estava vindo pra casa, aí tinha um monte de... do lado do postinho policial já tinha um monte de barraca, um

monte de coisa. Aí a gente começou separar o lugar ali e começou meio que construir botar uma telha, levar umas lonas e fazer um acampamento mesmo assim.

DR: Um acampamento ali. Altos terreno.

PO: E aí, quando aconteceu, despejaram todo mundo. Eu lembro que eu tinha ido no posto, né? Que era a primeira consulta da Emily. Aí, quando eu voltei, a polícia... já estava toda aquela força policial, não deu tempo de tirar nada, assim. Tudo que a gente tinha lá, a gente perdeu.

DR: Eu, assim, nessa parte eu não participei, eu estava no serviço, mas eu lembro no dia do terreno que foi dado ali, que eu pude pegar, quem me falou foi o Anderson, que eu já conhecia o Anderson.

PO: No ginásio, né? No ginásio, ele falou quando estava no ginásio.

DR: Não, não, não. O Anderson me falou do terreno, que eu te liguei ainda. Tu falou, "não, não, eu já peguei o terreno". Tu falou. E eu conheci Anderson, que a gente trabalhava na mesma empresa. E ele chegou todo sujo de barro na empresa. Eu falei, que cara, por que tu é todo sujo de barro? Ele era motorista, eu trabalhava de segurança. Aí ele, "cara, tu sabe lá lá tem um lugar que estão dando terreno, não sei o que cara, liga pra tua mulher e manda ela lá pegar o terreno" eu digo, "pá, como é que eu vou fazer pra ligar pra Patrícia cara, eu digo, onde é que é isso?", [alguém falou] "olha, tá o lugar, tá o lugar", ele [o Anderson]: "tá, vão lá descarregar as coisas rapidinho". Eu liguei pra Pat. Aí tu falou, não foi no ginásio, aí tu falou "não, não te preocupação porque eu já peguei". Eu falei "Cara, que bom, que ela já pegou". Aí trocamos uma ideia rapidinho. Aí fiquei no trampo "porra, a Paty já pegou o terreno". Quando eu cheguei teve isso, que você já estava cercando aqui na frente de novo", eu falei "tá, mas o terreno não é mais lá embaixo?", [ao que a Patricia respondeu] "não, mas vamos pegar mais um pedaço aqui pra frente", lá já está um bocadinho de gente nós. Nós já temos um pedaço lá [na frente], então nós tínhamos lá, dois? [olha para a Patricia] Dois pedaços, um lá e outro aqui na frente.

PO: Mas é como a gente falou, a gente ia ver qual que daria certo, porque a gente não tinha certeza que aquele lado...

DR: E nós botamos bem no lado do policial, do postinho policial. O policial olhou pra nós e olhou "eh, isso aí não vai durar, vocês podem fazer bagunça aí, mas você sabe isso aí não vai durar, né?" Nós: "Não, o prefeito pá..." [O policial respondeu] "não, não, isso aí não vai durar, isso aí não vai durar, cara, mas vocês podem ficar aí". Porra, aí levamos panela e tudo. Aí depois... Aí, é que eu não me lembro bem, a gente ficou quanto tempo ali mais ou menos? Uma semana?

PO: Uma semana, acho...

DR: Aí, quando eu estava no serviço, eu lembro que lá já teve o babado que a polícia quebrou tudo. Lá no trampo chegou essa notícia.

PO: Eu lembro que quando eu cheguei a força policial já estava muito grande.

DR: Então eu não ouvi isso.

PO: Ele já estava falando que ia dar uma hora. Mas quando ele estava falando lá embaixo que ia dar uma hora, tudo que a gente tinha feito do lado de cá já tinha sido tudo destruído.

DR: É aqui no primeiro. Já tinha destruído tudo. O pessoal falou. Eu vi todo o vídeo depois. Eu não peguei esse enfrentamento.

PO: Foi filmado muito o lado de lá, mas o lado de cá também tinha muito.

DR: Muita que fazia curva ali. Sabe a construção que a gente está falando ali [inaudível]? Ele fazia...

PO: E depois a gente ficou sabendo que a liminar de despejo era só para o terreno particular. Aí onde a gente estava, do lado de cá, não tinha.

DR: Não tinha.

PO: Por isso que eles tiraram antes ali e depois foram para lá.

VM: E aí veio o ginásio.

DR: É aí que a Pat nessa parte pode explicar melhor.

PO:É. Aí eu sei que foi feita uma assembleia, foi para lá e foi conseguido o ginásio. Aí o Dago "ai eu não vou".

DR: Eu disse.

PO: Eu disse "não, eu vou". Era eu, a Emilyn, e às vezes as crianças iam pra lá também. Mas aí o que eu fazia? Eu peguei um colchão, botei lá em cima o carrinho, daí todo dia de manhã eu ia em casa, lá na minha mãe, fazia uma garrafa de café, fazia um sanduíche ou bolo e voltava para o ginásio ali. Eu fiquei ali. Os 20 e poucos dias eu fiquei ali.

DR: Eu estava no serviço, na época não tinha WhatsApp, mas a gente já tinha o celularzinho. Eu lembro que a minha mãe ligou. "Tais onde?", eu disse "Tô trabalhando, estou na hora do almoço". [a mãe respondeu] "Compre um jornal!". [Dagoberto perguntou] "Comprar um jornal?", "É!". Aquele, tinha um jornal chamado Hora. Baratinho, era centavos.

VM: Eu lembro do Hora

DR: [Continuando o diálogo com a mãe dele] "Compre o jornal, agora!", "sim, vou comprar!", "olha lá, o meu neto! morando no ginásio!" "é? num ginásio?", "Calma, deixa eu comprar o jornal para ver". Comprou um Jornal para ver. Aí eu olhei para o jornal, estava a foto assim - e era uma foto grandinha: o Brayan deitado no colchão. O Brayan devia ter o que? A idade de Miguelzinho? Um pouco mais velho. Deitado no colchão, sem camisa. E o cara tirou a foto do Brayan, cara. E fez lá a matéria do povo no ginásio. Minha mãe queria me matar. "Meu Deus, mas que isso, vocês estão malucos, vocês estão com essa gente? Os sem-terra, mimimi blablabla". Aí eu digo, "meu Deus, mãe...". Aí eu já ligo para a Pat: "Porra, que o Brayan..." Aí vinha a parte da discutir. "Porra, como é que eu vou deixar entrar a foto do Brayan aí? Meu filho no jornal".

PO: Ai, só que eu não queria saber. Eu disse, eu não quero nem saber da sua família, eu vou ficar aqui.

DR: Mas não pediram pra Pat pra tirar a foto do Brayan. Pô, aí tiraram a foto do Brayan, meu, minha mãe me incomodou. Eu incomodei a Pat, mas a Pat não desistiu. E aí eu não ia no ginásio, no caso. Eu ia lá assim, à noite, quando ficava pra ver a Pat, pra ver a Emyllin, ficava um pouco lá com ela, um pouco lá. E vinha e dormia lá na dormeira.

PO: Bem raramente, ia bem raramente mesmo. Bem raro. Bem raro. E aí a prioridade ficava a Pathy e a Emyllin lá. As outras crianças ficavam comigo.

VM: E daí no ginásio começaram a discutir sobre ocupar o terreno aqui, né?

PO: Isso.

DR: Sim, mas não... eu ia pouco, mas a parte também havia lá, mas quando começou a discutir o terreno aqui, eu lembro que discutia o terreno aqui, mas ninguém sabia que era aqui. Então se discutia só o terreno.

VM: Poucas pessoas sabiam do que era.

DR: Tinha isso, né? Que aí no caso já tinha, como é que a gente vai dizer, já tinha lá o pessoal que organizava, eu via, né, mas era o Jo, o Capivari, tinha aquele pessoal da Bandeira Negra, tinha aquela turma, era uma turma, o pessoal do MST, tinha uma galera ali, né, que torna mais eles e alguns, três, quatro moradores. E nessa época eu e a Pat assim nem éramos muito envolvidas.

PO: E assim pra gente que dormia direto no ginásio, né? A gente via as pessoas que ficavam realmente lá e quem ficava de dia, saía à noite. E eu lembro que teve uma noite que eu cheguei pro Dago e eu disse, Dago, vai acontecer alguma coisa porque o ginásio lotou. Tipo, muita gente foi dormir naquela noite lá no ginásio. Tanto é que aquele dia foi o dia que a

gente fez a ocupação, assim. Aí quando eu tava vindo, eu liguei pro Dago, eu disse pro Dago, "Dago, vai acontecer". Aí ele pegou o prego e o martelo. Eu vim com um carrinho de bebê, andando, eu, a Emyllin e a minha mãe. Aí eu sei que quando a gente chegou aqui, ligamos pro Dago, mas quando ele veio já não conseguiu mais...

DR: Não, eu fui até o ginásio, fiquei ajudando lá naquela senhorinha

PO: Ah, tia [INAUDÍVEL]

DR: Botava as coisas dentro do carro, as comidas, ficava ajudando ajudando, e aí o carro veio cheio, e aí eu não conseguia vir no carro. E eles tinham que vir muito rápido. Aí eu disse, "não, beleza, eu vou de pé", mas as nossas coisas já estavam aqui. E quando eu cheguei aqui, o policial não deixou eu entrar. Ele falou, "se tu quiser pegar terreno só no outro dia, cara." Eu digo, "não, só vou levar minhas coisas aí". "Não, não, só no outro dia de manhã. Hoje não vai entrar mais ninguém". Aí eu não vou conseguir entrar

VM: Ocupar um terreno é entrar em conflito, vamos dizer assim, social, fundiário. É uma decisão que em algum momento, tem uma linha ali que em algum momento vocês devem ter cruzado. Tipo, como é que eu vou explicar? Quando a gente pensa em ocupações, falam das "invasões", falam dos movimentos sociais, em outras entrevistas vocês já falaram que tinham uma visão antes e uma visão depois. Quando é que isso acontece?

PO: Mi, eu só preciso sair rapidinho mas já volto, que o preto vai ali depois eu peço para ele pegar a Emyllin.

DR: posso responder essa parte para mim e depois outra hora, tu...

PO: Não, eu já respondo eu só vou e volto. Pode ser, Mi? É bem rápido.

DR: Se achar que eu posso responder, eu vou responder. Depois a gente dá uma parada e espera. Eu tinha uma visão diferente. Eu acho que eu entendi a pergunta. Eu tinha uma visão, como falei anteriormente aqui, como é que a gente, dei de pequeno, sempre fui ligado em ver televisão, sempre gostei mesmo de criança, sempre tinha uma atençãozinha pelo jornal. Sempre dava uma olhadinha, sempre gostei de prestar atenção nas notícias. Então a gente já via aquele negócio, "ah, o MST" que é o "famosão", então o cara sempre achava esse "povo que invade os terrenos". Então eu estava dizendo, pô, eu falava desse povo, "eu não acredito que eu tenha invadido o terreno". E no começo, a gente, a Pat, tivemos um embate, mas assim, de falar: "Pat, aí eu não apoio esse negócio de eu invadir o terreno dos outros, não sei, cara, vamos lá, fica aí pela tua mãe mesmo, terreno aqui dela é grande, sabe, a gente constrói um barraco". Aí a Pat foi mais incisiva "vamos acreditar, vamos, vai dar certo, não sei o que". Falei, não, "cara, mais essa turma aí, cara, um monte de maluco, coisa e tal aí". Essa era a visão que eu tinha, né? Que a gente não conhecia realmente os movimentos sociais. Eu não, né, particularmente. Eu acredito que a Pat também não. Então a gente conhecia mais o MST, tanto é que no ginásio, quando a gente fazia aquela assembleia lá, os movimentos sociais. Eu

não, né, particularmente. E o acredito que a Pat também não. É, então a gente se conhecia mais o MST, tanto é que no ginásio quando a gente fazia aquela assembleia lá, o pessoal se apresentava, um das Brigadas, outro da Bandeira Negra, e aí quando o cara se apresentava do MST, eu digo, "ô, eu conheço essa turma aí, eles ouviram falar", não tem como dizer que não ouviu falar. Então eu tinha essa visão assim de, "poxa, esse cara é meio louco". Então eu, no caso da Ocupa, eu fui botando fé aos pouquinho, assim. Então eu vinha muito, eu não deixava a Pati, eu trouxe a criança pra cá. Ficava mais ela e a Emyllin, pegar as fotos do começo, via muito a Pat e a Emyllin sozinha. Até porque eu estava em serviço, em serviço eu vinha aqui um pouquinho para ver como ela estava, mas eu não trazia muito as crianças, ficava meio cabreiro, "muita gente estranha". Então eu fui mais devagarinho até pegar confiança no negócio, e não, acho que vai. Mas a Pat foi mais incisiva. Depois quando ela entra aqui no terreno, aí a Pat começa mais... Aí a pessoa começa a dividir os núcleos e tal. Aí a Pat começa mais a entrar na jogada do movimento social. Começa mais a participar mais, né? Participar mais, onde que ela entra aí, né? Não [inaudível] das Brigadas, mas ela pega mais participação das brigadas, que era uma galera mais diferente, uma galera mais descolada, né? Não falava aquele jeito tão difícil, que era uma galera língua do povo, e aí ela foi falar o Jonathan, o Capivari, a turma que vinha aqui, então... a Pat foi sempre mais no começo, assim. No meu caso, eu era mais receoso, pessoal do movimento. Botava tudo no balaio.

VM: Boto fé.

DR: Botava tudo no balaio e aí, pra mim, tudo igual. Mas aí, depois, com o tempo, eu fui...

Entrevista 1, parte 3

VM: Em entrevista um, parte 3, voltando aqui a falar, eu estava falando que existe talvez uma linha, um momento que você decide que vai ocupar um terreno ou que vai participar do movimento social. Eu queria saber se você percebeu dessa forma as coisas ou se não teve um momento de decisão que você pensou "eu vou participar de uma ocupação, eu vou ocupar um terreno".

PO: Olha, assim, eu posso dizer que a vida da gente é um aprendizado, né? E a partir do momento que eu vi a possibilidade de mudar de vida, não ser submissa aos outros, tipo, morar de favor. Por mais que seja de família, eu sempre tive aquela questão, assim, "ah, casa é minha, é...", por tu ter crianças pequenas, teus filhos não poderiam brincar, fazer qualquer coisa, e sempre ter aquela cobrança, né? Então, quando eu vi essa oportunidade, eu agarrei com unhas e dentes. Eu sempre fui muito leiga nessa questão de invasão, ocupação. E depois eu fui conhecendo e fui me reconhecendo naquela luta. Então, tudo para mim era muito novo e eu fui ficando maravilhada, fui ficando, assim, muito feliz e contente por mais das dificuldades que a gente estava passando, as necessidades. Mas aquilo pra mim ali era um... era um sopro de vida, era uma coisa nova que estava surgindo. Eu estava me redescobindo, assim, né? Uma maneira de querer lutar, querer viver, querer coisas melhores. E aí eu parei de me conformar com aquelas coisas que me eram impostas, né? Aquelas coisas que me eram impostas, com aquele mundinho ali muito limitado. E aí eu comecei a ter sonhos mais altos,

eu comecei a acreditar mais no meu potencial, comecei a querer conhecer mais, acreditei mais em mim e fui conhecendo a realidade da vida, porque, às vezes, por mais dificuldades que a gente viva, por mais humilhações que a gente passe, por mais questionamentos, a gente sempre acha que aquilo tudo é muito natural muito normal, até a gente conhecer o outro lado da verdadeira realidade da vida. Saber que tudo aquilo que tu vivia era um faz de conta, hoje eu busco melhorias pra minha vida, pra vida da minha família, a vida dos meus filhos, para a vida das pessoas que estão em torno de mim. E procuro ajudar também aquelas pessoas que estão na mesma realidade que eu, ou precisando de algo semelhante. Então, em tudo e em qualquer lugar que eu vejo que há uma necessidade, se eu puder, ela está lá enfiada. E me faz muito bem isso, porque eu sei que vou estar lutando por uma coisa justa, por uma coisa digna, que eu vou estar passando um pouco da aprendizados também de situações que para a minha família eu não quero mais.

VM: Você foi com a Emyllin para cá, né? A Emyllin era recém-nascida.

PO: É, o primeiro mês, primeiro um, dois meses, o primeiro mês principalmente eu fiquei sozinha com a Emyllin aqui dentro da barra, só eu e ela. Firme e forte, ele não desistia, era 40 graus ali embaixo.

VM: Mas qual era a motivação? Por que assim, eu imagino que pra aguentar esse sol, essas condições precárias do começo de ocupação, precise de uma motivação muito forte. O que tu pensava na época que te motivava a fazer isso?

PO: Eu queria conquistar minha casa, queria arrumar um canto para poder trazer minha família. Uma coisa que fosse assim, meu, eu consegui, eu corri atrás, não precisei ficar me humilhando para ninguém. Está certo, porque aqui é uma luta, aqui é tudo muito incerto.

DR: Diária, né?

PO: Aqui é tudo muito incerto, assim, muito... Muitas vezes a gente é pego de surpresa, mas hoje eu posso dizer que eu estou dentro de um barraquinho que a gente conseguiu construir da nossa maneira, aos trancos e barrancos, mas é nosso.

DR: No final do dia, dorme numa cama que é minha.

PO: Claro que a gente tem essa situação da reintegração de posse, mas a gente tem a certeza que daqui a gente vai para um lugar melhor. E se não for, a gente ocupa outro lugar e vai buscar isso.

VM: Como que essa coisa de ser um casal militante afetou o relacionamento de vocês? Era diferente quando vocês não eram pessoas que estavam em movimento social?

DR: Era, né?

PO: Era um pouco.

DR: Era um pouco.

PO: Na verdade, eu acho que, de certa forma, uniu mais. Uniu mais.

DR: Afastou, não. A gente debate mais.

PO: Mas a gente tem mais questionamento um do outro. Nem sempre a maneira de pensar é a mesma. Não é.

VM: Vocês poderiam [já dizer explicar, mas eles seguiram falando]...

DR: A gente pensa a mesma... A gente tem o mesmo caminho, a gente tem o mesmo objetivo, mas visão diferente às vezes.

PO: É tipo, ele é mais radical. Eu já gosto das coisas mais ali...

VM: Vocês podem dar um exemplo de alguma situação que rolou isso?

PO: Ó, digamos, existe um problema ali. Tipo, ele vai, argumenta, aí, se incomoda demais, ele já liga o botãozinho e diz, foda-se, dane-se, "Eu não quero saber". Eu já não, eu já procuro...

DR: A Pat já tenta ir e resolver até o fim. É, por exemplo. Vamos dar um exemplo aí. Pô, ó. Dois vizinhos estão brigando por causa de um cano d'água. Vamos lá, aí, se eu for ali resolver, pô, dá uma pá, beleza, vamos aqui, tenta aqui, vamos fazer isso aqui. Aí eles começam, e eles começam a dizer, "não, mas não dá, porque esse pedaço é meu, esse pedaço aqui é o deles". E eu dou, "ó, cara, vamos aqui", mas não dá, não dá, então, "ó, eu não quero nem saber, que eu estou cansado disso", e dou as costas, a Pat já vai ali, ela tenta arrumar a solução, ela consegue, rapaz, igual a mágica, então, nessa parte, a Pat, é, a Pat tem um pouco mais de paciência, talvez. Eu já fui mais paciente com isso.

VM: Chegando agora no final eu queria perguntar qual é o momento atual de vocês na ocupação depois desses 12 anos?

PO: em que sentido?

VM: Bom, eu queria primeiro saber como o Contestado mudou nesses 12 anos. O que vocês percebem que do começo da ocupação tinha que hoje é diferente. Primeiro isso, como a ocupação mudou nesses 12 anos, e depois qual é o momento atual de vocês, o que vocês estão esperando para os próximos anos da vida de vocês?

DR: Cara, assim, ó. Antigamente, eu tinha um questionamento sobre essa coisa de mudança. Depois que eu convidei o Sr. Orlando, o grande Sr. Orlando, lá de Minas. Cara, tinha que

mudar, não tem jeito, né? A ocupação não vai ser a mesma do começo até agora, são 12 anos. E é inevitável, tem que mudar. As pessoas mudam, as coisas mudam, antigamente tinha mais reunião, tinha mais assembleia. Mas com o tempo, com o passar dos tempos dos anos, isso vai diminuindo. E não é culpa nem da própria militância nossa, jeito de militar, é que, na verdade, o que acontece? O povo vai se acomodando. Imagina, 12 anos num lugar e 12 anos provindo que, "ano que vem, a gente sai", "não, acho que o ano que vem vai dar". Então, tu imagina isso em 12 anos seguidos. Então é claro que o povo em si vai dar uma relaxada. Não tem como não relaxar. Então eu acho que teve essas mudanças. Tinha mais reunião, tinha mais... Tinha mais... Como vou dizer? O povo era até mais unido. Cara, se hoje acontece dizer que o despejo é amanhã, meu Deus, isso aqui... Quem mais pode, vai ajudar o outro. Dizer, ó, "vão nos despejar nós amanhã". Com certeza o povo se une, se une e vai enfrentar. Mas antigamente era mais, tinha muito mais coisa. Sabe? Então, acho que foi essa a maior parte da mudança que eu vi, né? Pessoas mudam também muitos entraram, muitos saíram, muitos se foram, então essa é a mudança da ocupação. O lado político também, que hoje a gente vê, a organização que a gente faz parte hoje, ela cresce junto, a ocupação cresce, ela vai crescendo junto. Então a gente nota que não é só a ocupação em si, a ocupação também vai para fora, ela cresce junto. Então mudou assim, e eu vejo que em relação a ocupação para fora em si, o Contestado cresceu muito, ficou muito conhecido, e eu acho que de todas as ocupações ela ainda é referência. Fora, né? Dentro é outra coisa, mas fora, eu vejo como um lado positivo esse crescimento e pra finalizar, eu vejo assim o futuro uma coisa que mudou bastante foi ter... essa liderança que a Pat tem, que automaticamente acontece... Acontece, acontece o militante vai embora, o Jonathan, tem um pouco essa liderança que cai, sobe a Patricia e o povo acolhe a Patricia e fica isso. É isso teve o lado bom pela militância até para ajudar a própria organização, mas teve um lado que é um lado que na minha visão me cansou mais. Que é um lado que a gente vê que às vezes não tem um sossego, que é sempre, sempre bater na tua porta. E é isso, aí tu não pode dar as costas por esse lado, da própria militância, da onde a Pat chegou hoje, que é a própria militância, dentro da própria organização. Então tem e o pró e o contra nessa parte aí. Então, essa foi a questão da ocupação. Eu nunca imaginei que ia chegar a esse ponto de a Pat ser vista como a liderança política dentro da ocupação. Se me contassem no primeiro dia que foi ocupado, eu não estaria botaria fé nisso. E, assim, não adianta. Pegou e pegou e... Acho que a Pat só deixou liderança daqui. Se o dia não fosse embora daqui, eu acho que mesmo assim talvez o povo continue [a aceitar ela como liderança]. É isso que eu acho.

VM: O que tu acha, Pat?

PO: É, ao longo desses 12 anos é óbvio que a gente notou várias mudanças. No começo era muito aquela garra: "Vamos lutar, vamos reunir". Também eu acho que mais com medo do último despejo que teve, era mais fácil a mobilização. Hoje, é como o Dago falou, se vem uma liminar de despejo, se vem alguma coisa, o pessoal abraça e vamos caminhar juntos. Mas hoje eu sinto que é mais solto essa questão das assembleias, das reuniões, das mobilizações. Eu acho que a gente já foi mais atuante nessa questão de outros movimentos sociais. Antes o Contestado se fazia presente em todos os movimentos. Era a greve de transporte, a gente estava lá, da saúde, a gente estava lá.

DR: Do banco, bancário.

PO: Fechar os bancos. Tudo quanto é movimento social, a gente estava lá inserido, estava lá fortalecendo. Hoje já sinto muito solto, já sinto essa maior dificuldade assim, eu acho que é porque, de repente, teve muito rodízio de famílias também, né? E às vezes é difícil passar essa noção, assim, porque, às vezes, pras pessoas que não viveram toda essa história que a gente viveu, é difícil colocar na cabeça que, "ah, se não tem luta, não tem garantia de nada". Eles acham que... Tem pessoas, eu acho, que pensam que é tudo um mar de rosa, está tudo ganho, ninguém sabe mais o que. "Assim como está, está bom, não paga aluguel, não paga luz, não paga água". Se acomoda com certas situações. E onde isso eu não posso deixar a peteca cair, né? Eu acho que é onde que de repente eu me sobressaio, mas não por querer ser uma liderança, mas por acreditar que se a gente não estiver ali batendo, falando, argumentando, correndo, buscando, a gente deixa que as coisas caírem em uma situação que de repente a gente não possa mais recuperar, né? Então, claro, tem aquele momento que não tá bem, né? Que tu tá em casa, de repente que tu tá doente. Então, assim, como o Dago falou, assim, eu não tenho muito disso, "ah, hoje eu vou sentar aqui e vou almoçar tranquilamente".

DR: Por causa dela nem senta, às vezes ela fica naquele calor lá dentro e eu falo "vem cá, Patricia". Ela já não vem pra evitar, às vezes, assim, o povo só vir.

PO: Porque o pessoal direto me chamando, né? Às vezes por questões familiares, pessoais, por questões da comunidade. Às vezes tem um que botou o lixo na frente da minha casa. Então, tipo, se torna, assim, uma referência, tipo, pra ir resolvendo situações que, de certa forma, não caberia a mim, mas eles vêm em mim uma pessoa que tá ali, "ah, a Patrícia vai vir aqui e vai falar que isso tá errado", então, às vezes muitas pessoas esperam que eu faça isso, né? Eu chego lá e digo, não, aqui tá errado e aqui tá certo. "Não, aqui tem que fazer assim, não, aqui tem que fazer assado" acho que meu nome corre tanto às vezes que eu não estou nem sabendo, mas eu sempre procuro levar uma linha assim, uma linha política onde que a gente consiga não tomar partido de ninguém, né? Que a gente consiga ter uma relação minimamente produtiva, para que a gente possa chegar e dizer assim, "não, hoje a gente precisa disso, vamos se unir, vamos isso...". Tentando não deixar, como é que eu vou te dizer? Tentando não deixar o mal-estar. Isso não quer dizer que eu bata a palma e diga amém pra tudo, porque eu acho que eu sou aquela pessoa bem polêmica se eu não gosto eu vou lá eu brigo, eu puxo a orelha, eu falo, "tá errado". E quando eu vejo que é uma coisa que não pode acontecer, eu vou até o fim. E não deixo acontecer Não deixo porque eu sei se que aquilo ali se tornar rotineiro vai acabar com a nossa comunidade. Então a minha luta maior aqui dentro é fazer com que as pessoas tenham consciência, né? E saibam o que estão fazendo e pensem no coletivo, né? Porque muitas vezes a gente toma decisões que cabem só a nós, mas a gente não olha lá na frente, né? O que aquilo ali pode repercutir, quais as consequências daquele ato que eu estou fazendo. Às vezes até aqui em casa, assim, né? Tem muito aquela polêmica do som alto. E o Dago gosta daquele sonzinho alto, então é uma das coisas que eu falo: "gente, como é que eu vou cobrar que tu tá botando?". Aí ele sempre fala, "ah, tu quer me usar de exemplo?", eu digo, "não, regra para um, regra para todos". Aí, tipo, ele sempre solta aquela

pra mim, "é, eu não posso, mas lá eu tá tendo som alto, assim". Só que eu penso assim, a questão não é o som alto, sabe? A questão é que é a conjuntura que a gente tá, né? É a situação que a gente tá. E se aquilo, de certa forma, está prejudicando de alguma maneira, trazendo a polícia aqui pra dentro, né? Trazendo algumas coisas que não são legais, eu acho que não custa a gente colaborar um pouco, né? Mas... Como diz o ditado, ninguém falou que ia ser fácil, né? Assim dizia meu amigo Jonathan.

VM: Uma coisa que eu não perguntei que eu meio que esqueci que estava no meio das coisas aqui, é sobre, tipo, ser negro em Santa Catarina. A gente é o estado mais branco do país, um estado que tem muita ultimamente está tendo bastante problemas raciais. Se vocês notam que isso é uma coisa ao longo da vida, se é uma coisa que piorou recentemente, se vocês acham que tem alguma coisa diferente, por exemplo, ser negro em outras regiões do Brasil...

DR: Cara, vamos lá, cara vamos falar. Santa Catarina em si, não até o resto do Brasil, vamos lá. É maquiado, né? Não tem racismo, mas tem pra cacete. Santa Catarina tem pra caramba, né? Tem. É? É... só que é uma coisa maquiada, pô. Vai botar aí, o que tá em Santa Catarina, pô. Um estado que é governado por um governador fascista do cacete. É, vamos pegar, tu pega aí Floripa, Floripa a gente não tem, mas tem, tem, porque é tudo maquiado, Balneário, Blumenau, tá ligado? Tudo se tem. Só que eles maquiam muito, né? Eu vou dizer que geralmente, cara, não lembro a última vez que eu sofri um racismo assim, e agora, não lembro... Mas tu nota que a pessoa te olha de uma maneira diferente. Eu ando com muita gente, quando o cara vai tocar, eu vou tocar pra muita gente com dinheiro. Tu vem com a pessoa ali, além de ela só te tratar como músico, mas ela vê, já é negrão. Tu vai tocar numa festa que os únicos negros da festa eram nós tocando e garçom. Tu fica meio ruim assim, "porra, caramba, que loucura isso, né?". Tratado mal, mas que tu sente isso aí. Que loucura, então... É foda, a situação tem que ser para dar por ele em pé, né? Porque Floripa, Floripa, dizer que Floripa ou Santa Catarina não é [racista], é, o resto do Brasil... também o resto do Brasil também, né, só que não posso falar tanto dos outros estados, porque a gente como não convive em outros estados, a gente vê na TV. Tem aí, tem, Santa Catarina, a diferença dos outros é que a gente vê um pouco menos mortes, mas tem, tem, tem, nos "cantão" tem. Os caras querem maquiar, mas tem... Mas é difícil... Mas a gente tem que encarar! Tem que encarar. Entendeu? Tem que encarar, não pode... Eu penso assim, eu não deixo isso me abalar. Se o cara, um branco loiro, me chamar de macaco, não vou deixar isso me abalar. Não vou vir pra casa chorando. Mas ele... tem grande chance dele ficar no chão. Mas eu não vou vir pra casa chorando. Eu vou vir e falar, meu Deus, eu sou um pouco o coração de gelo nessa parada aí. Ou eu vou na delegacia, vamos foder com a vida dele, mas eu não vou deixar esse cara me abalar. Então eu trato racismo assim. O cara não vai me abalar, eu vou ter paciência com o filho. Ele não vai derrubar... A gente não pode deixar um cara desses nos abalar só com uma palavra. Então aí ele vai sofrer consequência, mas eu não deixo me abalar. Mas entendo as pessoas que ficam abaladas, as pessoas que se matam, as pessoas que têm vergonha da própria pele, de estar num lugar... Tipo, eu não tenho vergonha de estar num lugar assim, como eu falei, eu fiz as definições de povo, os caras só nós de negrão aqui. Mas, ei, então é aí mesmo que eu tenho que me impor, tenho que me impor, tenho que saber o que aqueles caras estão falando, tenho que saber o que aqueles caras estão falando. Tem que saber o que esses caras

estão falando. E hoje eu consigo debater com esses caras através da própria militância. Os caras pra me ganhar na ideia é difícil. Então, é isso que eu penso. Eu acho que nós negros temos que estar sempre na frente desses pessoal e saber debater com esses caras. E saber por que estão falando, para a gente não virar chacota.

VM: Pat, a gente comentou que você nasceu em Joinville, que falava alemão...

DR: Ah, deve ser foda lá, né?

VM: É, não sei se tem alguma diferença de lá pra cá...

PO: Eu lembro que, eu ouço a minha mãe falar, né? Que, tipo, eu chamava a mãe da minha madrinha, o pai da minha madrinha, que era alemão, de mãe branca e pai branco. E ele saía comigo na garupa de bicicleta e todo mundo via eu chamando ele de pai e tinha aquele espanto dos “alemão”, sabe? Mas era tipo os brancos com acolhem a pretinha ali. E eles me tratavam como se fosse uma filha. Deus o livre se alguém chegasse e falasse alguma coisa. Eu ouço muito da minha mãe dizer que eu era tratada assim, as condições que ela não tinha para me dar, eles tentavam suprir naquele momento que eu estava ali. E hoje em dia, eu, assim, como é que eu vou falar? Eu não sofri, assim, diretamente. Não sofro, assim. A gente sabe que tem muitas coisas que a gente nota, assim, que é tratado com diferença. Até mesmo por a gente morar aqui, né? Uma comunidade carente, assim, uma ocupação urbana. A gente sente certos tipos de preconceito. Mas hoje eu posso dizer que, direto ou indiretamente, devido à minha luta na ocupação, eu me tornei uma certa referência, então muita gente não me trata de maneira que possa me ofender, que sabe que eu vou conseguir revidar a altura. Eu acho que antigamente o tratamento era diferente... porque... eu ia... não sei se eu iria baixar a cabeça também, mas hoje eu tenho um tratamento em certos lugares que algumas pessoas são bem discriminadas, diferente. Porque, “pô, a Patrícia”, tipo, eu vejo diferença assim, ó, quando eu vou no posto de saúde e eu não tô com meu cartão do SUS Eu estou com meu cartão do SUS em mãos. Eles não deixam de me atender por isso. Mas eu conheço muita gente da comunidade que chega lá, se não tem cartão não é atendido. As minhas próprias filhas. Chegam, "mãe, vamos comigo, porque eu não tenho cartão".

DR: Eu!

PO: Então, às vezes eu paro e me pego pensando nessas questões, né? Tipo, às vezes acontece alguma coisa, como teve a questão da dona Margarete, né? Meu Deus, a mulher estava sendo comida viva por bichos dentro de casa e o posto se negando a atender, o Cepom se negando a atender. Pô, teve que a Patrícia ligar lá pro posto pra tentar resolver uma questão de um ser humano que estava no leito de morte já. ela estava nos últimos dias de vida e o pessoal não queria vir fazer um curativo. Poxa, é o que eu falei para ela, "gente, ela é um ser humano, eu não quero entender que vocês estão se negando a atender a ela". Aí as palavras que a pessoa me disse foram totalmente diferentes do que falaram para a família. Então, “ah, não vou atender, chama fulano”. Então, eu quando vou interferir em alguma coisa nessa questão, eu já vou pedindo solução. Cobrando solução. Não, eu quero solução. Eu não estou vindo aqui

dizer, "ah, por que..." Não, eu quero que vocês resolvam. Essa já é a minha postura hoje. Eu não chego muito como, "ah, coitadinha, não sei o quê". Eu já sou mais aquela pessoa que chega ali, "ah, ou acontece ou a gente vai resolver de outra forma". Então, né, às vezes pode acontecer, assim, essa coisa de discriminação, tipo, ah, tratamento diferenciado, mas, na grande maioria das vezes, por mais que eles queiram me xingar, que eles queiram fazer algo, eu acho que eles pensam duas vezes, assim. Eles sabem que eu não vou ser aquela pessoa que vai aturar tudo, assim, de uma forma pacífica. Pacífica que eu digo, tipo, deixar barato. Eu vou correr atrás e vou mostrar para eles que os meus direitos são os mesmos que o deles. Eles querem ou não.

VM: Boto fé, eu não lembro direito se esse casal que ajudou a te criar, eles eram da tua família ou não, eles eram...

PO: Não. Na verdade, a minha mãe encontrou a minha madrinha, me convidou e ela me levava pra casa dela, ela era solteira e eu era o bebê, acabei me tornando o bebê daquela família.

VM: Então, tipo, você chamava eles de mãe branca e pai branco.

PO: Isso.

VM: Foi assim, você percebeu, então, num ambiente mais ou menos doméstico que sua cor era diferente.

PO: Pequeninha, né?

VM: Aham. Não foi, tipo, em contato com o mundo exterior.

PO: É, foi uma coisa mais interna.

VM: Tá certo. Eu falo isso porque muitas vezes as pessoas descobrem que são negras em situações bem menos confortáveis.

PO: Não que eu tinha consciência daquilo que eu estava fazendo. Tipo, "ah, por questão de cor". Mas eu não sei como se deu essa questão de pai branco, não branco. Não sei. Realmente não sei.

VM: Você era bastante nova, né? Mas... Acho que é isso. Acho que é isso por hoje, gente.

Entrevista 2, parte 1

VM: Entrevista 2, hoje é só com a Patrícia. Então, eu te perguntei de como foi a tua infância, eu queria conversar um pouco mais sobre as memórias assim, tipo, como é que era a escola,

como é que era a vida em Joinville e como foi vir de Joinville pra cá. Você poderia conversar um pouco?

PO: Eu lembro que na minha infância eu frequentei uma creche, que eu lembro que ficava perto da minha casa, assim. Mas eu tenho lembranças, assim, bem... bem, bem poucas, assim, as lembranças que eu tenho. E daí eu lembro que a gente morava na Benjamin Constant, aí eu lembro que a minha mãe e meu pai conseguiram comprar um terreno, dar entrada num terreno, e a gente se mudou para Vila Nova. Lá na Vila Nova eu comecei no primeiro ano. Eu lembro que a escola assim era meio distante da nossa casa, os meus irmãos que me levavam e eu me buscavam. Estudei o primeiro e o segundo ano.

VM: No fundamental.

PO: No fundamental. Depois meus pais se separaram e eu fiquei um tempo com meu pai, mas depois a minha mãe ganhou a guarda minha e da minha irmã. E meus dois irmãos ficaram com meu pai. Eu lembro que eu fui morar com ela, ela morava num sítio que fica em Garuva, Três Barras, próxima a Garuva ali, em Joinville. Eu estudei numa escolinha assim, que era aquela escola que era o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto ano, tudo na mesma classe. Eu lembro que eu estudei o terceiro ano lá. Eu lembro que o nome da minha professora, era Tereza. E daí a quarta-série. Eu acredito que a quarta série, também estudei lá, porque eu lembro que quando eu me mudei... Não, a quarta série eu já estudei aqui no Aracy Vaz Callado ali, no Jairo Callado aqui no Estreito. Aí minha mãe já tinha se mudado para cá quando eu fiz a quarta série do Ensino Fundamental. Eu já morava aqui. Ela se mudou para o Estreito, eu estudei naquela escola ali. eu não era aquela menina estudiosa assim, sabe? De pegar, ficar lendo, ficar, né? Mas na aula quando, eu prestava atenção, tudo que eu pegava assim era tudo na... quando a professora dava explicação, né? Eu me baseava por ali assim. eu lembro que antigamente eu tinha um pouco de dificuldade em matemática, eu tinha uma professora, o nome dela era Cecília, e ela dava aula particular, daí ela assim: “ó, vai na minha casa tal dia, tal dia, que eu vou te ensinar”, né? A tabuada, vou te ensinar. Eu lembro que ela me ensinou em forma de música, começou a dizer assim, “ó, presta atenção nas regras”, né? Que aquilo ali vai te ajudar, vai facilitar o teu aprendizado. Aquilo que ela fez comigo ficou na minha cabeça e parece que facilitou um pouco mais, né? As minhas aulas de matemática. Quando eu comecei no ginásio na quinta série a minha mãe se mudou pra Palhoça, estudei naquela escola ali da Neri Brasiliano Martins. Não sei se é esse o nome... Mas na escola ali da Praia de Fora. Aí eu lembro que eu fiz a quinta série, reprovei na quinta-série, mas é porque assim eu acho que eu era muito bagunceira, muito revoltada, sabe? E daí eu não prestava muita atenção. Aí cheguei a reprovar um ano, aí depois fui estudar lá em Paulo Lopes. Porque a minha mãe tinha um sítio, e ela não ia me deixar ali sozinha, e a gente foi pra lá. Ela não ia me deixar ali sozinha e a gente foi para lá. E dali eu estudei até, eu acho que é sétimo ano, sétima-série, eu acho. Depois disso, eu retornei para Palhoça, aí eu fiz o sétimo e o oitavo ano ali no Venceslau Bueno. Porém quando foi pra mim fazer a oitava-série eu parei, eu não concluí. Eu não concluí porque houve alguns problemas, daí eu fui cuidar de duas crianças e daí parei. não estudei mais que problemas assim, problemas Houve alguns problemas, daí eu fui cuidar de duas crianças. E daí parei, não estudei mais.

VM: Que problemas, assim, problemas financeiros?

PO: Não, na verdade... Quando chegou, na adolescência, e assim... eu gostava muito de sair, de fazer as coisas, e eu lembro que uma moça que morava no prédio da minha tia, tinha duas filhas, ela trabalhava na Comcap, e ela precisava de alguém pra olhar as meninas. Como eu tava sem fazer nada, aí morava na casa eu e meus irmãos, a minha mãe vinha raramente, né? No sítio. Eu peguei e eu lembro que eu fui cuidar delas. Aí passou um tempo, foi onde eu conheci o Dago daí a gente casou. Depois que eu já tive a Steffanie, o Brayán e a Beatriz... Não, eu tinha a Steffani, o Brayán e eu não lembro se tinha a Beatriz. Eu lembro que abri um EJA na escola perto da minha casa. Aí eu resolvi voltar a estudar. Aí eu fiz aquela aceleração, eu fiz novamente a quinto, sexto, sétimo e oitava-série, em um ano só. No caso, eu refiz todas aquelas matérias e daí eu lembro que eu consegui me formar no Ensino Fundamental. Teve uma extensão do colégio do ensino médio, que era na Enseada do Brito, porque na Praia de Fora é só de primeira à oitava-série, né? E daí eles fizeram uma extensão para a escola dali, o pessoal dali pôde continuar os estudos à noite. Aí eu continuei estudando, daí eu comecei a fazer o primeiro ano. Mas daí era normal, não era mais aquela aceleração, né, de antes, assim, que era um EJA, né? Eu comecei a estudar no Ensino Médio, mas aí aconteceu um episódio que eu sofri um acidente e não consegui concluir. eu sofri um acidente de carro, o carro capotou quando eu estava indo lá ver a minha mãe. Eu fui a única que me machuquei e daí estava eu, o Dago e o meu compadre, o padrinho da minha filha, da Steffanie. E daí eu sei que eu parei novamente de estudar.

VM: No ensino médio a gente está falando de que ano, mais ou menos?

PO: É, eu tenho o segundo incompleto.

VM: Ah, tá, tu tem o segundo incompleto. Ah, tá, mas essa época que tu tava fazendo o segundo grau, em que, tipo, em que data, assim, mais ou menos?

PO: Em torno de 2001. 2001, 2002... Não me recordo muito bem. Aí eu lembro que eu sofri um acidente daí eu fiquei três meses na cama, né? Porque o meu joelho deu fratura exposta e eu não podia dobrar. Então eu sei que parei com tudo, né?

VM: O acidente foi em 2000, 2001?

PO: É. O acidente... não. Muito. O acidente foi em 2004. 2004.

VM: Isso foi uma experiência traumática para ti, tipo, ficar assim?

PO: É, eu lembro que foi em novembro de 2004. Na verdade, eu fiquei, sim, com bloqueio, eu tinha... Antes eu até dirigi o carro da minha mãe ali em [inaudível]. Aí eu sei que fiquei um tempo sem querer dirigir, sem fazer... Tinha medo de andar com as pessoas dentro do carro também, né? Por questões assim de que, ah, na minha cabeça no carro podia acontecer, um

acidente novamente. E assim foi muito sofrimento pra mim, né? Em cima daquela cama lá foi horrível e é uma cena assim que não sai da minha cabeça, sabe? Quando o carro capotou assim, lembro que tinha, era muito devota de Nossa Senhora Aparecida. Lembro de falar o nome dela e fechar o olho. Aí eu vi, assim, um carro capotando, daí de repente parou. E eu... eu não queria abrir o olho, eu fiquei com medo. Aí abri o olho, eu vi o Dago falando, eu lembro que eles falaram, “ah, eu não tô conseguindo...”, porque o carro ficou de cabeça pra baixo, “ah, eu não tô conseguindo tirar o cinto”, o outro falando, ah, que o “vidro trincou, tô com medo de estourar no meu rosto”, eu lembro que eu ajudei eles a tirar o cinto. De repente me deu uma coisa assim meio ruim, eu falei pro Dago assim “Dago, me ajuda a sair daqui, porque se eu não sair agora eu não saio mais”. Mas até então não vi que eu tinha me machucado. Aí quando eu fui sair, eu já saí me arrastando, assim. Aí quando o Dago olha pra minha perna assim, ele bota a mão na cabeça e fala, “meu Deus do céu!”, tinha me dado uma fratura exposta. E eu sei que aquilo ali assim foi, olha, foi um dos piores dias da minha vida, porque quando eu cheguei no hospital, anestesia não pegava no osso, e tinha os cacos de vidro e tudo. Aí eu sei que foi horrível, assim. Então, era lá em Imbituba ainda que eu fiquei, um lugar onde a gente não conhecia ninguém, e estava só eu e o Dago, né? Mas foi muito horrível, assim. Foi muito ruim mesmo. Então foi uma experiência traumática na minha vida. Essa fase aí. De recuperação, de tudo, assim.

VM: Inclusive psicológica, né?

PO: É.

VM: Tá, entendo. Peço perdão, por fazer uma pergunta difícil. Fico muito feliz que você tenha colaborado em responder, porque realmente, imagino que teve uma coisa difícil de dividir. Em 2004, mais ou menos, tu abandonou o ensino médio, você e o Dago estavam morando...

PO: De favor na casa da minha mãe que ela tinha na praia de fora na Praia de Fora isso, mas daí ela até início de 2005.

VM: 2005 vocês vieram para o Zanellato.

PO: Isso, aí ela vendeu lá, comprou a casa aqui. E daí a gente veio morar para cá.

VM: Como tu soube do que o terreno estava ali disponível?

PO: Então, eu lembro que isso foi em 2012, né? Tinha acabado de ganhar o meu neném e eu estava de resguardo, eu estava em casa. Aí tinha uma vizinha, a Daniela, ela passou lá, chamou a minha mãe, convidou ela para ir lá, porque tinha um comício “isso e tudo aquilo”, ela falou para minha mãe, que nesse comício era pra pegar os terrenos lá, porque o prefeito ia dar. Então teve aquela coisa toda. Aí eu lembro que a minha mãe, como eu tava de resguardo, tinha ganhado o neném, a minha mãe foi lá, conseguiu um pedaço de terra, né? Um lote lá pra mim. A gente foi lá, montou uma barraca. Mas tinha um pessoal ocupando também aqui

próximo ao posto policial, né? Que fica perto da avenida também, mas mais próximo do Zanelato, Araucária. Eu sei que a gente foi lá e cercou. Chamou várias pessoas que a gente conhecia, que precisava, e começou a cercar assim. O meu terreno, um dos meus, que a gente estava separando ficava ali no lado da Polícia Militar, da sede da polícia.

VM: Que foi a história que o Dago contou do policial, não é?

PO: Isso, e lembro que como não eu tinha casa e morava de favor com a minha mãe, tinha pressa em construir alguma coisa. Então lembro que a gente começou a fazer uma estrutura e daí montando aquela estrutura toda, limpamos tudo que tinha, aquela estrutura toda, limpamos todo o quintal. E daí lembro que a gente fez meio que um acampamento ali, né? Aí a gente levou uns fogão e comecei a fazer comida ali. Aí eu lembro que a gente tinha feito uma feijoada, até no na noite assim, numa segunda feira à noite. A gente falou assim: “ah, vamos descansar, amanhã a gente vem e arruma tudo, né?”. Porque aí no outro dia minha filha tinha consulta era umas... de manhã cedo, lembro que quando...

VM: Qual filha?

PO: A Emyllin Sofia.

VM: Ah, tá, a Emyllin Sofia que acabou de nascer.

PO: Isso. Quando eu vim da consulta o meu irmão já tava: “ah tem uma força policial enorme vão derrubar todas as casas”. Eu me desesperei e fui correndo assim, sabe? Quando fui já não dava mais tempo porque ali minhas coisas a máquina já tinha destruído tudo. Não consegui recuperar nada, daí a gente foi lá do outro lado, né? E quando a gente chegou lá, que eu fui lá para pegar a barraca, as coisas o policial tava “naquela”, né? Ameaçando as famílias dizendo que a gente tava colocando as crianças em constrangimento, que eles iam acionar o conselho pra mim, né? Tipo, intimidando as famílias. A gente falava: “mas não vai dar tempo, uma hora é muito pouco”. “Muita gente tá trabalhando não vai conseguir chegar” e ele falou, “não, ordem é ordem, vai ter que ser cumprida não sei o quê”. Foi tentado fazer até um isolamento, mas não conseguimos e algumas pessoas se revoltaram, saíram correndo, “tacaram” fogo nas casas porque, né? Gerou uma revolta assim bem grande. Aí eu lembro que eu sentei no meio fio assim comecei a chorar e dizendo que eram pessoas de bem, que era família, que eles não precisavam fazer tudo aquilo ali, né? Para tirar aquelas famílias, porque ali ninguém tinha roubado, ninguém tinha ocupado. Simplesmente, um prefeito chegou prometeu uma coisa e iludiu as famílias e a gente estava naquela situação. E aí eu lembro que vi muitas mães, muitas crianças chorando assim. É uma cena assim, muito triste, mesmo, assim. Uma coisa assim que gerou uma tristeza muito grande, mas gerou uma revolta também. Foi onde a gente conheceu o pessoal que veio para ajudar aqui na época: era o Jonathan, Vitor, eu lembro de um pessoal dos bancários que tava, da Simara, eu lembro que eles estavam chamando o pessoal pra reunir na frente de uma igreja, né? Para ver como é que ia ficar a situação porque tinha muita gente. Quem tinha pra onde voltar voltou, mas tinha muita gente que não tinha o que fazer, entregou seus aluguéis, então não tinha pra onde voltar.

Eu lembro que teve aquela assembleia, né? Foi a primeira assembleia na vida que eu participei, que eles foram reuniram o pessoal, foram na prefeitura e a gente conseguiu o ginásio. E daí ali a gente ficava no ginásio uns vinte e oito dias e chegamos nesse terreno que a gente tá hoje. Eu digo que aquilo lá serviu, é pra mim como, uma escola, né? Ali eu acho que eu comecei a conhecer o verdadeiro sentido da vida, do trabalho. Da dignidade. Foi ali naquele momento mesmo, que a gente precisa sentir na pele as coisas pra gente ver que tá tudo errado, que as coisas precisam ser diferentes, que tudo tem que melhorar e pra melhorar a gente não pode cruzar os braços, a gente tem que correr atrás. Eu acho que ali começou a nascer uma nova Patrícia, assim.

VM: É, então, aquele foi um momento ao mesmo tempo traumático, mas gerou algo de positivo na tua opinião.

PO: Hoje eu digo que sim. Porque, hoje, eu não aceito menos do que acho justo. Tipo, hoje se alguém vir falar alguma coisa comigo, eu vou saber responder, eu vou saber me impor, eu vou saber defender os meus direitos. E antigamente, não, era submetida a qualquer coisa, que a gente tava tudo certo, né?

VM: Como é que foi esse período que ficou no ginásio? O que você ficava fazendo lá?

PO: É, no ginásio, eu lembro que a gente fazia algumas comissões. De limpeza, de ajudar na cozinha, lavar louça, né? Ajudar a picar os temperos. Eu tinha Emyllin, pequenininha. Eu ia de manhã na minha mãe, fazia um café, fazia alguns sanduíches, alguma coisa e deixava ali no cantinho. Levei um colchão tudo fiquei num cantinho. Aí durante o dia a gente se organizava, tinha comissão da limpeza, comissão de ajudar na cozinha ajudar servir as coisas, então, eu ficava sempre me envolvendo com alguma coisa de organização e pra sempre tá ali na na atividade. Eu lembro que a Emyllin assim era tipo um mascotinho, né? Ela vivia de colo em colo, pra eu poder ajudar a fazer as coisas, né?. As pessoas me ajudaram muito também a cuidar dela.

VM: Nesse momento, como é que foi emocionalmente esse período do ginásio? Assim, o que tu tava sentindo enquanto tava fazendo essas coisas?

PO: Olha, eu, por incrível que pareça eu me senti motivada assim... Queria correr atrás de um sonho que era ter um lugar para eu morar com meus filhos, com a minha família e e vi a dificuldade que toda aquelas famílias passavam, que a realidade não era uma coisa só minha. Eu vi que aquilo ali era algo muito maior, comecei a entender que a gente sozinho a gente não consegue nada, então se a gente se unisse, se a gente comesse a fazer as coisas de uma maneira organizada, a gente podia conquistar alguma coisa, a gente podia ser respeitada, ser vista de uma outra maneira.

VM: Na outra entrevista você comentou que você estava... que percebeu uma movimentação lá no ginásio. Como é que foi o período até ocupar aqui?

PO: Olha, no ginásio, eu não estava muito envolvida nesse negócio de coordenação, eu tava mais assim no esquema ali de ajudar na limpeza, ajudar a manter o ginásio mesmo. Porém, tinha muitas pessoas que vinham de dia, mas à noite elas não ficavam ali. Elas iam embora, então a gente que tava ali diariamente, dia e noite, a gente sabia de fato quem ficava e quem não ficava. Quem vinha e quem não vinha. Até mesmo porque era uma forma da gente se organizar, né? Aí teve esse dia que, assim, quando a gente viu muita gente dentro do ginásio. Havia muita gente dormindo ali dentro, então eu sabia que algo ia acontecer, porque eu lembro que a gente já tinha comprado as lonas, já tinha comprado as escoras e já tinha uma organização. A gente só não sabia o dia exato que a gente iria sair. Do ginásio para ir em busca de um terreno que pudesse comportar as famílias.

VM: Você falou em comissões... Quem tava organizando essas comissões?

PO: Olha eu lembro, bem raramente, que tinha pessoal das Brigadas, tinha algumas pessoas dos bancários que iam. Tinha, eu lembro, o movimento bandeira negra também tinha algumas pessoas. O MST ia, eu lembro do Domingos.

VM: Qual o nome inteiro do Domingos?

PO: Não lembro, não sei, eu conheço como “Domingos”, aí eu lembro ali que a família da tia Fia, ela ficava ajudando nessa organização ali, né? E algumas pessoas assim que hoje não estão mais aqui, na verdade, não conseguiram ficar muito tempo aqui na comunidade. Que era Nilza, Juliana, o Chapéu... Eu lembro da Duda, eu lembro da Mayra e eu lembro de algumas pessoas assim que estavam meio que ajudando, assim, de certa forma. É acho que era isso. Aí quando a gente ocupou aqui o terreno que foi montado os núcleos, que daí foi tendo as coordenações. Eu lembro que de início eu fiquei no núcleo Anita Garibaldi e eu fiquei como coordenadora do núcleo, ficou eu e a Mayra. E ali eu comecei me sobressair, comecei correr atrás, comecei querer aprender, entendeu? Ali eu fui conseguindo ter uma... não protagonismo, mas eu consegui ir avançando nos meus bloqueios, nas etapas, nas coisas. Até lembro que teve um certo momento que teve algumas pessoas ali do núcleo ali da Garibaldi a gente não tava se identificando muito, eu troquei pro núcleo Estrela-Guia que era o núcleo da Duda. E ali eu vi que a gente foi construindo mais ainda, a gente foi crescendo, a gente foi organizando e ajudando. Quando eu vi eu já estava totalmente envolvida naquele processo. Naquele processo das liminares de reintegração de posse, da organização dos núcleos, das cozinhas comunitárias. Então, eu já estava totalmente envolvida naquela organização e ali que foi se tornando a minha vida. Não me preocupava mais só com a minha família, comigo, a minha preocupação já era o coletivo. Então tudo que era pra ajudar o coletivo eu tava lá enfiada. Ia eu e a Emyllin pequenininha nas manifestações nos atos sempre tentando dar visibilidade para nossa luta.

VM: É, então, mas todo mundo que estava ali contigo, o pessoal estava ali pelo coletivo ou isso foi uma coisa que foi se desenvolvendo?

PO: É, foi aí que eu digo quando é... Tipo, começou de fato se organizar as famílias, né? E a gente começou ver realmente as pessoas que realmente precisavam e encararam. E muita gente é que tinham de ficar, na verdade, ou na casa de um parente ou até mesmo um aluguel. E tinha casas aqui, mas era meio que faz de conta, então a gente começou a se organizar e ver essas situações, porque a gente entendia que se tem casa aqui teria que morar, né? Não poderia ter um “barraco fantasma”. Isso aqui era uma ocupação que lutava por moradia, então a gente tinha um regime, a gente fez um regime interno. E a gente tentava seguir à risca aquelas regras. Então tudo que violava de certa forma, alguma regra daquelas, a gente ia a gente cobrava.

VM: Quem fez esse regime interno? Como é que ele foi...

PO: Foi todo coletivo, a gente fez uma assembleia e nessa assembleia a gente colocou tudo que a gente queria aqui pra dentro e tudo que a gente não queria.

VM: Esse regime, ele sofreu alterações com o tempo, né?

PO: Sim, na verdade, no começo, o pessoal levava mais a sério assim. Mas tem certo momento, que a gente teve que meio que recuar de algumas coisas. Que a gente não pôde levar tanto ali à risca, até mesmo porque lidar com pessoas, lidar com famílias é uma situação difícil, né? E nem sempre a gente consegue alcançar aquele objetivo maior, que é conscientizar aquela pessoa. Que o correto é fazer de uma maneira e que nem todo mundo pensa igual. A maioria das pessoas tem seu pensamento próprio. Então chegar e falar pra uma pessoa que “olha, a gente mora aqui, mas isso aqui não é nosso e depende da organização que a gente tiver aqui dentro, a gente pode ser despejado”, então tem muita gente que não achava que “ah, a gente já tá aqui e tá tudo bem”. E a gente sabe que não é assim, a gente sabe que, se a gente não tivesse ali nas manifestações, se a gente não tivesse organização, não desse a visibilidade, se a gente não lutasse pelo coletivo, nada daquilo seria possível.

VM: Você pode citar alguma regra deste regimento?

PO: Eu lembro que, no começo tinha uma regra, que a gente buscava dizer que cada pessoa que chegasse aqui, tinha que valorizar aquele espaço que ela tava. Então, tipo, a gente não aceitava vendas de casa, a gente não aceitava aluguel. Então é, a gente fazia uma lista de espera, aí sempre tinha um sorteio e quando essa pessoa entrava pra comunidade, ela tinha que refazer sua casa, participar das reuniões, aquilo ali era uma regra pra ela poder se manter aqui. É participar das reuniões, é ajudar o coletivo. Então tinha muito disso. As pessoas vinham da lista de espera, pras nossas Assembleias, pras nossas reuniões e quando vagava algum terreno, alguma coisa, que às vezes a pessoa desistia ou ela já tinha um lugar e não conseguia ficar aqui dentro... E a gente entendia, que as casas aqui tinham que ter famílias dentro. Aí a gente fazia esse sistema de pegar o pessoal da lista de espera, que vinha nas reuniões periodicamente, que participava da comunidade já do coletivo, e a gente chamava eles para fazer parte da comunidade.

VM: E qual era mesmo o critério para quando vocês flexibilizavam uma regra?

PO: Não entendi.

VM: Quando vocês flexibilizavam, o que que fazia vocês flexibilizar uma regra? Porque tem as regras do regimento, você mencionou que às vezes tinha que abrir mão delas... Por que que isso acontecia?

PO: É, na verdade, teve um momento que teve algumas trocas e a gente sentiu que tinha algumas coisas assim que estavam prejudicando o coletivo. De certa forma é como é que eu vou te dizer... Tudo tem seus prós e contras, né? Então tinha certas pessoas, que não entendiam a nossa luta como uma coisa justa, legal. Então elas trabalhavam pra que toda aquela nossa organização, todo aquele acompanhamento que a gente fazia, toda nossa luta fosse reduzida. Então pra gente não perder, não protagonismo, mas não perder a nossa causa aqui dentro, teve que ser um pouco mais flexível assim com essa questão assim das casas, né? Mas tinha muita coisa que a gente não abria mão assim, né? Tipo “ah, não, eu construí uma casa”. Tudo bem, você construiu, você tem direito às suas madeiras. Então, o que eu digo que a gente flexibilizou? A gente criou a possibilidade daquela pessoa negociar o que ela construiu em cima do terreno, que foi um gasto, que foi um gasto dela na verdade. De maneira justa, que não fosse prejudicar a pessoa que estava entrando. Porque a gente entendia, que se a pessoa estava entrando ali é porque ela não tinha recurso e estava passando por um momento difícil. Então, a gente tentava mediar essa com o antigo proprietário e com o novo proprietário, para que eles entrassem no consenso onde fosse bom para os dois. Então tinha que ter essa flexibilidade assim às vezes, né? E alguns atritos internos também, né? Infelizmente, quando a gente lida com família, as pessoas, imagina, colocar numa caixinha cento e poucas famílias, que não se conhecem, de repente tendo que conviver diariamente.

VM: É, você mencionou, as pessoas que estavam na organização das coisas. Ali no ginásio e, depois, da ocupação. Uma coisa que eu notei é que a maioria é mulher. Por que tu achas que isso se dá?

PO: Olha, isso é verdade. A gente costumava dizer que a ocupação Contestado era uma ocupação feita por mulheres, porque quem tomava linha de frente geralmente eram as mulheres. Às vezes os maridos estavam trabalhando ou fazendo qualquer outra coisa e a mulherada tava lá na luta, lá na guerra, lá na linha de frente, no confrontamento, assim. É, às vezes as pessoas achavam que a gente não seria capaz de fazer tudo aquilo, né? E a gente conseguiu provar que a gente era capaz de muito mais. Que a gente tinha esse objetivo de conquistar um local e a gente foi até o fim. A gente colocava uma coisa na cabeça e fazia de tudo pra que aquilo ali se concretizasse, então eu lembro que no dia que a gente ocupou aqui o contestado era mulherada fazendo seus barracos. E, tipo, uma ajudando a outra. Assim, ali se criou já esse espírito de coletividade, né? Que a gente sabia que a gente tinha que fazer o maior número de barracos possíveis e se a gente não se ajudasse não ia ser possível. Então foi muito louco, assim, foi muito... Mas foi bem importante. Porque nós éramos mulheres, éramos mães e se não existisse essa parceria, essa ajuda coletiva, tudo ia se tornar mais difícil.

VM: Você mencionou que geralmente os caras estavam trabalhando, mas as mulheres aqui do Contestado geralmente também fazem trabalho remunerado, né?

PO: Sim, eu lembro que na época que vim pra cá, estava de licença maternidade, né? Então, nesse período de 3 meses, porque minha filha estava com quarenta dias, um mês, dois meses, eu vim pra cá ia fazer dois meses quando a gente ocupou aqui. Eu lembro que eu tive, dois meses aqui correndo atrás das coisas fazendo sem ter essa grande preocupação de ter que ir pro trabalho voltar. Porém depois que passou a minha licença, tudo, tinha que voltar a trabalhar e foi onde que realmente descobri que a minha vida tinha mudado de uma maneira assim radical. Porque, se eu tinha uma luta tipo uma manifestação alguma coisa que fosse da comunidade pra fazer e tinha que ir pro trabalho, eu priorizava a comunidade, e entendia que se fosse trabalhar e deixasse de lado as coisas que tinha que fazer aqui, que eram importantes pro coletivo, que eram importantes para manter a gente aqui em cima... Poderia acontecer novamente tudo aquilo que já tinha acontecido lá atrás naquele despejo, onde muitas pessoas estavam trabalhando. E eu quero dizer assim que eu abracei, eu acreditei naquilo que eu tava fazendo de uma forma tão intensa que eu lembro que tinha meses, né, Dago? De eu pegar 200 reais no meu salário. Mas eu achava que aquilo era necessário. E realmente naquele momento foi muito necessário, foi muito foi muito importante aquela dedicação porque a gente fechava os olhos e quando a gente abria a gente tava com uma liminar de despejo batendo na porta. Então como é que tu trabalhas, como é que tu fica no ambiente de trabalho, sabendo que na tua casa estão os teus filhos, a tua família correndo risco de um despejo. É complicado assim porque... tu já sofreu um despejo.

VM: Sim, mas por que a direção da ocupação é toda mulherada.

PO: Eu não digo que fosse toda mulherada, mas oitenta por cento.

VM: Por que será?

PO: Eu acho que é porque a mulherada decidiu ter autonomia e tomar frente e mostrar que é capaz não precisa ser homem pra ti conseguir fazer alguma coisa, eu acho que as mulheres são muito capazes mesmo e quando elas querem, olha é difícil um homem para barrar.

VM: Tu se considera uma feminista?

PO: Olha, de certa forma, sim. Eu não aceito, na minha frente, eu jamais vou aceitar que um homem agrida uma mulher que diminua ela, que uma mulher sofra preconceito. Então eu acho que eu sou sim. Eu não aceito essas injustiças, essas coisas contra as mulheres. Eu acho uma covardia e graças a Deus eu tenho um parceiro que é uma pessoa que me entende e que não é uma pessoa violenta. Eu nunca sofri, assim é uma violência dentro de casa pelo meu companheiro. Então por eu nunca ter passado por isso, eu também não aceito que as minhas vizinhas, minhas companheiras de luta passem também. Aí vem esse processo de conscientização, de chamar, conversar, explicar que aqui dentro a prioridade é dela, que os

direitos a gente vai garantir pra mulher, para os filhos, tem muito disso aqui dentro, né? Tipo “ah, um casal se separou”. Aí vem o marido e vem a mulher aqui “Ah, Patrícia, mas eu gastei com isso”. Eu disse: “não interessa, a prioridade aqui é da mulher”, né? O homem, ele consegue se virar, mas a mulher, não, a mulher tem que cuidar dos filhos, tem que cuidar dela. Não que ela não seja capaz, mas eu acredito que ela lutou muito para conquistar isso aqui, ela tem que ter um direito garantido, porque se a gente nega esse direito pra elas dentro de uma comunidade que luta por dignidade, o que que a gente defende aqui, né?

VM: É, agora tu mencionou que é mulher tem prioridade porque é ela que vai ficar com os filhos. Será que isso não tem relação com o papel de liderança das mulheres na Contestado?

PO: Também, também. Mas, é, a gente não quer repetir aqui dentro uma cena onde um homem fica dentro de casa, enquanto uma mulher com dois, três filhos ficam na rua, a Deus dará. Então a gente prioriza muito a família, assim, a gente entende que é muito mais fácil para uma pessoa sozinha se virar do que uma mãe com tantos filhos. E a gente não... Eu não acho justo, né? Vou dar um exemplo: se eu e o Dago nos separássemos, eu sair com meus filhos e ele ficar em casa. É óbvio que eu sei que isso jamais aconteceria... Mas eu não sei, não acho justo, né?

VM: Mudando um pouco de tópico, mas ainda sobre é sobre relação de gênero em uma das primeiras perguntas a gente falou da polícia, né? A polícia disse que vocês estavam colocando seus filhos em risco. Foi um policial que falou isso.

PO: Sim.

VM: Como é a relação da comunidade com a polícia naquele caso e como ela foi nesses anos todos?

PO: Olha, a polícia se tornou uma grande inimiga da comunidade, porque eles nunca vem aqui para zelar pelas famílias, para garantir os nossos direitos, eles sempre vêm pra coagir, pra destruir o que a gente constrói, para intimidar os moradores, para intimidar as crianças, famílias, para desrespeitar as pessoas, sempre de forma bem truculenta, bem agressiva. Então, a gente não vê eles como pessoas de bem, que vem aqui para defender a população brasileira para fazer o que eles tem que de fato fazer, né? Eles vêm aqui para chamar a gente de vagabundo, marginal, invasores de terra, dizer que a gente não tem direito a nada e que eles vão ter muito prazer de acabar com a nossa comunidade, destruir tudo que a gente construiu. Essa é a realidade.

VM: Você sempre teve a sua opinião sobre a polícia?

PO: Olha, eu nunca tive proximidade com a polícia. Porém é... Como é que eu vou te dizer? Eu não vou dizer que eu era um defensora da polícia, mas eu não via eles com esse grau de inimizade que eu tenho hoje, né? Para mim era polícia, estão fazendo o trabalho deles. Sei lá o que que eu pensava. Eu acho que era uma pessoa muito burra, na verdade, muito leiga. Eu

acho, né? Porque às vezes a gente não se atenta às coisas que acontecem ao nosso redor. Eu acho que quando a gente não trabalha pelo coletivo que a gente olha nosso próprio umbigo, a gente não vê muita coisa que acontece, né? Então a gente não vê e não quer entender o que realmente está acontecendo. Agora muda quando tu faz parte de um coletivo, mesmo que ela não esteja fazendo pra ti, ela tá prejudicando alguém que é próximo e tu tá vendo que aquilo ali tá errado, que não é justo que eles estão fazendo, aí a tua visão muda totalmente.

VM: É, a comunidade ocupou uma academia da PM, você pode contar essa história?

PO: Isso, a gente ocupou o Batalhão da Polícia, a Superintendência da Polícia da região da grande Florianópolis. Eu não lembro bem a data, mas eu lembro que a gente vinha sofrendo muitas ameaças. A polícia entrava, botava fuzil na cabeça da criança, botava os nossos filhos no paredão, entrava, quebrava os móveis das famílias, jogava as roupas no chão, humilhava as mulheres. Então eles faziam muito assédio aqui dentro, né? Muita violência com as famílias, com a comunidade. Então isso foi gerando uma revolta e a gente não queria mais passar por aquilo ali, porque chegou ao ponto de eles pegarem baionetas e furarem todos os pneus, os pneus dos carros que estavam estacionados ao redor da ocupação. Entrava dentro da casa das pessoas, quebrava a porta de armário, quebrava a máquina, jogava as comidas no chão. Eles não olhavam se tinha criança ou não botavam o fuzil e não queriam nem saber. Começou a gerar uma revolta e a gente começou a querer ir atrás dos nossos direitos, porque eles não estavam vindo aqui para pegar um bandido ou vir atrás de uma operação que fosse, né? Não, eles estavam vindo aqui para intimidar as famílias e fazer com que a gente desistisse de tudo e fosse embora e, dessa forma, eles usavam muita violência. Com os pais de família, com os adolescentes e até mesmo com as crianças.

VM: Mas vocês decidiram ocupar ou foi uma coisa que aconteceu meio...

PO: É, na verdade, a gente queria abrir um diálogo, né?

VM: Aham.

PO: Com o comandante e daí a gente foi atrás dos direitos humanos, a gente foi atrás de advogados, a gente foi atrás de uma rede de apoio muito ampla, para a gente não chegar lá... Porque é óbvio que a gente é o lado mais fraco, sempre sairia prejudicado, aí eu lembro que eles estavam lá na negociação. E daí meio que teve algumas falas lá que não eram verdadeiras, aí o pessoal meio que se revoltou. A gente amarrou um pano preto no no rosto e a gente ocupou a polícia, porque a gente queria gritar lá dentro e falar que o que eles estavam fazendo era assédio, que eles estavam passando dos limites, que eles não estavam respeitando as famílias e que o que eles estavam alegando lá dentro não era verdade.

VM: Você acha que a relação da polícia com a ocupação é ela não é também um problema racial? Porque a maioria da comunidade aqui é negra e a maioria da população de Santa Catarina é branca e muita gente liga violência policial com racismo. Eu não sei se isso seria verdadeiro na tua visão aqui dentro da ocupação.

PO: Eu não vejo tanto assim, eu vejo mais mesmo é eles marginalizando um todo da ocupação. Só o fato de você morar aqui dentro já é motivo pra eles te dar um enquadro, te colocar no paredão, te amedrontar, de entrar. Claro que tem esse agravante, né? Mas eu acho que o fato da gente ser morador de uma ocupação urbana...

VM: É o que pesa mais?

PO: Pesa mais.

VM: Questão mais política, por assim dizer. Em relação às prefeituras de São José durante a ocupação. [Patricia faz expressão de impaciência, eu rio] Foram duas, duas pessoas que ocuparam a prefeitura, né? Foi a Adeliana e o Orvino. Como é que era a relação com cada um.

PO: Horrível, a Adeliana foi uma pessoa que teve a mesa de negociação. Mas a mesa de negociação só teve porque a gente ocupou a prefeitura e disse que não ia sair de lá se ela não recebesse a gente. Tanto é que ela ficou oito anos empurrando com a barriga e não resolveu nada, então eu não digo que seja... que foi uma coisa que caminhou. E o Orvino, para mim foi a pior gestão que eu já vi aqui dentro. Ele é uma pessoa que não abre diálogo, não tem conversa e é bem difícil, bem difícil, assim. Eu acho que essa gestão aqui do município de São José é muito... Ai, para não falar alguns palavrões, olha pra mim, é uma das piores que existe.

VM: Você acha que o clima político nacional interferiu de alguma forma aqui na ocupação.

PO: Olha, quer dizer assim, depois que Bolsonaro entrou no poder?

VM: As mudanças que ocorreram desde 2012.

PO: De certa forma, sim. Porque quando a gente tá numa mesa de negociação vê que as coisas caminham, param, caminham, param e depois do golpe que a Dilma sofreu a gente viu que as coisas estacionaram, né? Que aquelas pessoas que na verdade teriam que tá ali ajudando a gente e ficaram de certa forma enganando. Porque, falando que estavam construindo uma coisa que não estava sendo feita. Eu acho que isso prejudicou bastante o andamento das negociações aqui dentro da comunidade.

VM: Assim, agora com Minha Casa Minha Vida voltando, tipo, vocês esperam alguma coisa? Como é que está o clima político da ocupação em relação a isso?

PO: Eu posso dizer que a gente tá calejado, assim, sabe, a gente não acredita mais em promessa nenhuma. A gente quer ver o concreto, a gente quer ver aquilo que vai dar resultado, então quando eu falo que a gente corre atrás que a gente vai buscar, infelizmente quando a gente tá caminhando, quando vê leva aquele balde de água fria, né? Quando a gente acha que tá chegando lá no topo vai lá e dá aquela enxurrada, desce novamente. O que a gente

quer de fato é construir algo que seja concreto e eu quero dizer assim ó: que às vezes depois de tantos anos, algumas famílias se sentem assim um pouco desmotivadas, se sentem um pouco assim cansadas, como eu me sinto algumas vezes, mas daí a gente para começa a analisar, começa a ver que se a gente parar, o que que vai ser da comunidade? Aonde tu cria aquele fôlego: vou correr, vou lutar, vou buscar, vou tentar arrumar formas de que as coisas aconteçam de uma maneira mais rápida, mas é muito difícil, é muito difícil. Infelizmente esse sistema é muito difícil, assim. Ele não ajuda em nada assim.

VM: Que sistema?

PO: Esse sistema é da política mesmo. Eu acho que tudo é uma máfia. Eu no meu ponto de vista eu acho que tá tudo, eu acho que tá tudo dentro de um balaio só, né? Porque é às vezes quando a gente tem alguma audiência, a gente tem alguma mesa de negociação, do nada a polícia aparece aqui, do nada acontece alguma coisa, eu acho que não é tudo por acaso. Eu acho que é uma... é uma máfia muito grande. E é nós contra a cúpula, né?

VM: Nós quem?

PO: Nós famílias, os menos favorecidos, no caso. É a gente lutando por dignidade e eles negando para gente, né? E tentando fazer com que a gente sempre seja o vilão da história, sempre seja aquela pessoa que tá ali para enfeiar a cidade, para ser os marginais, para ser o joio. Não sei se eu tô conseguindo passar para ti muito bem. Pensa assim tipo que a prefeitura tenta sempre quando a gente senta na mesa de negociação é dizer “ah mas vocês são isso”, “vocês são aquilo”. Até um auxílio, um benefício, um auxílio alimentação do município, uma família daqui que vai lá tentar pegar um alimento, que é direito, ela tem que ser humilhada pra conseguir, tem que ser complicado assim.

Entrevista 2, parte 2

VM: Entrevista dois, áudio três. A gente falou um pouquinho sobre Minha Casa Minha Vida, você parece ter falado um pouco sobre política, assim de uma forma mais geral. Isso vem ao encontro aqui da minha última pergunta: é o que você vai fazer caso a prefeitura, o governo federal, não sei, qualquer entidade “dê” o projeto habitacional do Contestado. Qual vai ser... O que você vai fazer da vida?

PO: O que eu vou fazer? Eu acho que eu vou continuar na luta, eu vou continuar. Eu não me vejo mais aquela pessoa que vai se acomodar com alguma coisa. Eu acho que em todo lugar que alguém tiver precisando e eu tiver oportunidade de ajudar, vou estar lá. Exemplo disso é uma família que perdeu um ente querido e não consegue enterrar a pessoa da sua família, por falta de dinheiro. Eu, sabendo que eu posso ajudar, sempre vou estar lá presente. Uma pessoa que sofre alguma violência... a Patrícia vai estar lá enfiada. Então quero dizer que eu quero continuar, sim. Não é porque eu conquistei, eu chegasse a conquistar alguma coisa, eu me acomodaria com aquilo ali. Não seria eu, se fizesse isso, né? Eu não ia conseguir jamais, acho

que o meu propósito seria tentar mudar um pouco essa realidade de hoje. Que é uns com tanto outros com tão pouco, e muitas pessoas sendo vítima dessa sociedade maldita, sabe, que eu falo maldita porque tem muitas pessoas, assim, que aplaudem, a situação de algumas famílias. Elas têm prazer de ver as pessoas se dando mal, se prejudicando. Sendo submetida a esse tipo de situação, que a gente vive hoje em dia. De discriminação e violência. É muito complicado, assim...

VM: Mas então qual sociedade você queria?

PO: Eu queria fazer a revolução [risadas], aí eu queria tudo diferente, eu queria que meus filhos não passassem por tudo que eu passei, eu queria que os filhos deles pudessem ter dignidade na vida, né? De uma maneira justa, eu queria que eles pudessem olhar para trás e dizer “hoje, né, se a gente tá assim é porque muita gente batalhou muito, lutou muito” e usassem aquilo pra ser de exemplo pros filhos deles, e pros filhos e assim por diante. Que eu acho que tudo que a gente, que posso deixar pro meus filhos é o conhecimento, então quando chego pra eles e falo “estudem”, “tentem fazer diferente”, “não deixa com que as pessoas diminuam vocês”, “mostre que vocês são capazes”, eu acho que o que eu posso passar pra eles a herança que eu tenho pra passar pra eles é isso.

VM: Uma filha sua recentemente passou pro serviço social na UFSC...

PO: Sim, nossa foi um orgulho imenso assim. Quer dizer que isso pra mim, pro meu marido, isso mostra que a gente não tá totalmente errado, que tudo que a gente tá fazendo tá trazendo consequências boas, né? Que pelo menos o estudo, a orientação, a educação que a gente tá passando para ele está correto, assim. A gente entre acertos e erros, a gente tá acertando mais do que errando.

VM: É, uma coisa que eu notei é quando você falou, quando você fala de conquistas pessoais você fala de coisas de coisas políticas também e vice-versa. Isso da Ketlin passar você vê como uma conquista política?

PO: Como assim?

VM: Por que você falou meio como “é um sinal de que tudo isso que eu e o Dago estamos lutando... que está...”

PO: É, eu acho que ela vê a realidade que a gente vive hoje, então que a gente tenta passar pra eles não viver tudo que a gente passou, tudo que a gente vive, para que eles tenham um amanhã diferente, eles têm que se dedicar, ter um objetivo na vida. Então, eu acho que essa questão que a gente passa dos valores, que eles tem que ser pessoas melhores que nós, que eles tem que ser melhores que a gente. Eu quero muito que meus filhos amanhã, depois, “ah, não, não é igual a tua mãe, tu tá melhor que a tua mãe”, que eles possam ver a sociedade de uma maneira diferente, não se acomodem e achem que tá tudo certo como tá hoje. Porque eu acho que se a gente conseguisse gerar essa revolta de uma maneira, assim, mais geral...

Gente, como tudo seria diferente! Se a gente conseguisse minimamente fazer com que as pessoas entendessem que “ah, os poderosos são poderosos, porque a gente tá aí se submetendo a tudo que eles mandam tudo que eles querem que a gente faça”, talvez as coisas seriam diferentes. Que o rico só fica mais rico porque a gente tá lá, trabalhando pra eles, né?

VM: É... Não, essa questão eu vou deixar pra próxima. Acho que a gente pode fechar aqui.

Entrevista 3, parte 1

VM: Vamos começar, tá? Beleza. Entrevista três, áudio um. Então, Pat, como você percebia a política antes de começar a militar na ocupação?

PO: Ai, eu não... Eu não tinha muito envolvimento, não tinha a clareza das coisas, né? Eu acho que quando a gente é leigo demais, não tem essa visão maior das consequências que cada ato traz para a sociedade, acho que a gente é muito impressionado também... Eu não era aquela pessoa "ai meu Deus", que acreditava em tudo que a mídia fala, mas pra mim era aquela coisa assim que eu não tinha aquela dimensão aquela consciência. "Pô, tem que fazer diferente", "Não, se fosse assim"... Não parava pra pensar nessas questões. Sabia que alguma coisa tava errada mas... não tinha iniciativa, assim, né? Para tentar mudar.

VM: Então quando foi a primeira eleição que você votou?

PO: Nossa, eu vou te dizer que faz muito tempo, senhor! Eu lembro que assim que eu fiz meu título de eleitor, teve alguns momentos que... O meu título não era daqui, era de fora e eu justifiquei meus votos, assim, sabe? Mas é uma lembrança que eu tenho de votar, na verdade a gente procurava votar geralmente quem tem a ver com a família, pessoas assim. Não era uma coisa ligada a partido, né, na verdade [era algo como] “Ah, tem uma pessoa que tá lá ajudando, alguém da família que tá precisando, né, que tá representando” e a gente... Mas, não, não tinha muita aquela coisa assim “Ah, eu vou, eu quero construir isso aqui, vou apoiar isso aqui”. Eu não tinha muito disso.

VM: Mas, tipo, voto para presidente, assim, tu lembra o que que tu levava em consideração de alguma eleição específica?

PO: Ai, eu lembro muito da eleição do Collor, que eu fiquei muito revoltada assim, né? Então, é, as manifestações eu lembro, do pessoal da cara pintada. Muitas vezes eu justifiquei meu voto por não ter, assim, a dimensão do certo, sabe?

VM: Ficou indignada com a eleição no Collor.

PO: Fiquei muito, os absurdos dele...

VM: Tu votou no Lula?

PO: Não, aquela época eu não votava ainda.

VM: Ah, bom, verdade... Então tu não tinha atuação política antes da ocupação, não?

PO: Não tinha, não tinha. Na verdade eu era, quer dizer, nós somos umas pessoas normais, mas eu era uma pessoa leiga. Então tinha meus ideais, tinha minhas, minhas vontades, mas não sabia impor elas, né? De repente não tinha confiança pra defender, pra dizer “não é isso que eu quero, é assim que tem que ser”.

VM: Então você identifica a situação de uma pessoa leiga com uma situação de uma pessoa “normal”?

PO: Não, eu identifico a situação de uma pessoa leiga é que falta de, às vezes, é muitas vezes ela se torna uma pessoa leiga por não ter coragem de expor e de expressar os seus pensamentos, as suas vontades. Não que ela seja uma pessoa que, que não quer uma coisa diferente, mas ela é desacreditada, assim. Eu acho que por muito tempo eu não pensava que seria possível, que seria capaz de tentar fazer algum movimento de tentar reverter alguma situação. Na verdade, a sociedade é a mídia é, ela trabalha para que nós, as pessoas, sejam manipuladas, né? Por informações falsas, e muita gente se deixa levar por isso. Não que ela esteja conformada que aquilo é o ideal, que aquilo é o certo, porém não faz nada para que isso mude, sabe?

VM: Mas, então, na tua opinião a maioria das pessoas é leiga, por assim dizer?

PO: É, porque assim, ó: eu já conversei com várias pessoas que eu vejo que tem basicamente um pensamento semelhante ao que eu tenho hoje, mas acha que não vai fazer diferença ela se manifestar ou não, que não vai adiantar de nada, que se ela não seguir aquilo ali ela pode ser punida de alguma forma, às vezes induzida pela gestão patronal dela, tipo, do serviço. Um exemplo é aquela pessoa da Havan, né? Ela intimida os funcionários dela e às vezes aqueles pais de famílias, que não tem como se virar a eles, se submetem aquilo, né? Mas uma coisa eu posso falar: eu nunca me submeti aos meus superiores, eu sempre me impus muito assim, eles sempre falavam que eu era uma pessoa difícil. Mas não que eu fosse uma pessoa difícil, eu queria garantir os meus direitos dos meus colegas, então posso dizer que eu já tinha um pezinho lá, na construção.

[nós dois damos uma risada]

VM: Então você tinha um pezinho na na construção, apesar de não ser bem uma militante, antes da ocupação, eu tinha uma predisposição a...

PO: [interrompe] Olha, tanto é que eu vou te contar uma história. Eu trabalhava numa creche como merendeira, e daí eu lembro que teve uma vez que o nosso ticket alimentação ele não saiu. E daí a empresa começou a enrolar, aí a direção da unidade da creche, também não deu

muita atenção, né? Eles queriam garantir com que a gente tivesse ali trabalhando, cumprindo horário, mas não se preocupavam que a gente precisava, dos nossos recursos para poder até mesmo ir trabalhar, manter a nossa alimentação. E daí eu lembro que eu comecei ligar pras pessoas e dizer “ó, a gente vai parar, a gente vai cobrar” e a gente conseguiu parar, assim. Eu lembro que a gente não tinha o apoio do sindicato, aí a gente começou a ligar pro sindicato e dizer assim “olha o nosso ticket atrasado e a gente quer ajuda de vocês para ir cobrar, a gente não sabe de quem cobrar, mas a gente precisa de ajuda”. A gente fez uma mini manifestação das merendeiras, a gente foi para frente da catedral e, quando chegou lá, eu comecei assim me destacar entre as mulheres, dizer “não, a gente não pode aceitar menos que isso, né? Um direito nosso!”. Aí quando foi montado uma comissão para subir para falar ali na prefeitura, com o dono da empresa e com o secretário do prefeito, é, eu fui selecionada, aí eu lembro que no elevador, quando a gente tava subindo, tava o presidente do sindicato, advogado e mais algumas três. Aí ele falou “olha vocês deixem que eu falo que não sei o que”, aí eu disse “não, todo mundo vai falar, porque as maiores prejudicadas somos nós. Não tem que ficar quieto, não, tem que colocar a boca no mundo e tem que falar a realidade, não sei o quê”. Aí eu lembro que a gente chegou lá em cima e eu comecei falar, eu disse “tá tudo errado, porque se a gente se atrasa alguma coisa vocês descontam, a gente não tem o direito de ficar doente, mas vocês não se acham no dever de colocar em dia os nossos salários nosso ticket de alimentação, muitas vezes a gente não tem como vir trabalhar, porque o vale transporte não cai no dia a gente tem que tirar do nosso próprio bolso”. Aí eu sei que, tá, aconteceu aquilo ali a gente conseguiu que eles depositassem nossos atrasados e na semana seguinte o presidente do sindicato foi lá me chamar para compor a chapa dele, para fazer parte do sindicato, porque ele disse que pessoas como eu ele queria do lado dele assim, né? Não sei se ele ficou com medo de eu criar uma chapa opositora a ele.

[rimos de novo]

VM: Mas isso aconteceu, isso aconteceu em que ano mais ou menos?

PO: Ai, eu acho que foi em 2012 acho que foi em 2012 ou 2011...

VM: Pouco tempo antes da ocupação, então...

PO: Eu não lembro se eu já tava aqui, mas eu sei que ocorreu isso, eu lembro que eu não tinha um ano de SEPAT, eu entrei na SEPAT em 2011. Eu não tinha feito um ano da empresa ainda, ou se eu tinha fazia muito pouco tempo. Mas foi bem punk.

[meu celular toca, dá para ouvir o hino da União Soviética]

VM: Sim, esse é o meu é o meu toque para acordar, o hino soviético. Então, sobre sobre os governos petistas, assim, qual era a percepção que tu tinhas deles antes de entrar na ocupação?

PO: E agora? É como eu falei pra ti, eu não parava para analisar esse tipo de situação, né? Eu sabia que eu tinha que trabalhar, tinha que correr atrás pra poder sustentar minha família, morava de favor na casa da minha mãe. Porém, a gente sabia que existia a diferença assim... com a classe menos favorecida, né? Eu pelo que eu lembro assim, eu acho que voto pra direita, direita mesmo [reforçando], eu acho que eu dei uma vez no Fernando Henrique, acho.

VM: Então, é então você votava para presidente no PT em geral?

PO: É, na verdade, eu gostava muito assim, eu lembro que uma vez, a gente tava vendo um negócio de partido e tudo eu lembro que tinha aquele “meu nome é Enéias, não sei o que”, que era uma pessoa que tava ali sempre e o Lula também eu lembro dele nas disputas, assim, desde pequena que ele era muito ali, tentando construir a figura dele. Quando ele saiu votei nele, até mesmo por ter aquela... Ver nas outras nas outras figuras a semelhança do Collor, achando que seria uma réplica dele também, assim.

VM: Por que que tu acha que outras figuras seriam uma uma reflexão do Collor?

PO: Eu não sei porque é... as coisas que eram semelhantes às que ele falava, entendeu. E eu lembro que na época do Collor a gente passou por muita dificuldade porque, é, a minha mãe, algumas pessoas da minha família que eu conhecia que tinha uma reserva, que ele foi lá e acabou com tudo. Isso gerou uma certa dificuldade, eu lembro que a minha mãe e meu pai, eles tinham comprado um terreno e eles perderam por não conseguir pagar, né? Por conta dessa toda essa questão que aconteceu, então aquilo meio que mesmo eu sendo uma pessoa, né, mais jovem aquilo ali me marcou, assim. Então eu lembro da minha mãe falando assim “Ai, cês são tudo uns vagabundo, não serve pra pra governar o país”, eu lembro que a minha mãe também ficava muito revoltada e muitas vezes ela anulava o voto dela, por achar que sempre seria a mesma coisa, né? Mas, é, se a gente quer, a gente tem que ir naquilo que a gente acredita para tentar mudar. Eu tenho algumas lembranças assim da minha infância, no começo da minha adolescência, assim que é a revolta que o governo do Collor causou a mobilização que praticamente parou o Brasil, dos cara-pintadas...

VM: Então essa percepção do governo Lula, ela mudou quando começou a ocupação?

PO: Olha, quando a gente, né, mora numa ocupação, o governo que tá na gestão, assim, pra gente, assim, é muito importante, porque a gente já é discriminado, imagine, marginalizado por si só, né? E quando a gente tem, né, um governo de esquerda, não que a nossa vida facilite, mas de certa forma facilita alguns acessos, algumas políticas públicas. Não que vá resolver algo, mas a gente vê um cenário diferente. A gente tem uma perspectiva diferente. Coisas que quando a gente entrou aqui, a gente entrou no governo Lula, e eu lembro que a gente teve portas abertas ali com a SPU, conseguimos encaminhar algumas coisas. Aí a gente viu tudo aquilo se desmoronar com o golpe que a Dilma levou, né? É como se a gente não tivesse construído nada assim. E pior ainda quando o Bolsonaro entrou.

VM: Então, de “rolar” o golpe do Temer, a gente - digo, o pessoal das Brigadas -, a gente criticava bastante o governo do PT. Como é que tu vê retrospectivamente isso?

PO: Olha, eu vou te dizer uma coisa, para mim o governo PT tem muitas falhas. Não defende tudo aquilo que eu acredito, porque eu acho que tem muita barganha, né? Tipo, eu vejo muito esse toma-lá-dá-cá, entendeu? Ceder algumas coisas pra pessoas que não defendem a nossa realidade. Eu acho que isso é um pouco ruim. Entendo que é necessário esse jogo político, mas eu, para um partido de esquerda, para um governo de esquerda eu vi um cenário diferente assim, né? A gente quer uma coisa diferente, na verdade, a gente entende que eles poderiam fazer muito mais pela sociedade, pelo povo brasileiro.

VM: Então, a partir do momento que você entrou na ocupação tava no governo, é 2012, tava no governo Dilma um.

PO: É, no governo Dilma um.

VM: É, como que tu percebeu...

PO: [interrompe] É, na verdade, quando eu entrei ainda tava o Lula, o governo entrou em dois mil e treze, a Dilma.

VM: A Dilma foi eleita em 2010. 2010, 2014, 2018 [listando eleições]

PO: É verdade, verdade, desculpa.

VM: Não, tranquilo, como é que vocês perceberam esses 2 últimos governos, teve alguma diferença de repente para os governos Lula?

PO: Eu não sei, mas eu sentia no governo da Dilma que ela não, ela não conseguia administrar muito bem as ideias que ela tinha, sabe? Ela não conseguia é... [longo espaço] falar e fazer. Porque uma coisa é a gente falar, outra coisa é a gente fazer, a gente cumprir. Muita coisa ficou solta, talvez por isso que a gente tenha patinado tanto, não tenha conseguido concretizar naquela época, as coisas que a gente precisava para construir o nosso projeto habitacional, mas na avaliação do governo dela e comparando a outros, a gente tinha que admitir que era o melhor cenário naquele momento, né? Porque eu lembro de algumas figuras que ela tava disputando assim, bem polêmicas. Pois é. Eu sou muito suspeita em falar porque se eu for colocar críticas eu vou achar mil e uma críticas independente do governo porque o ideal sempre não existiu, né? Sempre ficou muito longe, muito solto, mas também entendo que pra você governar um país precisa de muito mais que ser presidente. Acho que tu tem que ter uma força política e aliados políticos e eu acho que ela não conseguiu construir muito bem esse cenário, assim.

VM: E por que você acha que ela não conseguiu construir?

PO: Olha, Mi, eu não sei se eu vou saber te responder essa pergunta, [longo espaço] como eu vou te falar... mas eu acho que [longo espaço] ela a Dilma ela desde quando ela entrou a gente sabe que ela foi muito boicotada, né? Pelos parlamentares, eles fizeram de tudo pra que ela não conseguisse avançar com as pautas que ela tinha, né? Mas eu acho que ela poderia ser mais firme em algumas questões, tipo, eu sou muito daquele toma lá dá cá tipo... Não sei se é possível, mas eu acho que se um dia eu fosse governar alguma coisa, eu ia dizer “beleza, nem pra um lado nem pro outro”, então eu ia evitar muita coisa que, eu também acho que não caberia no governo, sabe? Mas daí ficou naquela lá “não, eu aceito isso e tu faz aquilo”, aí ela aceitava e quando era no momento dela fazer alguma coisa as coisas não aconteciam. Não sei, acho que foi falta de pulso, assim, acho que ela poderia ser mais é mais firme, mais determinada, defender mais mesmo, assim, a política dos menos favorecidos... Sei lá, eu tô falando também, se faz algum sentido.

VM: O objetivo da entrevista é captar sua impressão então não tem uma resposta certa. A resposta certa é o que você acha, então tipo, enfim, fique... tô falando isso para você ficar mais confortável em falar o que que tu pensas.

PO: Eu penso, eu acho que eu vou resumir: era um governo de esquerda, mas eu era descontente com o governo.

VM: Beleza, é um bom resumo. E quando rolou o impeachment te pegou de surpresa? Qual foi a tua reação na hora?

PO: Nossa quando veio o impeachment, na verdade tudo já se desenhava pra isso, né? Tipo, quando ela coloca, né, o Temer como vice dela, acho que a gente já pode esperar tudo. como agora o Lula colocou o Alckmin. Será que não vamos sofrer um novo golpe? Eu me pergunto muito isso, até onde a gente tem que se submeter, para chegar em algum lugar. É muito complicado. Isso vai contra tudo que eu acredito, sabe? Tipo, será que não seria melhor [ser] ela e uma pessoa que contemplasse mais os ideais que ela tinha.

VM: Quando tu começou a ver as notícias qual foi a reação que tu tinha?

PO: Olha, medo e insegurança, porque não tava o cenário perfeito, eu tinha plena consciência que se o Temer entrasse, aí sim que tudo poderia mudar.

VM: Sim, é o que tu achou da da gestão do Temer, assim?

PO: Ai, horrível, pior possível, e vou te dizer que eu fui quatro dias dentro de um ônibus por Fora Temer. Quatro dias, igual uma sardinha enlatada. E chegar lá para tentar fazer alguma, coisa reverter o cenário, mas eu acho que às vezes a gente espera demais para fazer alguma coisa.

VM: Por que tu acha que o governo Temer era tão ruim?

PO: Primeiro, porque ferrou com tudo, principalmente as nossas negociações, as figuras que a gente lidava que certa forma defendia um pouco, o nosso cenário, foram substituídas por pessoas que julgavam mais do que ajudavam a gente. Trancaram todos os cenários possíveis que pudessem dar acesso à nossa construção do projeto habitacional e o que fez a gente continuar em evidência, continuar garantindo as mesas foi o sacrifício das famílias mesmo, de lá ocupar os espaços, brigar e é isso.

VM: É, em relação às reformas que o Temer tocou, como a reforma trabalhista, tentou também a da previdência, a questão dos do teto dos gastos... Assim é como você vê essas medidas no âmbito um pouco mais geral, não só da ocupação?

PO: Ai, foi uma grande perda, né? Eu acho... [longo espaço, eu faço gesto de começar a falar] Pode falar.

VM: Mas uma perda do que, assim...

PO: Não, eu lembro que na época do governo Temer já estava no sindicato, né? Eu já estava como diretora do sindicato e eu lembro que uma das grandes brigas nossas com o sindicato patronal eram essas reformas trabalhistas que ele tinha feito, onde os menos favorecidos perderam muito direito. Principalmente, é o direito de uma mãe poder levar o seu filho ao médico e garantir com que o tratamento dele fosse feito corretamente. É, nossa, muitas coisas assim lembro que era inúmeras reclamações, era muito pedido de ajuda, eu lembro que tinha muito... Eu digo que os processos triplicaram, né? E muitas vezes a gente não conseguia chegar naquele objetivo de ajudar o trabalhador a conquistar o que ele tinha direito mesmo.

VM: E como tu vê isso como algo que está relacionado a tirarem a presidente do poder?

PO: Eu acredito que sim. Eu acredito que sim, porque, não que as coisas já fossem mil maravilhas, mas o cenário piorou bastante se você for ver.

VM: Por que você acha que rolou o impeachment?

PO: Eu, com certeza, tenho plena clareza que foi um golpe. Porque essas pedaladas fiscais, elas já vinham acontecendo em outros governos, até mesmo um governo de direita. E quando chegou na Dilma aquilo ali foi feito a ferro e fogo e onde ela perdeu, né? Sofreu impeachment, mas a pressão também foi grande que eles tipo “cancelaram” ela, vou falar mais ou menos assim, mas não deixaram ela inelegível. Tipo eu lembro na época do Collor ele ficou inelegível por 8 anos. E o da Dilma pelo ocorrido pra ter sido um histórico de muitos e muitos anos, que eu acredito assim, ó, não vou dizer que não houve roubo, houve. Mas é muita coisa que estourou no governo do PT era coisas assim de anos e anos que já vinha acontecendo, acontecendo, e quando implodiu no governo de direita [aqui conferimos com a entrevistada que ela quis dizer “esquerda” onde está “direita”], porque para eles é mais cômodo é jogar a culpa toda para os “comunistas”, que, pra muita gente, eles acham que a gente quer destruir o país, que a gente quer acabar com tudo, porque a gente quer mais

igualdade social pra todos, a gente quer que acabe essa coisa que uns com tanto e outros tão pouco, as pessoas tenham mais dignidade, tenham mais força de vontade de levantar de manhã e, “ó, eu vou batalhar porque eu tô conquistando, tô conseguindo. Manter minha família com dignidade, não tô sendo explorada”.

VM: Você é comunista?

PO: O que você acha, Mi? [rindo]

VM: Não sei. Eu sou entrevistador, eu faço perguntas, quem responde é você.

PO: E agora? Há quem diga que eu sou, eu não sei, há quem diga que eu não sou. Eu lembro uma vez que eu estava na casa de uma parente minha e aí o marido de uma prima minha chegou, ah, tipo: “aquele bando de comunista, que acham que a vida é um doce, tudo tem que ser do jeito que vocês querem, não sei o que”. Eu sou bastante criticada às vezes, assim.

Entrevista 3, parte 2

VM: Ok, entrevista três, áudio dois. Então, como é que você interpreta, como é que você reagiu à eleição do Bolsonaro?

PO: Com muito desespero. Muito desespero, muita crítica, brigando com todo mundo. Um cenário muito horrível.

VM: Isso na eleição de 2018, né? Por que você acha que essa figura chegou ao poder?

PO: Olha, muitas vezes eu me fiz essa pergunta: como é que a gente deixou essa situação chegar nesse nesse ponto? [longa pausa] É, ele foi tomando uma proporção, foi ganhando um espaço, foi criando uma autonomia foi, sei lá... Quando a gente viu ele já tinha feito uma massa de manobra muito grande, principalmente com as igrejas, que eu acho que foi um forte aliado dele nessas eleições. Acho que foi uma das eleições que senti mais medo na minha vida.

VM: O governo Bolsonaro até a pandemia, como é que foi para você isso esse período?

PO: Pior possível, as coisas só pioraram. Não tem nenhuma lembrança, nem razoável do governo dele. Só tragédia, só retrocesso, só perda de direitos, tudo de ruim.

VM: E o que tu acha dessa volta que ele faz para falar da ditadura? Ele saudou brilhante Ustra no discurso dele no congresso no impeachment da Dilma. Por que você acha que existe essa essa insistência?

PO: Eu acho que ele quer tomar o poder, de qualquer forma, eu acho que se hoje ele pudesse reunir as forças militares e dar um golpe de estado, ele faria, sim. E eu me pergunto às vezes como é que uma mulher, se diz mulher, consegue votar num cara desse que ofende em rede nacional, que bate numa mulher, que xinga, que imita as pessoas que com falta de ar, que faz chacota, sei lá... Minha vontade de falar nesse homem é só xingar ele.

VM: Então, e a pandemia? Como é que vocês lidaram com a pandemia aqui na ocupação?

PO: Olha, eu posso te dizer que a gente não teve perdas na comunidade, porém a gente fez uma força tarefa muito grande de conscientização, de ajuda mesmo, pedindo apoio, né? Tentando garantir minimamente que chegasse o alimento para as famílias e produtos de higiene, de limpeza. Naquele cenário de horror, a gente tentou meio que fazer com que minimamente as nossas famílias fossem consciente do que elas estavam fazendo, se cuidassem, cuidassem dos seus filhos e quando a gente descobria algum caso de contaminação a gente dava toda a assessoria para aquela família, para que ela pudesse ficar isolada. A gente tentou ser uma grande família mesmo pra tentar dar conta, porque, olha, mas muitas pessoas conhecidas assim, perdas de muitas pessoas conhecidas.

VM: Por que a metáfora da família?

PO: A metáfora da família porque, quando a gente tá numa ocupação, uma comunidade organizada, é nos momentos mais difíceis, que a gente vê a união. Onde um defende o outro e onde a gente se abraça, se dá as mãos, e fala: “não, aqui a gente vai fazer o possível e o impossível para que nada aconteça, para que as coisas deem certo, que a gente consiga sobreviver”.

VM: Eu perguntei da metáfora, porque no discurso da extrema-direita sempre aparece. Essa família... Eu queria saber qual é a diferença da família da Pat, para família do “Deus, pátria, família”.

PO: A família da Pati não é perfeita, é aquela família que, cheia de controvérsia, cheia de coisa, mas tem o mesmo ideal e que defende as mesmas coisas, que se solidariza com os menos favorecidos. É aquela família que entende que está tudo errado, que se a gente não fizer algo, se a gente não se unir, se a gente não se der as mãos a gente vai ser engolido e vai ser muito difícil de se levantar. Então, eu falo aqui que na comunidade nos momentos mais difíceis, que a gente vê que a gente se torna uma grande família. É onde a gente se importa com a dor do nosso vizinho, mesmo que ele não seja próximo de ti, mas tu sabe que tu vai estar ali dando apoio, ajudando quando ele tiver uma necessidade, independente de quem for, né? Diferente da direita que a família deles é aquela família que só olha pro próprio umbigo.

VM: Entendo. Antes de passar pra eleição de 2018 [eu quis dizer de 2022] tem uma pergunta que esqueci, mas que é bastante importante. É: porque você escolheu se organizar politicamente, para além de se organizar na ocupação, você entrou pras Brigadas Populares. Por que isso ocorreu?

PO: Eu me identifiquei. Eu comecei a aprender e a ver que aquilo ali era a minha realidade e aquela luta é o que eu queria ser. Eu me identifiquei muito e aprendi muito. Eu não sei o que seria Patricia sem as Brigadas, na verdade. O que seria Patricia, né? Sem o conhecimento, sem o aprendizado que as Brigadas me trouxe, me traz.

VM: Você acha que nesse período tu também não ensinou algo para as Brigadas?

PO: Não sei, de repente, mas eu acho que eu aprendi mais.

VM: Entendi. É porque tinham algumas outras organizações ali no começo da ocupação eu queria entender o porquê dessa escolha, sabe?

PO: Não desmerecendo as outras organizações, mas as Brigadas Populares desde o início... É, não sei, me passava segurança, confiança. Claro que tinha momentos de ajuda, mas não usava assistencialismo para ganhar as pessoas, sabe? Elas tentavam passar pra gente mais os ideais, as lutas, as batalhas, tentavam, tentam até hoje, né? A gente tenta mostrar para as pessoas que a nossa realidade vai ser, pode ser, muito diferente se a gente tiver unido, se a gente lutar, se a gente buscar o melhor.

VM: Então, a Ocupação Contestado ela foi virando uma referência para outras comunidades, incluindo a Vale das Palmeiras, que foi despejada. Mas como é que tu vê esse processo de criação de referência do Contestado?

PO: Eu acho que o contestado ele vem de um crime eleitoral, onde gerou uma grande revolta dessas famílias, que começaram a se organizar e querer mostrar mesmo para o Brasil, para o mundo, que tava tudo errado e que aquilo que eles estavam fazendo com a gente, a gente não ia aceitar, e a gente não ia ficar calado e que a gente ia fazer o possível e o impossível, para mostrar pra todo mundo que é aquela “cambada de vagabundo” como eles, que tacham a gente, que é “aquelas famílias que não querem nada com nada”, que nós somos famílias de bem, porém nós sabemos dos nossos direitos, a gente sabe que a gente precisa estar unido, dar visibilidade para nossa luta, até mesmo para incentivar, estimular outras comunidades, que estão na mesma necessidade que a gente e às vezes a gente ouvir que a gente serviu de inspiração para algumas famílias, para algumas comunidades, para gente é muito importante porque mostra que a nossa luta não foi em vão, que pra alguma coisa ela serve, ela serviu. E a gente expor a nossa situação, expor as nossas famílias, os nossos filhos... É, não foi um erro, foi um acerto e hoje a gente não aceita menos do que a gente acha que é o certo, né?

VM: Última pergunta mais geralzona, assim, é, como você descreveria o projeto de sociedade que você constrói e como tu acha que vai chegar lá?

PO: Olha, eu não sei se eu vou chegar lá. Mas, eu tenho uma meta, sou muito determinada e busco da melhor forma representar a comunidade onde vivo, de uma maneira que contemple a todos e que possa deitar minha cabeça no travesseiro e saber que não tô me corrompendo para

conseguir alguma coisa, que não tô passando por cima de ninguém, que não tô sendo aquela pessoa oportunista. No começo, ali quando as coisas estavam bem acirradas, ali naquela mesa de negociação, onde eu recebo uma proposta “olha, se tu largar a comunidade, a gente consegue uma casa para você” e eu chegar e dizer assim: “eu não quero”. Nossa, eu não sei se muitas pessoas fariam isso, muita gente chegou a me chamar assim: “ah tu é muito burra”. Mas [aceitar essa proposta] fugia de tudo que eu acreditava, então acho que a partir do momento que a voz é do povo fala mais alto, não do individualismo, mas tu sempre tá ali brigando pelo coletivo, tentar da melhor forma estar colocando as famílias em uma situação mais acessível, tentar brigar para que elas tenham direito à educação, à saúde, tem o direito à cidade. Bom, acho que é mais ou menos assim.

VM: Quando quando você fala dessa concepção de direito a saúde da comunidade, ao direito à cidade, ao direito à educação tem pessoas que que creem que dá pra ter esses direitos sem modificar profundamente a sociedade ou sem ou que esses direitos já existem, por exemplo: advogados que dizem que já existe na constituição a função social da propriedade as famílias só tem que esperar, não precisa fazer ocupação, não precisa pressionar de nenhuma forma. Tu acha que tu vê os direitos da mesma forma que esse pessoal?

PO: Nunca, né? Se esses direitos que eles dizem que tá na constituição fossem seguidos a gente não tava nesse caos que é hoje, né? Uns com tanto e outros sem nada. Eu acho que se é um direito tá lá na lei, está na constituição ou então faz essa porra dar certo, toca, bora! Sim, terra pra isso tem. Acho que falta vontade de fazer.

VM: Depois do golpe contra Dilma, você acha que eleger pessoas é o suficiente para conseguir esses direitos?

PO: Não, não, porque a política é muito suja, ela é muito manipuladora e hoje para ti conseguir alguma coisa tem que mover céus e terras. Exemplo é aqui, ó, para a gente conseguir ser atendido num posto de saúde, a gente teve que ocupar a Secretaria de Saúde. Para a gente ser atendido, as nossas crianças irem pra creche, colégio, a gente tem que ocupar a Secretaria de Educação. Para a gente conseguir reivindicar os nossos direitos, a gente tem que ocupar uma prefeitura, porque, se não, por a gente ser morador de ocupação, a gente não é recebido, então é tudo na pressão.

VM: Então, a questão do poder político...

PO: Aliados facilitam, aliados facilitam, mas não resolve.

VM: Idealmente, digo no longo prazo qual ideia qual ideia você tem para pensar que tipo todos esses direitos sejam garantidos. Quem precisa... precisa alguém está no poder?

PO: Eu acho que o povo brasileiro tem que tomar conta disso tudo e fazer a revolução. Acho que a gente tem que radicalizar totalmente. Ai, desculpa, mas essa é minha grande vontade, sabe, pegar aqueles “gravatinha” todo lá, jogar tudo dentro de um valão e cimentar.

VM: Bom, eu acho que isso conclui a nossa entrevista.

Apêndice 2

Presente de Patricia dado ao autor do trabalho. Imagem produzida pelo autor.

